

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

CILENE LIMA DE OLIVEIRA

Aventura, Performance, Sofrimento
Construção de corporalidades em Esportes de Aventura



Niterói 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

CILENE LIMA DE OLIVEIRA

Aventura, Performance, Sofrimento
Construção de corporalidades em Esportes de Aventura

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal Fluminense
como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Mestre

Vínculos temáticos: Corporalidade e Esporte

Linha de pesquisa do orientador: Antropologia do Corpo e do Esporte

Projeto do orientador: Antropologia do Corpo e do Esporte

Niterói 2016

Banca Examinadora

Prof. Orientador – Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Rachel Aisengart Menezes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Esta dissertação tem o intuito de contribuir para a ampliação do campo dos estudos sociais do esporte, colocando em seu escopo os esportes de aventura. Neste sentido, o objetivo principal é compreender a construção de corporalidade nos esportes de aventura, mais especificamente nas corridas de aventura e de montanha, a partir de uma pesquisa realizada em uma assessoria esportiva da Zona Sul do Rio de Janeiro. Apresento os significados destas práticas a partir de três eixos: aventura, *performance* e sofrimento. O primeiro diz respeito à experiência dos atletas junto à natureza e à ressignificação do próprio conceito de aventura. O segundo se relaciona à manipulação das *performances* esportivas para além dos aspectos mensuráveis e racionalizáveis da prática, estendendo-se para a constituição do *self* destes atletas, constituindo, assim, performatividades esportivas, em uma combinação dos elementos quantitativos com outros elementos pertencentes às corridas, como a cooperação, a competição contra a prova e a diversão. Estes aspectos colocam também em questão o ideal de *performance* que foi inculcado ao esporte, segundo a concepção de “culto à performance”, proposto por Ehrenberg. O terceiro eixo, por fim, se refere à positivação do sofrimento como parte importante na significação da diversão que as aventuras adquirem e a negatização que a dor recebe neste processo. Estes três eixos, contudo, foram segregados artificialmente como estratégia analítica, porque todos eles se coadunam e entrelaçam na constituição dos significados da aventura e da corporalidade dos atletas em questão.

Palavras-chave: aventura, performatividades esportivas, corporalidade, sofrimento.

Abstract

This work aims to contribute to the field expansion of the social studies of sport, placing in its sphere the adventure sports. In this manner, the main objective is to comprehend the construction of corporality in adventure sports, more specifically in adventure racing and mountain running, through a research conducted in a sport advisory in Rio de Janeiro's South Zone. The meanings of these activities are presented from three axes: adventure, performance and suffering. The first one concerns athletes' experience with nature and the reinterpretation of the adventure concept. The second relates to the manipulation of sports performance beyond measurable and rationalizable aspects of activity, extending for the self constitution of these athletes, constituting, like this, sports performativities, in a combination of quantitative elements with other elements belonging to the running, as cooperation, competition, competition against the running and fun. These aspects also question the ideal of performance that were instilled to the sport, according to the conception of "cult of performance", proposed by Ehrenberg. Finally, the third axis refers to positivation of suffering as an important part in signification of fun that adventures acquire and the negativation that pain receives in this process. These three axes, however, were artificially segregated as analytical strategy, because all of them associate and interweave in the constitution of adventure's meanings and the athletes' corporealities.

Key-words: adventure, sportive performativities, corporality, suffering.

*Para todas as mulheres, pela luta diária.
Especialmente para três delas:
Minhas avós Laurita Oliveira (que agora mora nas minhas memórias afetivas)
e Cilene Lima.
E minha mãe, Solange Lima.*

AGRADECIMENTOS

Quando Eduardo Galeano diz preferir a solidariedade à caridade porque esta é vertical e humilha e aquela estabelece relações horizontais, tendo a pensar que, na verdade, caridade sem solidariedade não existe. E o contrário também é verdade. Esta dissertação só foi possível porque as duas me ampararam. A caridade veio por intermédio de Deus, e a Ele eu agradeço. Agradeço por ser a esperança dos meus amanhãs, por ser pilar espiritual no decorrer de minha vida e por me conduzir até aqui. Por meio Dele a solidariedade me acompanhou nas figuras das pessoas que me ajudaram neste processo.

Fiz-me plural por meio desta caridade e das solidariedades que através dela se emanaram. Exponho estas solidariedades agradecendo a minha família (tios e primos se incluem), por todo suporte nos e apesar dos conflitos. Minha mãe, minha manhã, meu Sol, D. Solange. Meu pai, Paulo, meu amigo. Meus irmãos, mesmo na distância. Meus avós, por toda luta na roça que virou referência, inclusive, diretamente no caminho acadêmico que percorri: D. Laurita, “Seu” João, D. Cilene e “Seu” Lacy. Minha tia Rosa, tia Suzana, tio Lamar e Nessa por ajudas constantes. Filipinho pelos abraços cheios de saudade toda vez que eu voltava “pro meu aconchego”.

À Fernanda deixo todas as palavras de gratidão que se possa encontrar. Foi cúmplice e maior apoiadora fora do meu núcleo familiar. Por passar por inúmeros perrengues comigo, por “subir sorrindo esta montanha”. Por ter me acolhido em sua família e em seu amor. À sua família não saberia por onde começar... Rita, Walter, Denise, Aninha, vocês foram fundamentais neste processo. Por todo apoio e carinho que recebi, ficarei com uma dívida infinda. Que D. Zulmira, Zulmirinha plantadora de coqueiros, palmeiras (junto com o Dimy), pessoas e sonhos, receba também este trabalho, com carinho.

Ao meu amigo Giovane Nobre, que tem nobreza até do avesso, eu agradeço por todas as interlocuções, reflexões, amparos e afetos. Meu “outro” no mito dos Andróginos. Aqui também incluo meus demais amigos da Educação Física (com um beijo especial para minha amiga do “lá e cá” baiano, Thays). Também aos amigos da Biologia, a distância física e temporal não nos abala (Aline e Ana Paula, principalmente). Aos amigos de repúblicas por toda torcida por mim, por todo carinho

em me receber na “cidade grande” e amenizar minha saudade da roça em todos os anos de terras de Araribóia. Às mulheres da “República das 7 mulheres”, Bia, Renatona, Heloá, Carol, Thamyres. Às mulheres da casa do Tião (aliás, Sebastião Bruno: você tem toda minha admiração e respeito, obrigada por toda ajuda e por ter facilitado minha estadia no meu primeiro ano de mestrado): Rayanna e Karla, minhas companheiras de casa, de faculdade e de torta no fim da tarde. Aos moradores do 701: Dimy, Marco e Gustavo (Diogo e Juliana Pelluso agregados), obrigada pela companhia, pelas partilhas e pelas “anti-manifestações”. Também agradeço ao Persano por me abrir as portas de sua casa no Ingá.

Ao meu orientador Luiz Fernando Rojo, eu sou extremamente grata pela forma como nos orienta neste processo tão difícil. Luiz, na nossa primeira conversa você me disse, com a habitual metáfora dos antropólogos, que quem correria a prova seria eu e que você seria apenas o técnico. Esta sua fala, que também rodeia nossas reuniões de orientação, é o que te faz ser um orientador exemplar. Mas você não se detém. Nesta prova você correu comigo, me incentivou, me ajudou, me apoiou... E isto te faz mais do que exemplar, te faz exímio. Obrigada por todas as leituras, considerações e incentivos.

Aos professores Simoni Guedes, Rachel Aisengart, Edilson Márcio e Ingrid Fonseca sou grata por aceitarem compor esta banca e pela leitura preciosa deste trabalho. Sinto-me honrada de ter a experiência de vocês para acrescentar elementos nesta dissertação. Ao professor Edilson, que admiro, agradeço também por todo acompanhamento nas disciplinas que pude cursar no PPGA, pelas leituras dos meus trabalhos e por compor também a banca de qualificação junto com a professora Simoni. Os apontamentos de vocês foram importantíssimos no prosseguimento da pesquisa. Muito obrigada! A Ingrid, como não agradecer por todo cuidado desde a disciplina no Museu, passando pelas reuniões de orientação, até a força que me deu em Montevideu? Um abraço bem forte pra você, porque sei que gosta dos abraços! Conte comigo!

Em relação ao PPGA-UFF, agradeço pelos amigos de turma queridos! (Renata, Lucía, Nat, Eliz, Elisa, May, Marcela, Daphne, Pri, Moane, Dani, Isabela, pelos momentos fora da universidade. Ao Diano, obrigada por toda ajuda com referências. Nossa troca de figurinhas foi fundamental! E aos demais colegas por compartilharem esse período comigo). Agradeço ao Marcelo pelo profissional raro que é. Por sempre estar disposto a nos ajudar, sempre com mansidão, paciência e eficiência. Agradeço à Fernandinha também, e ao Marcos agora no finalzinho. Aos professores igualmente agradeço: Ana Paula, Renata Gonçalves, ainda não citadas.

Aos queridos do NEPESS: obrigada pela convivência. São referências pra mim.

Aos orientandos do Luiz também não posso deixar de agradecer pelas leituras e pelos estímulos. Este processo começou numa segunda de manhã, se estendeu por elas durante as reuniões de orientação e terminará numa segunda com a apresentação do trabalho que construí com a ajuda de vocês: Raquel, Orlando, Pilar, Renan, Felipe e Sara (espero vocês novamente na terrinha), Gabriela, Dolores, Aline, Estephani, Isis e Camila!

Aos meus professores. Todos eles. Sem eles eu não chegaria aqui, não faria coisa alguma do que fiz. Aos da escola, pelas primeiras reflexões, algumas ainda persistem, só um pouco mais densas agora, e aos das graduações. Meus queridos professores da Biologia da UERJ-FFP e meus queridos professores do Instituto de Educação Física da UFF, todos na luta, todos me inspirando constantemente. Um carinho especial aos que ainda se mantém próximos: Edmundo Drummond (um grande exemplo para mim, um apoiador, um encorajador, um afeto), Waldyr Lins, Sérgio About, Paulo Cresciulo e Martha Copolillo.

Aos “tribulinos”, como assim preferem ser chamados, quão grande é minha satisfação de ter convivido com vocês! Obrigada por me acolherem e me permitirem os olhares observadores e as perguntas constantes. Esta pesquisa devo a vocês todos. Aos professores-atletas e aos atletas-alunos. Aos professores, desde as conversas no mar entre uma boia e outra, aos acompanhamentos de bike pela orla da Lagoa, até as provas que trabalhamos juntos. Aos alunos, desde os treinos nas águas geladas de Copacabana até o luau. A minha família adotiva de Copa, minhas caronas, a professora de boia, aos professores de tenda, a família “monstrinha”. Seus nomes foram trocados nesta dissertação, mas acredito que cada um saberá, neste agradecimento, tomar a parte que lhe cabe.

Aos membros da ACAERJ eu agradeço imensamente todo carinho e recepção nas provas que acompanhei. Todos os cuidados comigo serão sempre lembrados. Vocês me acolheram como parte da empreitada e eu retribuo com estas palavras de gratidão! Todos me ajudaram muito! Obrigada!

Não posso deixar de agradecer também ao meu primeiro interlocutor, por todas as conversas desde aquela em Icaraí! Muito obrigada!

Cachoeiras de Macacu, 9 de abril de 2016.

Assaz o senhor sabe:
a gente quer passar um rio a nado, e passa;
mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo,
bem diverso do em que primeiro se pensou.

O corpo não traslada, mas muito sabe [...].

Grande Sertão: veredas. João Guimarães Rosa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Foto 1: (A): atletas no *mountain bike*. (B): atletas no caiaque. (C): atletas durante o *trekking*. (D): atleta praticando rapel.....p.38
- Foto 2. Mapa de competição. Os quadros no canto direito superior são os espaços destinados para marcar a passagem nos PCs com o.....p.39
- Foto 3: Atletas chegam à Área de Transição de *mountain bike*. Deste ponto trocam de modalidade e partem para o próximo trecho da prova.....p.40
- Foto 4: Briefing na corrida de aventura. À direita, de cinza, voltado para frente, um dos organizadores, que passa as instruções aos atletas, cada um já de posse de seus mapas.....p.48
- Foto 5: Atletas “plotando” seus mapas.....p.48
- Foto 6: Atletas de diferentes categorias da corrida de aventura cooperam entre si para passar as bicicletas por cima de uma porteira. O atleta à direita, inclinado, é o atual campeão brasileiro na categoria solo.....p.49
- Foto 7: Briefing antes da realização de uma corrida de montanha.....p.52
- Foto 8: Atletas durante longa subida em prova de corrida de montanha.....p.94
- Foto 9: Atleta chega ao cume da montanha caminhando em corrida de montanha.....p.95
- Foto 10: O mesmo atleta da foto anterior, agora fazendo pose como que se estivesse correndo.....p.95
- Foto 11: Bandeirola em corrida de montanha “Redefine your limits”.....p.109
- Foto 12: Destaque para camiseta do atleta em corrida de aventura com a inscrição: “Explore seus limites”.....p.110
- Foto 13: Atleta conserta corrente de sua bicicleta que arrebentou em prova de corrida de aventura (Foto: Cilene Lima de Oliveira).....p.135
- Foto 14: Atleta carrega bicicleta sobre os ombros durante subida em prova de corrida de aventura.....p.136
- Foto 15: Atletas atravessam rio em um trecho de corrida de montanha.....p.136

Imagem 1: Anúncio de uma das etapas do Campeonato Estadual de Corrida de Aventura. Destaque meu em vermelho, indicando “Zero Km de asfalto, 100% Off Road” (Foto: comissão organizadora da etapa – ACAERJ).....p.60

Imagem 2: Publicação dos organizadores sobre uma das etapas do Campeonato Estadual de Corridas de Aventura. Comentário com o destaque meu para “AVENTURA montada”. (Disponível na página no Facebook da ACAERJ).....p.62

Imagem 3: Exemplo de planilha de atleta de aventura elaborada pela assessoria.....p.80

Sumário

Introdução	p.14
I. A mudança de foco: movendo as lentes.....	p.18
II. “Eu não sou eu/ nem sou o outro/ sou qualquer coisa de intermédio”: o corpo em campo.....	p.21
III. A entrada em campo.....	p.23
IV. O pórtico de largada: a assessoria.....	p.24
Capítulo 1: “Sem pódio na chegada ou beijo de namorada”: a construção da aventura nas corridas de aventura e de montanha.....	p.30
1.1 Campo esportivo: entre disputas acadêmicas e concepções nativas.....	p.30
1.2. Corridas de aventura e de montanha: origem e conceituação.....	p.37
1.3. “Mas o que você ganhou?”: a experiência da aventura.....	p.46
Capítulo 2: “Qual é o teu <i>pace</i>?”: técnicas corporais e performatividades esportivas...p.66	
2.1. <i>Performatividade</i> esportiva: corpo como fonte e local da experiência.....	p.67
2.1.a. <i>Performance</i> esportiva.....	p.68
2.1.b. <i>Performance</i> nos Estudos da Performance.....	p.70
2.2. “Qual é o teu <i>pace</i> ?” técnicas e performatividades.....	p.78
2.3. Entre monstros e guerreiros.....	p.98
2.4. “Redefina seus limites!”.....	p.104
Capítulo 3: “É ruim, mas é bom!”: a construção do atleta de aventura <i>apesar</i> da dor e <i>através</i> do sofrimento.....	p.111
3.1. O indivíduo e a dor.....	p.114
3.2. Redefinindo limites <i>apesar</i> da dor.....	p.121
3.3. Redefinindo limites <i>através</i> do sofrimento.....	p.133
Considerações Finais: O pórtico da chegada.....	p.145
Referências Bibliográficas.....	p.148
Anexo.....	p.156

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere no “campo dos estudos sociais do esporte”, como definiu Gastaldo (2010), ou no “campo das práticas esportivas”, como chamou Simoni Guedes (2011). Ambas as definições se referem a produções acadêmicas, grupos de pesquisa e grupos de trabalho em congressos, simpósios e reuniões, de onde podem se destacar a participação de áreas como Educação Física, Sociologia, Antropologia, História, Comunicação, Educação dentre outras, que se dedicam a estudar o esporte enquanto fato social.

Guedes (2011) aponta que este campo começou a se constituir no início da década de 1980, com o texto fundacional de Roberto DaMatta, “Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, no livro “Universo do Futebol”, organizado pelo mesmo autor. No entanto, no final da década de 1970 já se anunciavam os primeiros trabalhos que se constituíram como pilares nos estudos sociais do esporte neste país. Destacando-se aí a dissertação de mestrado da própria Simoni Lahud Guedes: “Futebol Brasileiro: instituição zero”, em 1977. Se ampliarmos o contexto para a América Latina, Pablo Alabarces (2011) sublinha que até os anos de 2002, com exceção do Brasil, demais países como México, Colômbia e Argentina, por exemplo, pouco produziam neste campo de estudos. Além disso, a pesquisa dedicada aos esportes enfrentava dois problemas, como destaca ainda o mesmo autor: o de produzir sem bibliografias prévias e o de ser banalizada e desacreditada nas Ciências Sociais. Depois disso, contudo, o campo veio se expandindo de maneira considerável. Alabarces (2011) abriga-se no termo “saturação”, por exemplo, para falar do número de trabalhos que foram apresentados nas reuniões, como o XXVII Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia (Alas), e a VIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) do ano de 2009. Não se poderia falar, portanto, como nos anos anteriores, em uma ausência dos estudos dos esportes como fenômeno social, mas em uma produção cada vez mais “complexa, rica e variada”. Destacam-se aí, agora de volta ao contexto brasileiro, as produções que se seguiram depois de Simoni Guedes e Roberto DaMatta, e que foram fundamentando o campo das práticas esportivas: a obra de Luiz Henrique de Toledo (1996), sobre torcidas organizadas de futebol; de Ronaldo Helal (1990), sobre sociologia do esporte; e de Hugo Lovisoló e Antônio Soares (2001), sobre o futebol; e

eu destacaria também a tese de doutorado de Arlei Damo “Do dom à profissão”, de 2007.

Embora, depois destes estudos, tenham se avolumado as produções científicas no campo do esporte como um fato social, as produções que se seguiram, notadamente, dedicaram a maior parte das atenções ao futebol. Era comum, por isso, ver nos Grupos de Trabalho (GTs) de reuniões e congressos dos estudos sociais, sobretudo na Antropologia, no início dos anos 2000, uma enxurrada de trabalhos sobre o esporte mais popular do país, embora tenha se observado a tentativa de estabelecer um campo de estudos mais amplo. Por exemplo, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), dos anos de 2002 e 2003, surgiu o grupo “Esporte, Política e Cultura”. A partir de 2009, no entanto, como havia já mencionado o apontamento de Alabarces (2011), o volume de produções no campo das práticas esportivas era considerável, era possível perceber um crescimento exponencial em relação aos primeiros anos de 2000. A exemplo da Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), do ano de 2015. Onde, dos nove trabalhos apresentados no GT 100, intitulado “Perspectivas antropológicas no esporte e no lazer: corpos, gêneros e sociabilidades”, cinco falavam sobre outras práticas, como o jogo de malha e a natação, por exemplo.

Aponto estes dados porque a constituição deste campo, ainda em expansão em relação às produções sobre outros esportes, me fez trilhar uma jornada quase solitária (quase porque os trabalhos de Marília Bandeira foram o que me conferiram interlocução neste processo) nas reuniões e congressos que frequentava, o que, confesso, me desanimava profundamente. Isto porque, apesar de já ser possível notar um considerável crescimento nas pesquisas sobre outras práticas esportivas, além do futebol, as práticas a que me dedico nesta dissertação, ainda são pouco exploradas. A insuficiência de interlocutores nos ambientes em que circulei durante os dois anos de mestrado, no entanto, me fez também perceber a importância de ampliar o curso do campo dos estudos sociais do esporte, apresentando novas práticas que já possuem boa história para contar e que, inclusive, em outras áreas já vêm sendo estudadas desde a década de 1990. Refiro-me aqui, mais especificamente, aos esportes de aventura. Atividades que, não apenas se realizam na natureza, mas dependem dela para se constituir como tais. Podem-se destacar três principais movimentos que marcam a ligação entre a atividade física e a natureza: o primeiro diz respeito às ginásticas filantrópicas realizadas em ambientes abertos, entre os séculos XVIII e XIX, o segundo se relaciona ao

desenvolvimento da aptidão física em ambientes ao ar livre, como faziam os escoteiros, por exemplo. O terceiro movimento refere-se ao interesse nas corridas em ambientes naturais, entre as décadas de 1960 e 1970 (MARINHO, 2001). É nesse período que os esportes de aventura na natureza começam a se definir.

O período é capital porque foi palco de uma série de acontecimentos, como acidentes ambientais de grande escala (daí um marco é a publicação, em 1962, do livro “Primavera Silenciosa” da norte-americana Rachel Carlson, que denunciava o uso indiscriminado de pesticidas na natureza) e o avanço dos conhecimentos a respeito do meio ambiente, juntamente com o ganho de espaço de movimentos ambientalistas. A partir daí instâncias internacionais começaram a explorar estratégias tanto para a diminuição dos grandes impactos ambientais, que ora se anunciavam, quanto para sensibilizar as sociedades a respeito desta problemática. Decorrendo daí importantes reuniões, como a Conferência de Estocolmo e a 1º Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a RIO 92. Embora eu vá explorar essa questão no Capítulo 1, é importante destaca-las aqui porque é partir dessas configurações que começou a se anunciar uma interiorização da problemática ambiental pelos indivíduos e que foi sendo incorporada e cada vez mais articulada para a disseminação dos esportes de aventura.

Neste sentido, os esportes que serão explorados nesta dissertação surgiram do entrelaçamento destas questões. No entanto, o que parece ter sido uma incorporação dos discursos preservacionistas aos moldes dos movimentos ambientalistas que faziam ressoar o discurso rousseauiano, do “bom selvagem”, foi uma conversão deste discurso ecológico protecionista para uma vertente fenomenológica de significação da natureza, combinada com uma mirada contemplativa. Neste sentido, os esportes aqui abordados construíram uma significação para sua prática que envolve aventura, *performance* e sofrimento. Todos eles caminhando conjuntamente para conferir sentido a estar na natureza praticando uma atividade física.

Apresentarei aqui um estudo sobre a construção de corporalidades em dois tipos de esportes de aventura: as corridas de aventura e as corridas de montanha. As primeiras constituem-se de uma prática multiesportiva, onde os atletas precisam percorrer uma área somente através da orientação cartográfica, isto é, com o uso de mapas e bússolas, com o objetivo de encontrar alguns Pontos de Controle (PC), indicados pela organização, até alcançar a linha de chegada. É um esporte que pode ser realizado em quartetos (podendo ser: mistos, masculinos ou femininos), duplas (igualmente ao

anterior) e individualmente. Nos casos em que são realizados em quartetos e duplas, os atletas têm que chegar juntos a todos os pontos de controle e à linha de chegada e trilham todo o percurso remando, correndo, pedalando e escalando, trocando de modalidade a cada Área de Transição (AT). Nos pontos de controle os atletas podem encontrar um picotador, que é um tipo de alicate que perfura uma parte do mapa, para que se comprove que esteve lá, ou ter que encontrar algum ponto indicado pela organização. As provas podem durar horas, dias ou, até mesmo, uma semana, ficando por conta dos atletas o provisionamento de água e comida. É um esporte que busca ser organizado em áreas com pouca interferência humana.

As corridas de montanha, por sua vez, são provas de uma única modalidade (a corrida), onde não é necessário o uso de mapas para sua orientação, já que a organização delimita, ou baliza, o seu percurso. Para se caracterizem como tal, têm que ser realizadas em áreas que contenham subidas e descidas em altitudes acima dos 250 m. Essas corridas podem ser realizadas individualmente, em grupos ou duplas, mas, ao contrário das corridas de aventura, essa configuração se dá por revezamento, isto é, cada integrante dos grupos ou duplas percorre apenas um trecho da corrida, que consiste apenas em correr até a linha de chegada, seja a linha de chegada da transição com outro integrante, seja a linha final.

Devo dizer ainda que as corridas de montanha aparecem como elemento de contraste nessa pesquisa. Isso porque comecei a acompanhar os atletas de corrida de montanha em um período onde os atletas de corrida de aventura não estavam aparecendo para treinar na assessoria que escolhi para ser o lócus da pesquisa. Por este motivo os professores desta assessoria, que também são atletas, me indicaram acompanhar também as corridas de montanha, para que eu tivesse uma possibilidade de observação maior, já que a presença dos demais estava escassa no começo da pesquisa. No entanto, logo depois que me matriculei na assessoria, os atletas da corrida de aventura começaram a aparecer e eu a perceber que, na verdade, estava adotando uma estratégia errada naquele momento, frequentando apenas uma unidade da assessoria, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Em decorrência disto, continuei a acompanhar corredores de montanha, por perceber uma interação entre os atletas deste tipo de corrida e das corridas de aventura. Mas enfatizo que o foco principal desta pesquisa reside nas corridas de aventura, por isso será possível notar uma ênfase maior para os dados construídos em relação a ela.

Minha intenção inicial, antes de entrar em campo, era tentar compreender como as pessoas que praticam estes esportes significam a relação natureza/cultura, mais especificamente no que diz respeito ao relacionamento humano com o meio ambiente, parte por influência de minhas vivências com práticas físicas no meio ambiente, parte por influência de minhas formações em Ciências Biológicas e Educação Física e parte pelo engajamento nas pesquisas sobre esportes de aventura desde a segunda graduação. Pensava eu que, de alguma maneira, os discursos preservacionistas eram o carro chefe das significações destas práticas. Quando, na verdade, estes discursos foram apenas o pontapé para a disseminação destas práticas, como expus. De outro modo, estes discursos, embora tenham sido incorporados e ressignificados pelos praticantes, constituem uma parte da significação que os atletas imputam as corridas em questão. O que vi, na verdade, estava muito além disso.

I. A mudança de foco: movendo as lentes

Embora eu traga muito de minhas influências da Biologia e da Educação Física para a minha forma de estudar e compreender muitos aspectos dos esportes de aventura, esta dissertação se constrói sob as lentes da Antropologia, não por julgar que esta disciplina ocupe um patamar superior em relação às demais, mas por ser este um trabalho que se constitui no sentido da alteridade que a disciplina imputa à constituição de si mesma. Desta forma, destaco a concepção de Antropologia que Mariza Peirano sugere e que faço ressoar:

não são grandes teorias nem abrangentes arcabouços teóricos que a informam [a Antropologia] (embora o estruturalismo tenha sido a grande teoria social deste século) mas, ao contrastar os nossos conceitos com outros conceitos nativos, ela se propõe a formular uma ideia de humanidade construída pelas diferenças (PEIRANO, 1990, p.2)

A ideia de que a Antropologia lida com as diferenças culturais, com o outro, torna mais explícito um pressuposto que é comum nesta disciplina, o de que o conhecimento científico básico se constitui entre teoria e campo, isto é, no movimento dialético entre essas duas coisas. É justamente o entendimento e o conhecimento construído na alteridade, no estranhamento e reflexão diante do próximo, que viabiliza o confronto

com as teorias e possibilita a reflexão e autorreflexão, ou seja, refletir também sobre o próprio fazer antropológico.

É essa consideração pelo ponto de vista de nativo que legitima a Antropologia enquanto ciência que enxerga através de suas próprias lentes, o que não significa que não haja diálogo com outras disciplinas, mas que, necessariamente, a visão a partir de sua epistemologia é própria e particular. Particular no sentido de que pertencente a ela mesma, mas que também se estende ao universal, à compreensão do micro e do macro. Em outras palavras, a observação da diferença produz um jogo de espelhos (PEIRANO, 1990), onde o homem (nesse caso o pesquisador) não se enxerga sozinho, e é o outro o seu espelho, do outro lado do reflexo incrustado neste espelho, ele mesmo.

A intenção, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal Fluminense, era dar continuidade às pesquisas que eu realizava anteriormente, sobre montanhismo. No entanto, como esta dissertação anuncia, este foco mudara. Essa modificação aconteceu por sugestão do meu orientador e eu acatei por acreditar que a mudança poderia me levar a novas percepções e a um exercício mais acurado de focalização. Afinal, já estava estudando o montanhismo há três anos e completamente imersa nas questões que se apresentavam e que estavam sob o ponto de vista da Educação Física e da Biologia, como eu havia pontuado.

Nesse momento o entendimento de que certo distanciamento do montanhismo seria importante, foi crucial. Cabem aqui algumas considerações ainda a respeito da mudança de objeto de pesquisa. Em primeiro lugar vale ressaltar que, embora tenha mudado o foco do montanhismo para as corridas de aventura e de montanha, ainda persisto no estudo dos esportes de aventura, categoria (ainda que com uma nomenclatura não tão precisa, como apontarei no Capítulo 1) onde os três esportes habitualmente são enquadrados. Dessa forma a concepção de que a mudança foi provocada para gerar um distanciamento do que era familiar (o montanhismo) não se justifica, afinal ainda estaria em terreno “conhecido”. Essa discussão em torno da distância mínima para garantir ao pesquisador objetividade em sua investigação é uma das premissas básicas das ciências sociais, como alerta Gilberto Velho (1981). Velho (1981) e DaMatta (1985) elaboraram dois textos que podem nos ajudar a pensar essa questão, mesmo que o contexto de elaboração destes textos seja de uma tensão entre os dois autores.

Da Matta (1985) considera que há dois movimentos metodologicamente antropológicos, o primeiro de transformar o exótico no familiar e o segundo de

transformar o familiar em exótico. A primeira transformação corresponde ao movimento original da antropologia, onde os antropólogos buscavam desvendar/compreender enigmas sociais que se apresentavam em sociedades distintas, a partir dela o pesquisador sairia da sua própria sociedade e iria ao encontro do outro em lugares remotos, e então voltaria para sua sociedade com seus troféus, isto é, os dados obtidos para a sua pesquisa.

Por outro lado, a segunda transformação diz respeito ao momento atual da Antropologia, onde os pesquisadores voltam-se para a própria sociedade. Nesse movimento há um processo de estranhamento do familiar, um processo de retirar as capas daquelas instituições conhecidas e descobrir o exótico que está cauterizado dentro do próprio pesquisador. Entretanto, é Velho (1985) quem acrescenta que o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido. Para ele há uma descontinuidade entre o “mundo do pesquisador” e outros mundos, e é justamente essa descontinuidade que faz com que ele tenha uma experiência de estranheza com situações/instituições familiares. É aqui, portanto, que fica clara a minha intenção de mostrar que a mudança de objeto não foi por considerar que seria preciso me distanciar do familiar para promover uma objetividade e imparcialidade à pesquisa, mas por acreditar que, mesmo em cenário familiar, o sentido de conhecimento das práticas em questão estaria distante. A própria categoria “distância” é complexa, é na própria relação entre pesquisador e nativo, e no exercício da empatia e da reflexão que o trabalho se constrói, como afirma Velho (1981).

Portanto, preciso pontuar que a mudança aconteceu simplesmente por acreditar que os dados obtidos sobre o montanhismo em pesquisas anteriores poderiam limitar o exercício do olhar antropológico, isto é, as informações construídas durante aqueles trabalhos poderiam ainda estar impregnadas nas análises, impossibilitando ir além, avançar em reflexões. Os dados obtidos anteriormente estavam sendo construídos e refletidos em torno de problemáticas ambientais, o olhar que lançava estava sob o foco da Educação Física e da Biologia, a mudança viria, portanto, para dar fôlego a novas questões, agora sob o ponto de vista da Antropologia, e mais especificamente da Antropologia do Corpo e do Esporte, linha que me vinculei assim que ingressei no mestrado.

II. “Eu não sou eu/ nem sou o outro/ sou qualquer coisa de intermédio”¹: o corpo em campo

A partir desta noção, de que agora as considerações e análises que busco fazer a respeito do objeto de pesquisa estão sob o ponto de vista da Antropologia, dou ênfase a uma concepção de Antropologia como ciência que permite refletir e compreender o mundo, as pessoas, instituições etc., por detrás de uma lente própria, cujas características compartilho com Bandeira (2012): uma ciência que levanta e problematiza questões e que privilegia o “ponto de vista dos nativos”. Para o alcance desse novo olhar adoto, como técnica de trabalho de campo, a observação participante. Se fizermos uma pequena referência a Malinowski, um dos primeiros a sistematizar a etnografia, notaremos que a indicação deste autor para a concretização do trabalho de campo era estabelecer uma “harmonia com a cultura e com a vida cotidiana de seus nativos” (1976, p.21). Essa harmonia poderia supor uma ideia de um pesquisador semicamaleão (GEERTZ, 2006), que se adapta perfeitamente ao contexto que pesquisa. Contudo, este é o tipo de empatia que não acontece tão facilmente. Há inúmeros percalços no trabalho de campo, além de uma diferença entre aqueles que pesquisam e aqueles que são pesquisados, retomando Velho (1981). No meu caso, por exemplo, há uma diferença de habilidades, de condicionamento físico, econômica e de visão política, por exemplo. Neste sentido, minha identidade fragmentada neste campo me fazia acionar apenas os aspectos que fossem necessários à pesquisa, para que o conflito entre o outro e suas posições, e o “eu”, considerando como um todo, não interferisse negativamente na realização deste trabalho.

A perspectiva colocada por Geertz é fundamental para compreender a técnica adotada por mim para estabelecer uma relação entre pesquisador e objeto: a, já citada, observação participante. Sob o ponto de vista do autor referido, o antropólogo não precisa se tornar um “camponês no arrozal ou um sheik tribal” (2006, p.90) para compreender os sistemas simbólicos do ponto de vista do nativo. Minha intenção não é, portanto, me tornar uma atleta de corrida de aventura, ou de corrida de montanha, mas vivenciar estas práticas. Assim como, por exemplo, a intenção de Rojo (2012) em seu trabalho sobre naturismo não era a de se tornar um naturista, mas viver nu, como os tais,

¹ Trecho de um poema de Mário de Sá Carneiro, posteriormente musicado por Adriana Calcanhotto.

ou como a de Wacquant (2002) não era se tornar um pugilista, mas experimentar o boxe no *gym*.

Ainda tomando o trabalho de Rojo (2002) como exemplo, é possível destacar que o método adotado por ele em campo não pretendia mascarar sua identidade. O autor deixa claro que sua intenção em eleger a observação participante está mais sob a perspectiva de Favreet-Saada, deixando-se afetar pela experiência em campo. É justamente a partir daí que Rojo constrói seu argumento em via de mão de dupla. Ao não excluir, de sua análise, a posição de seu próprio corpo em campo, o autor destaca a importância da superação do tabu da “sexualidade do pesquisador em campo” e, ao mesmo tempo, colocando-se neste lugar, o autor constrói também um meio através do qual suas observações foram orientadas. Isto é, viver nu e realizar as atividades que os naturistas realizam, não levou Rojo (2002) a considerar que esta experiência o permitisse sentir como eles, ou reagir como tais, mas que poderia sentir como “diversas situações do campo agiam sobre o seu próprio corpo”. Em contrapartida, essas situações o levaram também a analisar como os próprios naturistas construíam sua corporalidade a partir de suas próprias concepções, já que o corpo do pesquisador estava disponível para observar e experimentar, não mais reduzindo o trabalho de campo apenas àqueles sentidos comumente privilegiados, a visão e a audição. De modo dialético o corpo do pesquisador e do pesquisado se colocam em evidência na análise da construção da corporalidade dos naturistas.

Nesta pesquisa a estratégia da observação participante orienta-se por estas justificativas elaboradas por Rojo (2002) em seu trabalho, sendo agregadas aqui as estratégias propostas por Favreet-Saada (1990), tal como Rojo realizou em sua pesquisa, e também por Loic Wacquant (2002). Deste, a aproximação com Bourdieu traz grandes contribuições para o fazer etnográfico que aqui realizo, a técnica em si, e ao próprio decifrar dos esportes de aventura. Isto é, ao colocar meu corpo à disposição das práticas em questão faço da experimentação e da participação não apenas instrumento de comunicação e de conhecimento, como propõe Favreet-Saada, mas, com isso, acabo por ratificar que o conhecimento das atividades aqui consideradas acontece pelo corpo, como afirma Bourdieu e se apropria disso Wacquant (2002). Em outras palavras, só poderia conhecer os esportes de aventura com e por meio do meu corpo. Faço aqui a aproximação com estas teorias para justificar essa afirmação, mas posso também recorrer ao próprio discurso nativo, ao usar o que um professor da assessoria (também atleta de esportes de aventura) me disse sobre o privilégio do professor de Educação

Física. Segundo este professor, o docente de Educação Física possui a possibilidade particular, ao contrário de outros professores, de saber com mais exatidão o que o aluno sente no processo de aprendizagem, porque ele está com o seu corpo disponível para isso, ele também passou por processo parecido na demonstração de determinados exercícios. Nesta fala o professor corroborava a minha estratégia de observação participante, já que conversávamos a respeito disso e ele concordava que essa técnica me faria experimentar e entender como se processa a aprendizagem e realização de uma corrida, seja de aventura ou de montanha. Um aluno que participava da conversa chegou a dizer “é, você não vai sentir como os outros sentem, porque isso não dá. Mas vai estar o mais próximo disso”.

Dessa forma estas atividades parecem seguir a lógica de algumas outras práticas esportivas, como o boxe e o *rafting*². Em relação ao boxe, Wacquant (2002) defende uma prática que “só pode ser apreendida na ação” (p.120), dotada de uma lógica efetivamente corporal, que não seja intermediada pela consciência discursiva. Em relação ao *rafting*, Marília Bandeira (2012) afirma que não é possível apreendê-lo pela palavra, mas pela experiência, a leitura do rio só acontece descendo por ele, a apreensão teórica desta habilidade dá lugar a uma prática. Se se conhece pelo corpo, como mencionei antes, e se esta noção é corroborada pelos próprios praticantes dos esportes objetos desta pesquisa, a observação participante pode ser uma estratégia mais eficiente, portanto, para apreendê-la e compreendê-la, não como uma forma de sentir como os praticantes sentem, mas como uma forma de comunicação mais efetiva com os praticantes e com a prática.

III. A entrada em campo

O primeiro contato que tive com os esportes de aventura vem da infância. Até o ingresso na graduação em Biologia, vivia em Cachoeiras de Macacu, uma cidade do interior do Rio de Janeiro. Lá, o contato com a natureza e o gosto por atividades físicas me aguçavam uma grande curiosidade por esportes que articulassem a prática à natureza e eu ia, então, em busca destas atividades: *trekking*, *mountain bike*, etc. Aquelas que eu não tinha possibilidade de praticar, como o caso das corridas em questão, eu buscava

² O *rafting* consiste na descida das corredeiras de um rio com um bote a remo, ele faz parte de uma modalidade da corrida de aventura que chamarei de canoagem, mais adiante. Essa modalidade pode ser realizada com caiaques, com botes de *rafting*, ou com barcos comuns.

conhecer por meio de vídeos ou revistas esportivas. Esse conhecimento prévio sobre as corridas, ou melhor, a minha familiaridade com elas (já que, como dito por Velho (1981), o familiar nem sempre é conhecido, e, de fato, meu conhecimento está restrito aos vídeos e reportagens que li a respeito), foi o que contribuiu tanto para abraça-las como objeto de estudo, quanto para adotar a observação participante. Talvez em alguma outra atividade de aventura eu não estivesse tão disposta à experimentação, não por medo do desconhecido, mas por receio dos riscos que pudesse correr, como o caso do próprio montanhismo, que pude acompanhar por muitos anos, mas nunca vivenciei algumas de suas práticas, como o rapel, por exemplo.

Por fim, explico como cheguei à assessoria na unidade da Lagoa Rodrigo de Freitas, em primeiro plano, e na unidade de Copacabana em segundo plano. Depois da sugestão de mudar o foco da pesquisa para as corridas de aventura, em uma reunião de orientação coletiva, organizada por meu orientador, e, logo depois de acatada a ideia, surgiram indicações, por parte do grupo de orientandos, que eu procurasse um certo ex-aluno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF que era praticante da corrida de aventura. Depois de repassado o contato, marquei uma primeira conversa com Carlos. A conversa aconteceu em um bar, próximo às nossas casas. Em tom despojado falamos sobre o meu trabalho e sobre a inserção de Carlos no esporte. Ele me sugeria a possibilidade de contatar uma assessoria de corridas, localizada no Rio de Janeiro, que, segundo ele, era frequentada por muitos atletas de corrida de aventura. Depois da conversa, procurei sobre a assessoria na internet e pude verificar que era uma assessoria voltada justamente para a corrida em questão, mesmo que agora incluísse em seu repertório outras modalidades esportivas, como o triátlon, por exemplo. Ainda navegando na internet, buscava outras assessorias que ofereciam suporte para as corridas de aventura, não encontrando, entrei em contato, por e-mail, com a assessoria e busquei algumas informações sobre sua localização específica, seus serviços, etc. Na semana seguinte estava lá, fazendo meu primeiro contato com o campo.

IV. O pórtico de largada: a assessoria

Atravessando o túnel Rebouças, no sentido Zona Sul do Rio de Janeiro, a vista que se tem é da Lagoa Rodrigo de Freitas, cenário constante desta pesquisa desde

outubro de 2014. A Lagoa, com as águas calmas, quase paradas, mais parece um espelho refletindo os prédios, construções e carros que circulam na Avenida Epiácio Pessoa. Mas, no Rio de Janeiro, avultam-se sobre estas construções as montanhas e árvores que formam também a cidade, e que também são refletidas na lâmina d'água. Olhando para o alto está o morro do corcovado, seus afloramentos rochosos e vegetação típica que se elevam até o Cristo Redentor. É possível avistar também o morro Dois Irmãos e a Pedra da Gávea. Ao redor da Lagoa é comum encontrar, além de muitos pedestres que caminham, correm ou passeiam de bicicleta pela ciclovia, capivaras, cobras, e inúmeras espécies de aves, como fragatas, garças, galinhas-d'água e gaivotas. Às margens da Lagoa encontra-se uma das bases da assessoria Tribus Adventure³, uma assessoria esportiva que oferece acompanhamento e treinamento especializado em diversas modalidades: ciclismo, corrida, corrida de aventura, triátlon, natação, circuito⁴ e TRX⁵.

Ainda na zona Sul do Rio de Janeiro o cenário constitui-se de maneira semelhante. Em Copacabana, próximo ao posto seis, onde se situa outra base da assessoria em questão, a lagoa dá lugar ao mar e a ciclovia ao calçadão. Do lado direito, o forte de Copacabana, do esquerdo, já no final da orla, o Morro da Babilônia. Ali, na areia mesmo, em frente à famosa Avenida Atlântica, os professores montam uma tenda de lona e organizam os materiais do circuito, do TRX e dos rolos das bicicletas. A tenda, tanto da Lagoa quanto de Copacabana, é montada para abrigar os professores do sol e da chuva, há, ainda, uma mesa com uma caixa de materiais de primeiros-socorros, e onde os alunos, eventualmente, guardam algum material que possa atrapalhar a prática do exercício, como celulares, fones, carteiras etc. É na assessoria e não sobre a assessoria (GEERTZ, 2011) que realizo este estudo sobre a construção de corporalidades nas corridas de aventura e de montanha. As bases da assessoria constituem o lócus da pesquisa e não o objeto desta. A escolha sucedeu por indicação de meu primeiro informante e por ser a única assessoria no Rio de Janeiro, até então, que oferecia treinamento e acompanhamento em atividades de aventura.

Depois do meu primeiro contato por telefonemas e e-mails, como mencionei anteriormente, voltei na semana seguinte para conversar com o dono da assessoria.

³ Mantenho o nome da assessoria por acreditar que isto não vá interferir no resguardo das identidades dos atletas acompanhados.

⁴ Circuito: modalidade de treinamento funcional, onde a pessoa percorre um percurso desviando de objetos fixos no chão.

⁵ TRX: modalidade de treinamento de força, onde a pessoa puxa elásticos presos a uma base fixa, geralmente uma árvore.

Expliquei-lhe a pesquisa e perguntei se existia a possibilidade de realiza-la ali. Muito solícito, ele contou sobre o surgimento da assessoria e da intencionalidade primeira de propagar as corridas de aventura, até então desconhecidas no Brasil e que treinavam cerca de 40 atletas, entre amadores e profissionais, do esporte. Mesmo com esse número dito por este interlocutor, nos primeiros meses que fui à assessoria, na unidade da Lagoa, encontrei com pouquíssimos atletas de corrida de aventura. A sugestão dele era, então, que eu estendesse meu trabalho às corridas de montanha, já que a frequência desses atletas estava sendo maior. A partir de então comecei a agregar à pesquisa também estes atletas, como eu já expus, o que me fez também começar a frequentar a unidade da assessoria em Copacabana, polo onde encontraria mais atletas reunidos. Desde então frequentei a unidade de Copacabana e a da Lagoa duas ou três vezes na semana, acompanhando os treinos de corrida e natação no mar, modalidade também praticada pelos corredores de aventura. Por não ter a possibilidade de ir de bicicleta para as unidades da assessoria, por residir em Niterói, um dos professores, o responsável por “montar” o meu treino, não incluiu essa prática no meu guia de treinamento, mas procuro observar o treino dos atletas quando feitos sobre o rolo, uma estrutura onde a bicicleta é colocada, ficando fixa, podendo o atleta pedalar sem se deslocar.

De forma geral, chegava cedo à assessoria, em Copacabana por volta das 6:30 h da manhã, e na Lagoa por volta das 18:30 h. Observava o momento em que os atletas estavam se aprontando, depois me aprontava, no caso da natação colocava a touca, o óculos, protetor auricular e roupa de borracha, caso a água estivesse muito fria, e, no caso da corrida, o tênis. Tentei acompanhar os treinos o mais próximo possível, entretanto alguns atletas com mais habilidade os realizavam de maneira mais rápida, procurava, então, sempre que possível, parar em pontos estratégicos, entre um descanso e outro destes atletas, para acompanhar as conversas e interações. No final dos treinos, buscava ficar até a hora dos professores irem embora, que é quando a tenda é desmontada e retornava para casa.

A estratégia de agregar a unidade de Copacabana à pesquisa, como expliquei, consistia em acompanhar os atletas que não estavam comparecendo à unidade da Lagoa, contudo, com o passar do tempo, estes atletas começaram a frequentar mais esta unidade que aquela, de modo que, entre setembro e outubro de 2015, fui abandonando minhas idas a Copacabana, porque já não encontrava, ou encontrava muito esporadicamente um ou dois, atletas de corrida de aventura e de montanha treinando por

lá, tendo contado maior apenas com os professores, também atletas, que eu poderia encontrar, de todo modo, também à noite na outra unidade.

Em todo caso, seguia o fluxo destes atletas, seja treinando ou acompanhando-os nas provas. Ainda no começo da pesquisa fui indicada pelos corredores a acompanhar uma etapa do campeonato estadual de corridas de aventura, organizado pela Associação de Corridas de Aventura do Estado do Rio de Janeiro (ACAERJ). Decidi, então, procurar a organização da prova e sondar a possibilidade de acompanhá-los, ao que fui prontamente recebida. Na semana seguinte já estava em Itaipuaçu, distrito de Maricá, cidade do Estado do Rio de Janeiro, acompanhando os atletas na segunda etapa do campeonato estadual. Lá, fui acolhida pelos organizadores e incentivada a comparecer e ajudar nas demais etapas, foi o que fiz, não podendo, contudo, participar apenas da última etapa, mas acompanhando sua realização por meio dos atletas que lá estiveram e compartilharam suas experiências.

Na corrida de montanha também participei da organização de algumas provas, sendo elas a XC Itaipava e a XC Búzios, ambas organizadas pela Tribus Adventure, assessoria que acompanhei. Participei também, como corredora, da Imperial Eco Run, uma corrida de montanha que foi realizada em Petrópolis, município do Rio de Janeiro, e que pude participar junto aos atletas da assessoria que também se inscreveram. Ao todo foram 14 meses de pesquisa, entre treinos, provas e conversas com o primeiro interlocutor, reunindo mais de 100 páginas de diário de campo e nove entrevistas, entre atletas da assessoria, professores, atletas não vinculados à assessoria e um membro da ACAERJ. Estas entrevistas não foram estanques, foram uma forma de complementar informações que eu já havia obtido destes atletas e que eu buscava entender melhor por não ter tido oportunidade, em algum momento anterior, de ter perguntado ao corredor sobre as questões que apareceram. Desta forma todas as perguntas estavam sempre relacionadas a alguma situação anterior ou a alguma fala do atleta. Então, por exemplo, se o atleta tivesse falado sobre alguma dor que tinha sentido, e se, na ocasião, eu não pudesse adentrar no assunto, eu inseria uma pergunta a respeito no questionário. Daí os reverses da observação participante. Às vezes surgia alguma fala importante de algum atleta enquanto estávamos treinando, correndo ou nadando, por exemplo, de modo que eu não podia parar naquele momento para entender melhor a fala ou o contexto. Por isso, decidi que deixaria algumas destas questões que não pude abordar durante a observação participante, para serem tratadas nas entrevistas. Inseri nestas entrevistas apenas três perguntas fixas, que eu lançava igualmente a todos: na primeira eu pedia que

o atleta me dissesse sua idade, profissão e me contasse um pouco de sua rotina, na segunda perguntava como havia conhecido os esportes de aventura e na terceira perguntava qual era o significado que estes esportes assumiam em suas vidas. Os nomes de todos os atletas que acompanhei foram trocados para preservar suas identidades.

A dissertação está dividida em três eixos que compõem os significados das corridas: aventura, *performance* e sofrimento. O primeiro elemento será abordado no Capítulo 1, o segundo, no Capítulo 2, e o terceiro, no último capítulo. Entretanto, será possível notar que esta divisão é apenas uma estratégia de organização e apresentação dos dados que foram construídos em campo, já que estes elementos são indissociáveis na constituição dos significados nestes contextos estudados.

O primeiro elemento deste eixo é o que se articula à significação que os atletas imputam não somente à prova, mas à natureza. Falarei sobre ele no Capítulo 1, onde explorarei também as definições em torno dos esportes de aventura, a constituição do processo de esportivização dos esportes aqui abordados, bem como a relação entre natureza e paisagem, na construção do sentido da aventura. Ainda neste capítulo coloco em suspeição as características do esporte moderno (me apoiando na literatura clássica elaborada por Elias e Dunning (1992) e por Guttman (1978)) que vêm sendo incorporadas pela literatura acadêmica e indico para a possibilidade de pensa-las por meio de matizes e não como concepções fixas. Acrescento que, dessa maneira, os significados construídos para os esportes de aventura no contexto analisado acabam por, não somente ressignificar essas características, mas construir outras que são somadas a estas. Estas novas características são o que compõem a singularidade das corridas aqui apresentadas. É a combinação de elementos como cooperação, oscilação do terreno, imprevisibilidade e competição intrapessoal e competição contra a prova, que constituem o significado da aventura. Aventura que busco retirar das concepções do senso comum como uma soma entre imprevisibilidade e “risco”, destacando que, não são apenas estes os significados imputados pelos atletas que acompanhei, como eles mesmos são ressignificados na sua relação com outros aspectos.

O segundo elemento deste eixo, a *performance*, aparece em um sentido novo, nem como um desempenho do atleta, nem como no sentido dos Estudos da Performance, mas como uma combinação entre estas concepções, apontando para uma nova, a performatividade esportiva, que vincula não apenas aperfeiçoamento do desempenho, mas também a formas como os atletas manipulam seus saberes. Tratarei destas questões no Capítulo 2, fazendo uma articulação com a noção de “culto à *performance*”, como

apontado por Eherenberg (2001); problematizando o ideal de *performance* esportiva, imputado por meio da consolidação do esporte como referencial, que serve, segundo este autor, não apenas como metáfora ao mundo empresarial, mas como referência para toda humanidade. Coloco neste capítulo, também, a configuração de duas categorias de atletas: os monstros e os guerreiros, que podem surgir como forma de relativizar as *performances* esportivas, juntamente com a constituição do *pace*, que é definido como o ritmo imprimido pelo atleta durante os treinos e a prova.

No terceiro capítulo, explico como os atletas lidam com um elemento comum na prática esportiva: a dor. Aponto para a constituição negativa na imputação de significados para este aspecto. Ao mesmo tempo ele se diferencia da concepção de sofrimento, que não é apenas positivado, mas parte da significação da aventura. Faço uma breve retomada de alguns aspectos históricos importantes na constituição da relação do homem com a dor, retomando pontos que indiquem uma maneira não prototípica de lidar com os conceitos de dor e sofrimento. Distancio-me, nesta análise, do eixo saúde-doença que se apresenta na maior parte dos estudos sobre as dores e sofrimentos no campo da Antropologia da Saúde e me coloco na posição de sublinhar uma disposição em voluntariar-se à dor, isto é, colocar-se conscientemente diante dela, em função de sua prática. Faço, ainda, uma vinculação da noção de sofrimento, de acordo com os atletas, à noção de sacrifício apresentada por Mauss (1999), para apresentar como esta concepção é importante na construção de significados que se estendem para além do desempenho dos corredores.

CAPÍTULO 1

“Sem pódio na chegada ou beijo de namorada”: a construção da aventura nas corridas de aventura e de montanha

1.1. Campo esportivo: entre disputas acadêmicas e concepções nativas

Não apenas durante o mestrado, mas desde minha graduação em Educação Física, me vi rondada pelo questionamento: “o que é esporte?”. Na Educação Física a pergunta é um elemento fundamental nas aulas inaugurais e está sempre sendo acompanhada por sua coirmã “O que é Educação Física?”. As duas andam de mãos dadas e atravessam todo o curso, desde o primeiro ao último período. A segunda, no entanto, consegue se desvencilhar mais facilmente de armadilhas que podem surgir na definição do termo, afinal de contas é preciso reivindicar um significado (ou alguns significados) em seu nome, porque é a partir daí que a disciplina se constrói e se fortalece. É assim em todas as disciplinas. A primeira pergunta, por sua vez, está sempre reaparecendo nos limites da disciplina e é justamente por isso que se coliga à primeira. Foi preciso dizer que Educação Física não é somente esporte. Daí o vasto campo da Educação Física foi se construindo, sobretudo após suas abordagens críticas⁶.

Já no mestrado, o questionamento aparecia algumas vezes em que eu apresentava algum trabalho em algum encontro ou congresso. Eu tinha um interlocutor vivaz, que sempre me provocava com algum novo elemento articulado à pergunta, de maneira que eu me via cada vez mais presa a este labirinto. Entretanto, assim que comecei meu trabalho de campo, a pergunta se dissipou de forma tão imperceptível que só fui me dar conta do caminho que ela poderia apontar, na escrita deste capítulo, entre as leituras bibliográficas e as análises do material construído ao longo destes 14 meses

⁶ As abordagens críticas da Educação Física surgiram na década de 1980, e reivindicavam novas características para a disciplina, distanciando-a das concepções biologizantes do corpo, e das materializações tecnicistas das práticas esportivas. O expoente dessa abordagem é a publicação do livro “Metodologia do Ensino de Educação Física” (SOARES, C. L. et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992).

de pesquisa junto aos corredores de aventura e de montanha. Ou seja, não entrava em questão se aquelas atividades eram ou não esportivas, sem dúvida, para aquelas pessoas, estas atividades são esportes.

Vi-me diante de inúmeros trabalhos que abordavam a questão de maneira direta ou transversal, incluindo-se aí os clássicos “Em busca da Excitação” de Elias e Dunning (1992) e o “*From ritual to Record*”, de Guttmann (1978), enquanto que, no campo, isto sequer aparecia como uma demanda. Por que me ocuparia então de citá-la aqui, já que não foi uma questão/disputa que surgiu no campo? Porque acredito que esta pergunta pode nos levar a problematizações mais profundas do que as rixas entre as definições entre o que é esporte e o que deixa de ser. E porque os esportes de aventura podem nos ajudar a compreender e enriquecer estas provocações.

Geralmente a pergunta leva à tentativa de enquadramento das práticas em uma ou outra categoria (se jogos, se esportes, se brincadeiras – alguns casos levam ao limite a questão, como é o exemplo da capoeira), ou à delimitação do campo por meio da disputa por termos apropriados, ou à própria construção de algum tipo de análise dos processos de esportivização. Não importaria, mais do que saber se tal e tal atividade se constitui um jogo, um esporte ou uma brincadeira, identificar os elementos que a constituem como algo singular? A pergunta, então, poderia se transformar em “o que esta prática pode dizer sobre o que se convencionou chamar jogo, esporte ou brincadeira e em que medida ela pode contribuir para flexibilizar estes conceitos?” ao invés de “o que é esporte?” ou “isto é esporte?”. Chamo atenção para estes fatores porque, em relação aos esportes que são praticados na natureza, a tendência é a busca por uma unidade comum entre as práticas a fim de aloca-las em um conceito unificador. Devo salientar, portanto, que a discussão que se segue, de maneira geral não é nova, sobretudo na Antropologia, mas busco situa-la e direciona-la ao campo dos esportes que estou tratando, justamente pelos motivos que já citei e porque é um campo investigativo novo.

Dessa maneira, como não existia uma disputa terminológica no campo em que pesquisei, pude perceber que o que eu estava pesquisando e que era designado como esporte por todos os que com quem tive contato, na verdade apontava para uma relativização daquelas características estabelecidas como aspectos constituintes do esporte moderno, como uma forma de flexionar um suposto direcionamento prototípico destas características, como se o esporte moderno fosse o patamar mais elevado em um processo de transformação de certas atividades, deixando para trás outros aspectos. Vale aqui, desta maneira, a retomada da constituição destas características para depois

apresentar como os esportes de aventura (aqui mais especificamente as corridas de aventura e de montanha), contribuem para pensar os aspectos sob os quais se constituíram estas concepções. Alguns autores apontam, inclusive, para esta questão, isto é, da propriedade que os esportes de aventura têm de “jogar” com os elementos que caracterizam o que é esporte, mas, ao fazerem, muitas vezes naturalizam algumas questões, sobretudo quando pretendem fazer algum recorte no tema estudado. Por exemplo, Borges (2007) ao fazer seu recorte, decidiu por estudar as corridas de aventura em seu “contexto competitivo “mais sério””. Sobre o “mais sério”, termo que o autor incorporou de Dunning, ele se refere “às formas de esportes que se orientam para os resultados e se desenvolveram esforços no sentido da luta e da identidade e de recompensas pecuniárias.” Mas, então, os demais contextos não são competitivos? Ou não são sérios? Ou não se orientam para os resultados? Quais resultados? A vitória?

Dando continuidade ao que propus no parágrafo anterior, quero trazer para a discussão algumas considerações a respeito das conceituações propostas por Elias e Dunning (1992) e por Guttmann (1978), para situar as características que venho apontando aqui como aquelas que foram sendo construídas em torno do termo “esporte”. Como era assim que os interlocutores desta pesquisa chamavam as atividades que praticavam, tratarei então de expor imediatamente as questões referentes a eles. Mas isso poderia ser feito também em relação ao jogo, por exemplo. Porque o que se quer aqui é justamente o questionamento de como estes conceitos foram sendo construídos por meio de elementos definidos e como a variabilidade e diversidade de atividades existentes hoje, contribui para relativizá-los. Por isso mesmo, atentar para as definições nativas é extremamente importante, são elas que vão conduzir a análise.

Detendo-me aos autores que citei anteriormente, começo por explicar, de maneira breve, a gênese do esporte moderno por meio de Elias e Dunning (1992). É interessante destacar que o desenvolvimento do campo esportivo está diretamente atrelado à fundação dos clubes que,

[...] levada a efeito por pessoas interessadas como espectadoras ou executantes numa ou noutra das suas variedades, representou um papel crucial no desenvolvimento do desporto. Na fase anterior ao desporto, divertimentos como a caça e uma diversidade de jogos de bola eram regulamentados de acordo com as tradições locais que variavam com frequência, de uma localidade para outra (1992, p.64).

Para esses autores, ocorreu uma transição dos passatempos para o que se convencionou chamar de esportes. E essa transformação aconteceu em correlação ao que Elias (1993) chamou de “processo civilizatório”. A formação do Estado foi um dos principais fatores que contribuíram para esse processo, segundo a concepção desenvolvida pelo autor. Isso significa dizer que esta formação, que acarretou na centralização do poder e a pacificação sob seu domínio, bem como no monopólio do direito de utilização da força física e da cobrança de tributos, fomentou o refinamento das condutas humanas (ELIAS; DUNNING, 1992).

A teoria central, levantada por Elias e Dunning, é de que os esportes, tal qual conhecemos, tenham surgido na Inglaterra justamente porque o processo de parlamentarização das classes inglesas interferiu na pacificação de conflitos o que, por sua vez, teve influência direta no controle dos impulsos, na elaboração de condutas mais apuradas, mais civilizadas. Os autores destacam:

A transição dos passatempos a desportos, a «desportivização», se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformações dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala global, é outro exemplo de um avanço de civilização (1992, p.42-43).

O regime parlamentar inglês, da forma como foi estabelecido no século XVIII, tinha como uma de suas necessidades a dominação de oponentes dos partidos ou facções sem o uso da violência, segundo a interpretação produzida pelos autores citados. Dessa maneira, as técnicas verbais, a capacidade de oratória e a persuasão tomaram o lugar das técnicas militares, e essa alteração em relação a maior sensibilidade quanto ao uso da violência, que estava refletida nos hábitos sociais, manifestou-se também no desenvolvimento dos passatempos (ELIAS; DUNNING, 1992).

Sendo um estudo comparativo, Elias e Dunning buscam na França elementos que contrastem com os dados da Inglaterra para sustentar a teoria a respeito do surgimento dos esportes modernos. Na França, a supremacia real e a autocracia do governo, não propiciou que conflitos viessem à tona, isto é, que as lutas entre diferentes facções expressassem seus verdadeiros objetivos e intenções. Diferente do que ocorria no modo parlamentar inglês, onde os conflitos não eram somente autorizados, mas estimulados, era preciso deixar claras as intenções dessas facções, desse modo, a capacidade de sobrevivência nesta sociedade parlamentar dependia justamente do poder argumentativo, e não da capacidade de lutar fisicamente. Foi esse conjunto de fatores, portanto, que permitiu que os esportes modernos surgissem não em outro lugar, mas na

Inglaterra. Neste sentido, “vai ser nas escolas públicas que aqueles jogos (o caso clássico é o futebol) vão ser regulamentados e aos poucos assumir as características (formas) do esporte moderno.” (BRACHT, 1997, p. 14).

De maneira complementar aos estudos de Elias e Dunning (1992), Guttman (1978) estabeleceu sete características dos esportes modernos: secularização, igualdade de chances, especialização dos papéis, racionalização, quantificação, burocratização e a busca do *record*. A primeira diz respeito ao distanciamento que estas novas práticas possuíam em relação àquelas presentes em Roma e na Grécia antigas. Se nestas atividades estavam imbricadas a calendários religiosos, bélicos ou festivos, na sociedade moderna elas revestem-se de uma aura de separação e autonomização destes eventos, segundo o autor. A segunda refere-se igualdade de participação dos indivíduos, que não apenas aqueles de certa pertença regional, ou as mulheres, por exemplo. A terceira por sua vez, está relacionada à especificidade desempenhada pelos atletas e sua relação com a própria maneira da organização social. Na quarta característica o autor faz um paralelo com o “racionalismo instrumental” de Max Weber, articulado à abstração, à padronização e cientificação das regras, instrumentos e técnicas. A quinta característica diz respeito ao “impulso de quantificar as conquistas” (Guttman, 2004, p.11). Tudo aqui converge para a mensuração dos rendimentos, dos resultados, dos desempenhos. A penúltima característica se refere a toda organização do esporte, bem como sua relação com a geração de meios para administra-lo. Por fim, a busca do *record*, uma característica da sociedade moderna, remete não apenas à quantificação de desempenhos, mas ao seu registro e a uma teleologia da superação de limites.

Guttman (1978, p.7), dessa maneira, define esporte como “competições físicas lúdicas”. A ideia de competição é também uma destas que permearam a noção do esporte moderno, de maneira que muitos autores (ELIAS E DUNNING, 1992; RIGAUER 1969, BROHM, 1976, BRACHT, 1997), assim como Guttman, incorporavam-na a sua abordagem, ainda que a abordagem fosse uma crítica ao esporte. A característica é quase metafísica, quando se referindo ao esporte. Ou seja, ainda que os autores conseguissem pontuar a presença dela nas suas diferenciações entre jogo e brincadeira, quando retomada no contexto esportivo, sua presença era inequívoca e inquestionável. Isto para nos deter apenas a este aspecto.

A articulação que Guttman (1978) estabelece com outras atividades presentes nas sociedades gregas e romanas me parece fecunda, o que não parece ser é a homogeneização das características atuais do esporte moderno. Isto é, dizer que

algumas destas características são compartilhadas com práticas antigas é verdade, mas dizer que as características atuais são o modelo para a identificação do que é o esporte moderno, é uma generalização superficial. Superficial porque permite questionar, por exemplo, a que níveis Guttman se refere quando elenca estas características? Existe um nível ideal onde pairam estas esferas características do esporte moderno? Todos os esportes convergem para tipos específicos de racionalização, burocratização, quantificação etc.? Minha crítica não é no sentido de rechaçar estes elementos, mas compreender que não é possível falar em modelos, parâmetros, ideais. Por isso mesmo, a crítica em torno do conceito de “esportivização”, de Elias e Dunning (1992), é pertinente. Explico.

Em relação a Elias e Dunning (1992), a sugestão de um processo de esportivização das práticas pode indicar certo evolucionismo, ou seja, apontar para a manutenção de um (ou mais) tipo ideal de esporte, assimilando-o como uma prática que abarca os processos de regulamentação e sistematização de maneira homogênea. Neste sentido, a questão da esportivização pode ser limitada. Por outro lado, a questão da configuração traz um elemento importante para relativização não apenas das diferentes práticas, mas do que se convencionou chamar de esporte. Aplicar este conceito, portanto, tem que ir além de relativizar as práticas contextualmente, mas relativizar o próprio processo de esportivização. Isto é, além de identificar os elementos contextuais de determinadas práticas e sua contribuição para que ela tomasse as configurações que a enquadrassem no conceito de esporte, é preciso apontar que, não necessariamente, ela cumpre requisitos prototípicos dentro deste enquadramento. É por isso, inclusive, que em muitos trabalhos sobre esportes os autores utilizam-se de abordagens que foram sendo construídas sobre o conceito de jogo. Para exemplificar: Ingrid Fonseca (2015), em seu trabalho sobre o Jogo de Malha, indica um processo de esportivização desta prática. A autora, em sua argumentação, no entanto, frequentemente utiliza-se de aspectos que vinham sendo atribuídos ao conceito de jogos por Caillois (1990) e Huizinga (1980). Justamente por apontar a não rigidez dos conceitos e de seus elementos constitutivos. Ela sublinha:

Para fins de aprofundamento acadêmico acerca das interpretações dos termos, o diálogo com as teorias dos jogos e esportes foi fulcral, estimulando reflexões e destacando contrapontos de análise. A separação dos conceitos, inicialmente, teve como intuito apresentar o campo teórico sobre tema; contudo, irei problematizar tal rigidez mais à frente [...] (FONSECA, 2015, p.137).

Por isso, a reflexão a partir do ponto de vista dos indivíduos, que podem não apenas modificar sua prática (que é o que chamam atenção alguns pesquisadores quando se ocupam destas questões), mas a própria reconfiguração dos conceitos é importante. Em outras palavras, isso não significa apenas apontar que os indivíduos possuem a capacidade de criação e recriação de novos símbolos, e significados, mas também de novos significantes para o mesmo símbolo.

Neste capítulo, bem como nos que se seguirão, tentarei apresentar aspectos que ajudem a problematizar toda construção a respeito dos elementos que foram indicados e estabelecidos como centrais na definição do que se constituiu como esporte. Não apenas apontarei para a relativização destes elementos, a fim de me apoiar em noções espectrais, ou matizadas, mas para a presença de elementos que, teoricamente, não compõem este conceito. Por exemplo, não se trata apenas de falar de variações nos níveis de racionalização, ou quantificação, burocratização, mas do surgimento de outros elementos complementares que determinado esporte insere na concepção polissêmica de “esportes”. Não pretendo, portanto, indicar um novo termo para estas práticas, sendo fiel ao que os corredores chamam e consideram como esporte, mas identificar que a construção desta prática, como um esporte, se estabelece com novos significados, como a cooperação, ou a relação com o ambiente, por exemplo.

Em último caso, antes de prosseguirmos, quero deixar também algumas considerações sobre a tentativa de autores que se dedicam aos esportes de aventura, em definir um termo que melhor caracterize estas práticas. Em primeiro lugar, quero dizer que chamo de esportes de aventura unicamente porque assim o denominavam os praticantes. Em trabalhos anteriores busquei enquadrar estas atividades sob o termo “atividade de aventura na natureza”, como tentativa de estabelecer uma nomenclatura para elas. Outros autores buscam fazer o mesmo, surge daí inúmeras nomenclaturas para definir estas práticas que se realizam na natureza: Esportes em Integração com a Natureza, Esportes Radicais, Esportes de Aventura na Natureza, Esportes Selvagens, Esportes em Liberdade, Esportes Tecnológicos ou Esportes ao ar livre, Esportes alternativos, Esportes Radicais, Esportes californianos etc. Além das nomenclaturas, surgem também algumas tentativas de caracterização destas práticas. Dias e Alves Junior (2006) indicam, por exemplo, três características: relação subjetiva com a natureza, o desejo de aventura e necessidade de alta tecnologia. Pelo que pude observar por meio desta pesquisa, a caracterização e categorização destas práticas em um tipo

específico de atividade esportiva, é uma tarefa quase impossível. Para acompanhar a caracterização dos autores, como exemplo, não foi possível identificar uma necessidade alta de tecnologia nas corridas de montanha, um dos esportes que acompanhei paralelamente à corrida de aventura. Para participar destas corridas basta apenas um tênis. Ainda que alguns atletas façam uso de aparatos tecnológicos, isso não é condição, nem necessidade desta prática. Uma atleta me disse: “nem mochila de hidratação eu levo”. Quero dizer, é preciso tratar essas práticas fora dos enquadramentos previamente elaborados pela teoria.

1.2. Corridas de aventura e de montanha: origem e conceituação

Como eu havia afirmado na introdução deste trabalho, meu objetivo principal foi acompanhar os praticantes de corridas de aventura e etnografar este esporte. No entanto, ao longo do trabalho, fui direcionada pelos atletas a incluir na pesquisa também as corridas de montanha, justamente pela articulação, em certo ponto, destas atividades, da interação estabelecida pelos atletas e pela fluidez com que os atletas tanto da corrida de aventura, quanto da de montanha, praticavam ambas as atividades. Dessa maneira, coloco aqui a apresentação dos dois esportes, mas os leitores devem ter claro que as corridas de aventura são o foco principal deste trabalho.

As corridas de aventura surgiram na Nova Zelândia, na década de 80. E originaram-se a partir de inspiração em desafios expedicionários surgidos nos EUA. Não se sabe, ao certo, de que consistiam estes desafios, no entanto eles foram apenas o ponto de partida, o estímulo para a criação das corridas de aventura. A primeira prova, o *Coast to Coast*, tinha basicamente todas as características das provas de hoje, com exceção de que eram (e ainda são) exclusivamente na modalidade individual. O termo, então, se refere a um esporte de múltiplas modalidades de longa duração, em forma de competição, onde os participantes têm que transpor uma série de obstáculos (rio, lagos, montanhas...) através de uma variedade de elementos, sendo os mais comuns o *mountain bike*⁷ (Foto 1.a), a canoagem (Foto 1.b), o *trekking*⁸ (Foto 1.c) e as técnicas verticais (escalada e rapel) (Foto 1.d) (BORGES, 2007). As provas são constituídas

⁷ Percurso feito sobre uma bicicleta própria para trilhas e caminhos de terra.

⁸ Caminhadas ou corridas realizadas em trilhas.

pela combinação desses elementos e os participantes, além de necessitarem conhecimento e habilidades para realizar as múltiplas tarefas físicas, tem que lidar com a manipulação da orientação cartográfica durante todo o percurso, isto é, por meio de cartas geográficas de representação de superfícies, mais especificamente: mapas. A atividade pode ser realizada individualmente, em modalidades duplas ou em grupos. Algumas provas são consideradas curtas, podendo acabar em quatro ou cinco horas, outras médias, podendo durar o dia todo, outras de longa duração, chegando até uma semana, com percursos com mais de 700 km. (SEABRA, 2003).



Foto 1: (A): atletas no *mountain bike*. (B): atletas no caiaque. (C): atletas durante o *trekking*. (D): atleta praticando rapel (Fotos (A, B e C): Cilene Lima de Oliveira. Foto (D): Selma Souza).

As corridas, com as configurações de hoje, foram criadas pelo francês Gérard Fuzil, que concebeu a ideia influenciado pelos desafios já mencionados e por seu gosto por desafios militares físicos e de orientação na natureza. A partir daí, Gérard elaborou uma atividade com a combinação de técnicas corporais e a exploração de um terreno sem ajuda de equipamentos motorizados. A primeira corrida de aventura, com a configuração que foi regulamentada internacionalmente, foi chamada *Raid Gauloises* (BORGUES, 2007). Ao longo do tempo, por influência dos movimentos ambientalistas as corridas de aventura passaram a incorporar o discurso ecológico e a contemplação de

paisagens em seus sentidos fundamentais (SEABRA, 2003). No Brasil, o esporte chegou em 1998 por intermédio de Alexandre Freitas, um empresário paulista que participou de uma corrida na Nova Zelândia e trouxe-a para o país. Alexandre organizou a primeira corrida de aventura em território Nacional, a Expedição Mata Atlântica (EMA). Seabra (2003) afirma que a EMA tinha a intenção de vincular esporte, aventura e a preocupação com a preservação ambiental, seguindo, assim os rumos do discurso ambientalista. As corridas de aventura realizam-se em ambiente natural, e, não apenas isso, como também seus organizadores procuram os lugares mais “intocados” para sua realização. A prática dessa atividade nessa natureza “remota” procura proporcionar vivências e experiências diferentes daquelas vividas no ambiente urbano.

Ao longo do percurso da prova, os participantes devem alcançar os pontos de controle (PC), segundo indicado pela organização no *Racebook*⁹ (ANEXO 1). Os pontos de controle são áreas onde o atleta encontra um picotador, que deve ser usado para indicar que o atleta, ou a equipe passou por ali. Esse picotador faz pequenos furos em espaços deixados especificamente para isso no mapa (Foto 2).

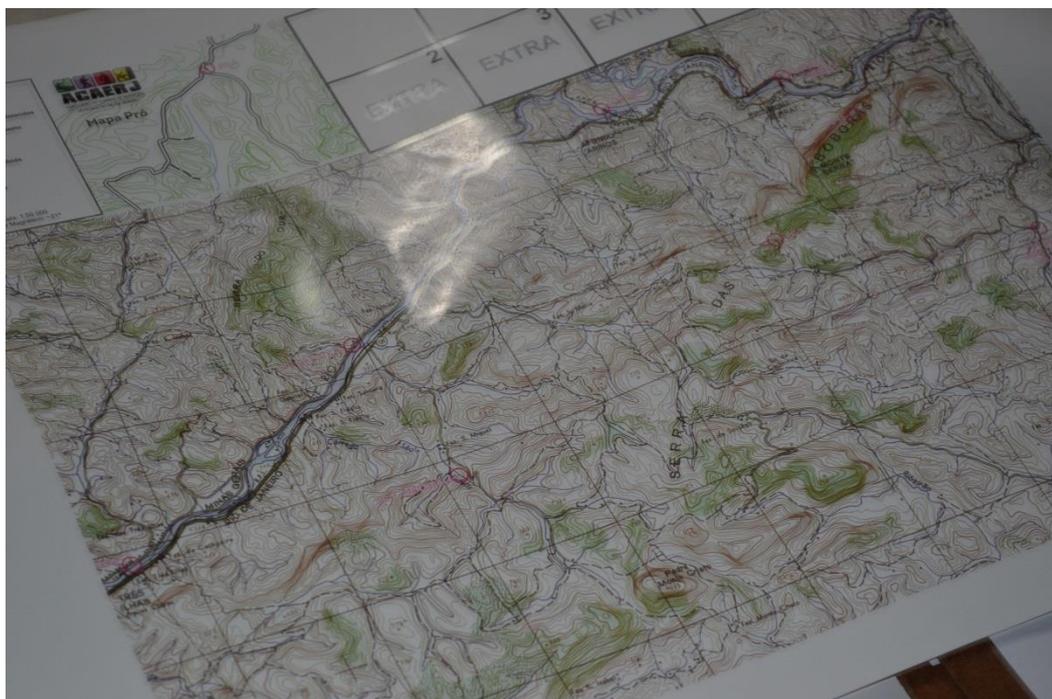


Foto 2. Mapa de competição. Os quadros no canto direito superior são os espaços destinados para marcar a passagem nos PCs com o picotador (Foto: Cilene Lima de Oliveira).

⁹ Documento contendo orientações sobre o percurso da prova.

Os pontos de controle também podem ser virtuais, isto é, podem ser algum tipo de palavra inscrita em alguma casa que se situe pelo caminho da prova, ou a indicação de alguma característica do percurso, nesse caso, a conferência de passagem por estes pontos, pode ser verbal, através de uma pergunta feita pela organização, por exemplo: “qual era a frase escrita no muro do PC 4?”, isso pode acontecer também por meio de fotos que comprovem a passagem do atleta. Os participantes devem obrigatoriamente passar por estes pontos de controle na ordem numérica indicada pelo *Racebook*. No caso das equipes e das duplas, os integrantes não devem se distanciar visualmente dos demais e devem chegar juntos tanto nos PC’s, quanto nas Áreas de Transição (AT) (Foto 3.), quanto nas chegadas. Se isso não acontecer eles estão sujeitos a penalidades impostas pela comissão organizadora, que corresponde à punição no tempo de realização da prova.



Foto 3: Atletas chegam à Área de Transição de *mountain bike*. Deste ponto trocam de modalidade e partem para o próximo trecho da prova (Foto: Cilene Lima de Oliveira).

As Áreas de Transição são locais onde os atletas trocam de modalidade. Nestes pontos o capitão da equipe ou o atleta que estiver realizando a prova solo, deve assinar sua passagem junto à organização. Aí também a comissão organizadora fiscaliza os pontos de cortes, que são tempos pré-estabelecidos para que os atletas consigam chegar à AT. Neste lugar, também, eles podem reabastecer a água ou a comida da equipe. Nos

casos das provas longas a comida deve ter sido previamente organizada pela própria equipe, cabendo à organização o cuidado de mantê-las nas Áreas de Transição durante a prova. Nas provas curtas a organização pode fornecer um tonel de água ou repositores energéticos para que os atletas se reabasteçam. Os atletas devem carregar consigo todo material necessário para realização da prova, como o kit de primeiros socorros, água, comida, lanternas, equipamentos de segurança e de comunicação e bússola. Nas provas em equipe, em caso de desistência de algum atleta, toda equipe é desclassificada. Em caso de desistência em um ponto isolado da prova, os atletas devem se dirigir imediatamente ao ponto de controle ou área de transição mais próxima. Na impossibilidade disso acontecer, eles devem comunicar por sinalizadores, rádios ou qualquer instrumento de comunicação sua posição, para serem resgatados. Os equipamentos de GPS são terminantemente proibidos.

Existem alguns pontos de passagem obrigatórios (PPO), que são trechos onde os atletas são obrigados a passar e que são estipulados pela organização da prova para garantir a segurança dos participantes, como em área de travessia, por exemplo, e também para garantir que algumas áreas da natureza não sejam devastadas pelo impacto da prova. Estes pontos são indicados nos mapas e nos *Racebooks*.

Antes do início das provas são realizados briefings, que são momentos onde a organização explica a prova e promove instruções de segurança. Em alguns casos, durante os briefings, pode haver algum tipo de oficina de orientação cartográfica, ou alguma sobre uma das modalidades da prova, ou palestra com algum atleta prestigiado. É durante os briefings que os atletas recebem o mapa e o kit da prova, contendo o número dos atletas e uma camisa fornecida pela organização.

Nas provas que acompanhei, observei a classificação das corridas em duas distâncias, Pro e Light. A primeira é de percurso mais longo, a segunda de percurso reduzido, direcionada a iniciantes. Segundo os organizadores uma categoria criada para divulgar o esporte e mostrar que todos são capazes de praticá-lo.

Em 2001, foi criada a *Adventure Racing World Championship* (ou *AR World Championship*), que, na verdade, apenas formalizou a regulamentação e a organização deste esporte no mundo e estabeleceu o ranking internacional. A codificação das corridas de aventura acontece de forma parecida ao que Damo (2007) apontou em relação ao *football association*. O autor estabelece um paralelo entre o processo de codificação do *football association* e de codificação das línguas oficiais nos Estados-Nação. Neste sentido, embora tenha se regulamentado a prática por meio de uma

determinada instituição (no caso do futebol a *Internacional Board – IB*), isso não significou a extinção de outras formas de futebol. O mesmo aconteceu com o processo de codificação das línguas oficiais, que não implica no desaparecimento dos diferentes dialetos. O autor aponta, então, para diferentes matrizes da prática do futebol: a matriz bricolada, a matriz espetacularizada, a matriz escolar e a matriz comunitária.

Quando digo que, no caso das corridas de aventura, situação semelhante se apresenta, quero marcar a distinção entre as várias formas de praticá-la, mas, diferente do futebol, o processo de codificação destas atividades está presente em diferentes níveis, não é possível identificar, por exemplo, uma forma não codificada de praticá-la, como seria o caso da matriz bricolada do futebol, por exemplo. Em todo caso, vale ressaltar que, embora os diferentes níveis sejam todos codificados, a codificação das corridas possui aspectos extremamente flexíveis de acordo com a distância de prova que se realiza (se de curta, média ou longa duração), de acordo com as categorias (se solo, dupla, dupla mista, quarteto, quarteto misto, máster) e de acordo com o percurso da prova (é o caso, por exemplo, dos pontos de controle obrigatório, que podem variar conforme a região). Além disso, acordos podem ser feitos antes e durante a prova para sanar algum tipo de conflito que não havia sido previsto no regulamento. Como foi o caso em uma etapa do campeonato estadual, onde havia poucos botes de *rafting* para todos os participantes, de modo que atletas de equipes diferentes teriam que compartilhar o mesmo bote. Surgiu o questionamento se isso não afetaria a dinâmica da prova, de modo que os atletas tiveram que estudar uma distribuição das equipes para que nenhuma fosse prejudicada, isso acabou por interferir na própria contagem do tempo no final da prova.

De acordo com estes aspectos, é possível verificar uma variabilidade em relação ao regulamento internacional. No regulamento da *AR World Championship*¹⁰ não consta a possibilidade de categorização das provas de acordo com a quantidade de integrantes, por exemplo, a única categoria válida é a dos quartetos mistos. No regulamento da Confederação Brasileira de Corridas de Aventura¹¹, no entanto é possível verificar a validade das duplas mistas e masculinas. No regulamento da Associação de Corridas de Aventura do Estado do Rio de Janeiro (ACAERJ)¹², é possível verificar ainda a presença das categorias solo, dupla masculina, dupla feminina

¹⁰ Disponível em http://www.arworldseries.com/ARWS_Rules_of_Competition.pdf

¹¹ Disponível em: http://www.sistime.com.br/eficiente/repositorio/expedicao_pirenopolis/2033.pdf

¹² Disponível em: <https://www.ativo.com/evento/3o-etapa-do-campeonato-estadual-de-corrída-de-aventura-do-rj-21085/>

e máster (onde a soma das idades deve ser igual ou superior a 95 anos no caso de duplas, e, no caso do solo, a idade mínima de 50 anos). As categorias Pro e Light, por sua vez, também não constam no regulamento internacional nem no regulamento da Confederação Brasileira, no caso desta somente são consideradas corridas válidas aquelas acima de 40 km. Em relação às competições internacionais, as provas costumam ter acima de 700 km de percurso.

O que isso aponta é o processo de codificação de que falava. Embora haja uma flexibilização de algumas regras, em todos os casos elas estão previstas em seus respectivos regulamentos, a própria possibilidade de resolução de conflitos de regras por meio de acordos, está prevista nos regulamentos. No caso de alguma categoria fugir à normatização da hierarquia superior, ela não deixa de ser regradada pelo regulamento da prova corrente, apenas deixa de ser contabilizada como possibilidade de participar do ranking a que está submetida. Por exemplo, as categorias da ACAERJ que não estão previstas no regulamento da Confederação Nacional, como as duplas femininas e a categoria máster, são codificadas de acordo com o regulamento estadual, embora não possam pontuar no ranking nacional.

Expostas estas questões é possível dizer que não se pode falar de um processo de esportivização Elisiana, onde estas práticas tenham passado de passatempos a atividades sistematizadas. Mesmo porque as corridas foram apenas inspiradas pelos desafios expedicionários e não modificações sobre eles. Portanto, é possível falar que, desde o seu surgimento, estas práticas possuíam um conjunto de regras e códigos para sua execução, elas sempre foram sistematizadas (com pouquíssima variação na codificação desde a primeira corrida), mesmo porque esse regramento visa à segurança dos atletas diante dos riscos a que estão expostos. O que não significa, por sua vez, que a nível “amador” não pudesse ter havido alguma prática onde a atividade oferecesse risco aos praticantes por conta de sua característica pouco regulamentada ou desviante do código regulamentador, o que já foi extremamente condenado pelos atletas. Digo “já foi” porque isso não parece ser uma questão recorrente nas corridas, tão pouco uma questão de disputas entre tipos de praticantes. Está muito mais para uma questão pontual, relacionada a alguns praticantes que, excitados com o contato com a corrida, resolveram criar, por si mesmos, seus percursos e provas. Não é uma questão global no campo das corridas de aventura, não é uma questão como no caso do montanhismo, por exemplo, onde pude verificar em uma pesquisa entre os anos de 2011 e 2012 (OLIVEIRA, 2013), disputas pelo “monopólio da imposição da definição legítima da prática desportiva e da

função legítima da prática desportiva” (BOURDIEU, 1983, p.189), disputas que se travam entre amadores e profissionais, diferentes clubes e associações, e entre associados e não associados a clubes, federações. Mesmo porque, esses casos surgiram depois da organização da primeira corrida de aventura no Brasil, por exemplo, e que já era bem regulamentada. Como podemos ver em uma fala que foi concedida durante uma entrevista:

Solange: É, a aventura, assim em 98, 1998, tinha um maluco aqui no Rio, que era o [...] que começou a fazer isso, né? E era uma coisa assim, bem amadora e ele era amigo da minha irmã. E de vez em quando ele ia fazer os percursos, né? E aí ele falava: ‘pô, vai comigo, vamos ajudar’. Aí a gente começou a ir tipo assim, pra ajudar ele a fazer os percursos. Aí foi paixão: ‘Ah, eu quero fazer também, eu quero fazer também. Como é que faz, como é que não faz?’ Aí a gente começou. Aí tem que montar equipe, toda equipe tinha que ter uma mulher, então como a gente já tava mais ou menos ali naquele meio, né, tipo virei, tipo: ‘não, pô, chama a [Solange]’. Aí eu ia pra uma equipe: ‘Ah, chama [Solange]’

Cilene: Já pra outra.

Solange: Outra equipe. Aí acabou que eu formei a minha equipe e a gente participou de várias. Assim, mas o [...] fazia umas coisas muito, muito doidas.

Cilene: Que tipo de coisas doidas, assim?

Solange: Assim, não tinha muita segurança.

Cilene: Ah, entendi.

Solange: Era uma coisa bem... Aí depois outras coisas, outros grupos começaram a vir e fazer a coisa realmente profissional.

As corridas de montanha, por seu turno, são provas que envolvem um número considerável de subidas e descidas, variando em um percurso até mais de 50 km, e uma altitude de 250m a mais de 1000m nas montanhas. Há pouquíssimo conteúdo literário a respeito da história destas corridas e não há um consenso a respeito da data de surgimento, que em alguns sites a respeito remontam ao século XI e outros à década de 1960. O lugar de sua origem também não é consensual, alguns indicam a Inglaterra, outros a Escócia... De modo que seguir o processo de constituição desta atividade é extremamente difícil.

Atualmente existe a *World Mountain Running Association* que organiza e regulamenta a prática. As categorias, nesta atividade, se dividem pela faixa etária dos praticantes e pela distância que será percorrida, podendo ser realizadas individualmente, em duplas ou quartetos, entretanto, diferentes das corridas de aventura, as corridas de montanha, quando realizadas em duplas ou quartetos, são feitas por revezamento, e não com o percurso todo sendo realizado pela equipe junta. Os revezamentos dos membros da dupla ou equipe acontecem nos pontos de transição pré-estabelecidos pela organização. Durante o percurso a comissão organizadora pode disponibilizar pontos de hidratação para reabastecimento dos atletas.

Nestas corridas todo percurso é balizado, isto é, demarcado pela organização, para orientar que caminhos os atletas devem tomar, ao contrário das corridas de aventura, por exemplo, onde o percurso não é demarcado, e, em caso de erro de estratégia, os atletas podem percorrer bem mais do que a distância estabelecida pela organização. Não há uso de mapas nas corridas de montanha. Por outro lado, a organização pré-corrida é parecida com as corridas de aventura, onde ocorre igualmente um *briefing* com as orientações da prova e entrega do material (chip para cronometragem do tempo, pulseira de revezamento, que um atleta deve passar para o outro nos pontos de transição, camisa da organização e, eventualmente bolsas, garrafinhas de água e géis suplementares), podendo acontecer também alguma palestra, como indiquei a respeito das corridas de aventura. O processo de codificação é também similar. A *World Mountain Running Association* regulamenta as corridas, mas a organização de cada prova em cada lugar pode ser flexibilizada.

A partir do próximo tópico apresento como os atletas significam as corridas de aventura e de montanha e como esse processo de significação contribui para refletirmos sobre a pergunta que apresentei no início deste capítulo: “o que é que esta prática pode dizer sobre o que se convencionou chamar jogo, esporte ou brincadeira e em que medida ela pode contribuir para flexibilizar estes conceitos?”. Trata-se, então, de acrescentar novas questões além das que já foram levantadas até aqui, agora não apenas como análise do processo de esportivização, que requer muito mais o resgate de características conceituais e históricas, mas dos aspectos que são explorados pelos atletas como forma de singularizar a prática por meio de elementos que fogem aos tipos de esportes teoricamente tidos como tradicionais. Quero pontuar, mais uma vez, que os leitores notarão uma preponderância das análises das corridas de aventura em relação às corridas de montanha. Estas aparecem como elemento contrastante nas análises

1.3. “Mas o que você ganhou?”: a experiência da aventura.

Cheguei sexta-feira de tarde na pousada sede do evento e aguardei a equipe até na hora do Briefing (20:00 horas), quando soube que chegariam apenas de madrugada, pois saíram muito tarde de São Paulo. Eu mesma tive que pegar o mapa e "plotar" os PCs de acordo com as orientações do organizador no briefing. Insegura, dei uma conferida com os mapas dos navegadores experientes. Sem problemas, pois na C.A*, não temos adversários, somos todos uma grande família.[...] A prova já largou morro acima para um MTB** de 90km. Fazia muito calor. Tentamos manter um ritmo constante, mas pudemos perceber as primeiras equipes se afastando, o que foi um pouco frustrante. A região é muito bonita, com muita mata preservada, montanhas, rochas e trilhas. Num trecho técnico de downhill***, Adailton caiu e empenou a roda dianteira, o que não o impediu de continuar na raça. Entre outros problemas com a bike, mas com uma navegação certa do Thiago, pegamos todos os Postos de Controles Virtuais (PCv) e chegamos na primeira área de transição (AT) para um pequeno trekking até o Rio Bonito, onde fizemos aproximadamente 10km de canoagem, para partirmos novamente para um trekking, onde conseguimos correr (trotar) o tempo todo, exceto nas subidas mais íngremes. Ao final deste trecho começou a chover bem forte, e os clarões dos relâmpagos no céu revelavam em relances a bela silhueta da serra carioca, um espetáculo para nossos olhos cansados com o sono que já vinha batendo. [...] Descemos e chegamos ao trecho final com muita união e incentivo uns aos outros e ficamos satisfeitos com a quarta colocação na prova. Após a prova ouvimos muitas histórias... Histórias engraçadas, histórias de medo, superação... Todo corredor de aventura tem muita história pra contar, mas que às vezes nem as conta, com medo de não ser acreditado. Portanto deixo aqui esse relato, pra que nossa história não se perca no tempo. Apesar de que tudo que passamos ficará talvez apenas na nossa memória. Num esporte que se desenrola no meio do mato, sem pose pra foto, sem aplauso, "sem pódio na chegada ou beijo de namorada"... Mas que é gratificante pelo simples fato de superar a si mesmo e às diversidades da natureza. Penso quando alguém pergunta: Mas o que você ganhou? Eu não sei explicar... Só sei que ganho a cada corrida¹³.

O relato acima é de uma atleta que participou do final do campeonato brasileiro de corrida de aventura, que foi também a final do campeonato estadual, que eu vinha acompanhado durante os meses de trabalho de campo. O relato foi citado por um atleta durante uma entrevista que realizei e outros relatos escritos no site onde ele foi publicado costumam ser compartilhados e comentados entre os atletas, de modo que acredito que sua utilização para além da riqueza da narração, é uma maneira também de expressar a construção dos significados em torno da corrida de aventura. A atleta traz

¹³ Disponível na íntegra em: <http://www.adventuremag.com.br/noticias/14/5003/relato-de-fabiana-duarte-na-final-do-brasileiro-de-corrída-de-aventura.html>. * C.A.: abreviação de corrida de aventura. ** MTB: abreviação de Mountain Bike. *** Downhill, trecho de descida íngreme, pode ser feito a pé ou com a mountain bike.

temas que frequentemente são citados pelos atletas que acompanhei mais de perto como características destas práticas.

Antes de compreender como essas características contribuem para a construção do significado da aventura neste esporte, é importante destacar alguns aspectos do que acompanhei durante o campo, tanto na assessoria, quanto durante a organização de provas junto a ACAERJ. Em todas as etapas que acompanhei, pude observar uma proximidade muito grande entre os atletas que participam das provas. A atmosfera de realização das mesmas se constitui de um misto de companheirismo com o desejo de competir com o outro, não contra o outro. Nos *briefings*, não havia uma glamourização das estruturas montadas para receber os atletas, era preparado exatamente aquilo que a organização considerava necessário para receber os atletas e transmitir as informações, de modo que um projetor, um computador, amplificador, microfone e cadeiras eram o material que se encontrava nos lugares onde a reunião aconteceria. Um ou dois revendedores de produtos da área montavam pequenos estandes de venda, uma área era montada para entrega de kits e exposição dos troféus e medalhas. Era tudo. Os atletas praticamente se conheciam todos. Até que a organização começasse a passar as informações, os atletas conversavam, trocavam experiências, compravam um produto ou outro que precisariam usar na prova e que, eventualmente, tivessem esquecido de levar (Foto 4).

Ao final dos *briefings* os participantes tinham que “plotar” seus mapas (Foto 5), isto é, traçar a melhor estratégia de navegação para chegar aos PC’s. Para isso tinham que definir as melhores coordenadas e os melhores trajetos. A orientação é um dos aspectos mais importantes das provas, quem define a melhor estratégia e combina esses fatores com bons desempenhos nas outras modalidades, ganha a prova. Do contrário, um bom desempenho nas modalidades e um fraco desempenho na navegação pode levar a derrota. Tratarei melhor desta questão no próximo capítulo. Cito esta questão aqui apenas para destacar a importância que este aspecto da corrida tem. Embora a boa manipulação do mapa fosse um indicador de uma possível vitória, o que eu via, assim como relata Fabiana Duarte, era um compartilhamento de informações entre os competidores. Alguns atletas estudam e plotam seus mapas sozinhos, isolados em algum canto, mas isso não costuma ser bem visto pela maioria.

Esse tipo de atitude, para além de um *fair-play*, ou seja, de uma boa conduta durante a prova, confere às corridas de aventura uma característica singular: a cooperação. Que pode ser vista também nas outras modalidades da corrida, não apenas

no parte de navegação, ou seja, dos usos do mapa (Foto 6). Se o *fair-play* é visto como um comportamento moral e ético e pode ser notado em vários esportes, a cooperação é parte do que a corridas de aventura são.



Foto 4: Briefing na corrida de aventura. À direita, de cinza, voltado para frente, um dos organizadores, que passa as instruções aos atletas, cada um já de posse de seus mapas (Foto: Cilene Lima de Oliveira)



Foto 5: Atletas “plotando” seus mapas (Foto: Cilene Lima de Oliveira)



Foto 6: Atletas de diferentes categorias da corrida de aventura cooperam entre si para passar as bicicletas por cima de uma porteira. O atleta à direita, inclinado, é o atual campeão brasileiro na categoria solo (Foto: Cilene Lima de Oliveira).

A cooperação vai além de uma atitude cavalheiresca, da política da boa vizinhança ou da coibição de atitudes violentas. Se o *fair-play* é fruto daquele contexto explorado por Elias e Dunning (1992), do autocontrole e disciplina das atitudes (DAMO, 2007), a cooperação institui uma característica primordial, inclusive, para a manutenção das corridas. Se em determinados momentos ela é a expressão de valores de companheirismo incorporados pelos atletas, em outros, além disso, ela garante a segurança frente a algum perigo ou algum momento de dificuldade que o atleta esteja passando ou de ajuda que ele esteja precisando. Afinal de contas “o difícil é a prova”, me disse um atleta em uma entrevista que explorarei no capítulo seguinte.

É dessa maneira que a competição pode ser elaborada de maneira diferente, como afirmei. É neste sentido, portanto, que questiono o recorte feito por Borges (2007), abordando, segundo ele, corridas em contextos competitivos mais sérios. A competitividade é uma característica também das corridas que observei, ainda que surjam outros aspectos como complementares desta construção de significados. Como dizer, então, quais seriam os níveis mais sérios de competição? O que confere essa seriedade, a busca pela vitória a acima de qualquer coisa? O próprio autor identifica a lógica da cooperação entre os praticantes. Como então definir os limites da competição?

Como dizer que este contexto competitivo, do qual ele se apropriou, se orienta para os resultados e recompensas pecuniárias, como na concepção de Elias e Dunning (1992), sobre a qual o investigador se apoia e que foi já citada anteriormente por mim?¹⁴. A própria Fabiana Duarte, no relato que apresentei argumenta: “Num esporte que se desenrola no meio do mato, sem pose pra foto, sem aplauso, "sem pódio na chegada ou beijo de namorada"... Mas que é gratificante pelo simples fato de superar a si mesmo e às diversidades da natureza. Penso quando alguém pergunta: Mas o que você ganhou? Eu não sei explicar... Só sei que ganho a cada corrida.” A fala foi compartilhada e apoiada pelos praticantes que acompanhei, um deles comentou o relato no site: “é isso aí, só nós corredores de aventura sabemos o que ganhamos”. Como, então, identificar estes contextos competitivos sérios e diferencia-los? A corrida relatada por Fabiana, além do troféu como premiação, garantia aos três primeiros colocados das duplas mistas, vaga na Copa América de Corridas de Aventura, esta oferecendo premiação monetária aos ganhadores.

É por este tipo de reflexão que se torna difícil o enquadramento destas práticas como o fez Borges (2007). No contexto que acompanhei, os atletas podem até competir entre si, mas o objetivo principal é superar a si mesmo e vencer os desafios que a prova impõe. É por isso que competem consigo mesmo e com a prova. Em torno disso, me deterei melhor no próximo tópico deste capítulo e nos capítulos seguintes. Mas decidi já anunciar a questão aqui porque está ligada a outras características singulares das corridas de aventura: o sentido do desafio, da incógnita, da dificuldade e da superação, que, combinados, formam o que os atletas chamam de “aventura”.

Antes de adentrar nesse assunto, é importante dizer que observei a questão da cooperação tanto nos treinos, principalmente nos longos (isto é, aqueles que são realizados em alguma trilha), quanto nas provas. Nas corridas de aventura este aspecto é mais pronunciado. Disto decorrem algumas considerações importantes. Durante os treinos acompanhei tantos atletas de corrida de aventura, quanto atletas de corrida de montanha. Nesse sentido havia uma articulação e troca de experiências entre estes atletas, de modo que alguns valores eram compartilhados. Então, por exemplo, durante um treino onde participavam corredores de aventura e de montanha, observava um intuito cooperativo entre ambos os atletas. Nas provas, no entanto, esse aspecto adquiria formas diferentes. Nas provas de corrida de aventura, era comum observar a

¹⁴ A questão da competição será abordada também no próximo capítulo, porque nela se insere a noção de performatividade que apresentarei aos leitores.

cooperação, como expliquei, mesmo porque é uma característica fundamental para realização da prova, não se constituindo apenas de uma conduta ética e moral. Nas corridas de montanha, contudo, isso dependia do tipo de prova que era realizado e do público que a frequentava.

Vem acontecendo, nas corridas de montanha, um processo de comercialização e o que não é observado nas corridas de aventura. No entanto, persiste ainda algum nicho menos comercializado nestas corridas. Neste tipo de organização, mais modesta, a cooperação é mais comum de ser observada, que naquelas provas com alto nível de comercialização e burocratização. Este processo acabou por atrair e ajudar a construir outro perfil de praticantes. Particpei de uma das maiores corridas de montanha do país, junto à organização. O *briefing* da prova se realizou em ambiente ultrassofisticado, em um castelo, com vários estandes de revendedores de produtos esportivos, com equipe de apoio para entrega de kits, com estrutura moderna, locutor, grande tela para exibição das orientações e fotos (Foto 7). Segue a descrição que realizei sobre o momento da entrega de kits e *briefing*, que foi realizado na noite anterior à prova:

No início da tarde, às 15h, começou a entrega de kits. À tarde alguns atletas chegavam espaçadamente. À noite o número era bem maior. Dentre os homens alguns de camiseta, tênis e calça jeans, outros com suas jaquetas de couro, e roupas mais sofisticadas. Entre as mulheres, a maioria chegava sobre seus saltos, vestidas em jaquetas de couro e com seus pescoços bem cobertos por cachecóis refinados, com estampas de bichos, inclusive, unhas e cabelos bem feitos [...]. Os estandes de venda, que ficavam distribuídos pelo rol do castelo, também chamavam atenção pelo preço dos materiais (tênis, roupas, casacos, etc.). As meninas do apoio (contratadas pela organização para ajudar na validação das inscrições e entrega do material) comentavam: “É só pra rico isso! Aquele casaco ali (apontando para um casaco pendurado em uma arara) custa 800 reais!”. Outra retrucou: “Pobre só corre quando perde o ônibus!” (Diário de campo de 19 de junho de 2015).



XC RUN
Itaipava 2015

REDEFINE
YOUR LIMITS

Foto 7: Briefing antes da realização de uma corrida de montanha (Foto: Vladimir Togumi)

Atraídas pelo apelo de “liberdade”, “radicalidade”, “jovialidade”, “integração com a natureza”, muito do que foi construído pela mídia desde o surgimento dos esportes realizados na natureza, bem como pelo alto nível estrutural de organização, muitas pessoas estão ali por convites de última hora, outros pela influência da ampla divulgação da prova, por exemplo. Não são pessoas engajadas com a prática, segundo disse um atleta durante um *briefing* de corridas de aventura, afirmando que as pessoas mais engajadas são aquelas com o “espírito da aventura”. Este mesmo atleta contava que havia bebido água com lodo, durante a travessia de um rio à noite, e que “talvez outro ser humano, não engajado na aventura, homem de aventura por natureza, talvez tivesse desistido. Mesmo depois das dificuldades eu viciiei”, dizia, completando sua fala assim: “espírito aventureiro é quem se supera”. Não cabe apenas estar lá, mas vivenciar estas dificuldades segundo este espírito, ser um viciado. Fazer parte da família.

Nas provas mais modestas, por outro lado, a participação de atletas “mais engajados” é soberana, neste sentido a cooperação é um componente mais observado, mas ainda menos e de maneira diferente que nas corridas de aventura. Como se pode observar, nas corridas de montanha a cooperação funciona como um valor, isto é, como

um elemento mais próximo do *fair-play*, não como característica singular do esporte. Por isso mesmo, para muitos atletas, o processo de comercialização destas provas acaba minando alguns elementos que a caracterizariam como uma aventura. Quando, durante uma entrevista, perguntei a uma atleta, praticante de corridas de aventura e de montanha, se ela considerava esta um esporte de aventura, ela disse:

Solange: Hoje em dia não. Hoje em dia já está muito, muito, como é que eu vou dizer? Porque tipo assim, antigamente corrida de aventura [se corrige], de montanha, você não tinha hidratação no meio da prova, você tinha que levar a sua hidratação. Você tinha que ter a sua liberdade de comida, de tudo isso. Não tinha nada disso que tem hoje em dia...

Por outro lado, a corrida de montanha mantém, ainda hoje, alguma característica que atrai os atletas “mais engajados”, tanto com ela mesma, quanto com a corrida de aventura. Um atleta relatou o seguinte, também durante uma entrevista:

Felipe: Eu tenho me dedicado à corrida de montanha

Cilene: Também?

Felipe: É, esse ano praticamente eu e a [Maria] nós mesclamos bem a corrida de montanha. E ela tem ajudado bastante o nosso desempenho na corrida de aventura. Mas em se tratando da corrida de montanha, eu acredito que eu tenha optado pra ela por conta também dessa situação da superação, porque você não corre o tempo todo. Então a corrida de montanha, ela tem um quê, na minha visão, um quê de... parecido com o trekking ou ao estilo da corrida de aventura. Então você vai pra corrida de montanha, ela acontece às vezes no mesmo local, mas você tem... apesar de ser balizado, você vai passar pelo mesmo local, ela tem um quê de: “Como é que eu vou me comportar agora?” Porque você tem um terreno diferente. Não é igual, de novo comparando, à corrida de rua, que é sempre ali, sempre no mesmo local.

A partir desta última fala, podemos partir agora para as demais características das corridas de aventura. Como eu havia dito, existem outros elementos que, combinados, singularizam este esporte e o diferencia dos tidos como tradicionais. Citei a superação, o desafio, a incógnita, as dificuldades... Sobre a superação e as dificuldades explorei um pouco melhor nos próximos capítulos desta dissertação. Mas, trazendo um pouco destes

elementos parcialmente agora, para compreender os significados da aventura, cito outro trecho da entrevista realizada com o atleta acima.

Cilene: E o que que significa pra você fazer corrida de aventura? O que que te motiva?

Felipe: A corrida de aventura pra mim ela tem uma palavra simples: Superação.

Cilene: O que que é superação pra você?

Felipe: Superação é quando eu me deparo com um obstáculo para o qual eu não estava preparado, por mais que eu tenha treinado, aquilo apareceu e agora, eu tenho que superar física e psicologicamente. Física e psicologicamente. Psicologicamente individual e também no gerenciamento da relação com os outros integrantes da equipe. Isso pra mim é muito estimulante, muito instigante. Porque você tá sob estresse, então essa superação na condição de estresse é que me atrai, é que me faz brilhar os olhos, e eu treinar cada vez mais pra tentar estar pronto pra isso. Você treina pra algo que você desconhece, mas ao mesmo tempo... eu penso hoje em treinar as bases. Tem que ser bom no ciclismo, tem que ser bom no trekking, bom na canoagem, bom na navegação, mas eu tenho que ter uma capacidade de gerenciar outros fatores que são incógnitas, que são inesperados naquele momento pra conseguir me superar. Porque a corrida de aventura, igual alguns outros esportes, eu posso falar da corrida de aventura porque eu já pratico há 15 anos, ela tem um quê de não é tudo igual. O que me chama pra corrida de aventura, um outro fator, além da superação, é que ela nunca é uma prova iguala outra. Se você for pensar na Meia Maratona Internacional do Rio de Janeiro, ela sai daquele ponto e vai terminar naquele ponto, é tudo igualzinho aquilo ali. Eu gosto, já fiz várias vezes, mas a corrida de aventura ela muda o local, muda o estilo de prova, muda o organizador e muda as condições e as vezes muda até a equipe. Isso me estimula, essa incógnita, essa interrogação do que vai ser tá relacionada com como eu vou superar isso, a tentar terminar a prova.

Como é possível destacar desta fala, além da superação, há a noção de incógnita, do inesperado, a vontade de ir em busca do desconhecido. Estas características comumente pairam sobre um imaginário social em relação ao que seria “aventura”. A imagem do desbravador, do expedicionário, incorpora, no senso comum, esta ideia de estar à mercê da própria sorte diante do imponderável, do imprevisto. É o próprio Lévi-Strauss (1981) quem destaca até mesmo um gosto das pessoas pelo gênero literário

sobre aventuras e expedições. Bandeira (2012), no entanto é quem destaca o peso assimilado pela aventura na abordagem do autor francês. A aventura torna-se o caminho tortuoso e necessário que os pesquisadores precisam trilhar para encontrar suas aldeias, ainda que elas estejam na sua própria cidade. A mesma autora é quem identifica a ambiguidade do argumento de Lévi-Strauss, de modo que é possível verificar em vários relatos que o autor concede, sua confissão pelo gosto do que chamou de aventura. É para isso que Bandeira chama atenção quando aponta para uma discussão “insipiente” que se seguiu depois destes acontecimentos, sobretudo a publicação de “Tristes Trópicos”.

Para Bandeira (2012), contudo, alguns autores levaram além a questão buscando problematizá-la, como é o caso de Simmel (1991). A autora traz suas pontuações para construir seu argumento a respeito da emergência em tratar da aventura como objeto epistemológico. Em uma análise comparativa, a autora acaba por incorporar a concepção de Simmel (1991), mesmo que mantendo certos distanciamentos em relação a alguns aspectos. Na tentativa de extrapolar a questão e contextualizá-la ao seu campo, Bandeira acaba instituindo a aventura, tal qual na abordagem simmeliana, como conceito-controle, digamos assim. O nexos estabelecido sempre retoma a condição Simmeliana. Um exemplo para tornar mais claro: Bandeira (2012) diz que, de acordo com Simmel (1991) a aventura é algo que retoma o risco como característica do incalculável, “o aventureiro segundo Simmel, crê que o desconhecido é seguro para ele por sua convicção fatalista [...] O aventureiro atual, entretanto, crê que o desconhecido é seguro por sua convicção nas técnicas” (BANDEIRA, 2012, p.9). Trata-se sempre de manter o molde, cambiando apenas os elementos. Para ela a questão é identificar as versões de aventura possíveis, já que Simmel (1991) disponibilizou uma “abrange explanação”.

Chamo atenção que a análise de Simmel (1991) sobre a aventura se insere na sua abordagem sobre o “novo individualismo romântico” (WAIZBORT, 2006), do século XIX. É claro que as influências deste movimento estão evidentes no surgimento das práticas ao ar livre, existe uma reverberação dos valores do romantismo em relação à valorização de uma integração com a natureza, de uma subversão às ordens. Mas estabelecer a concepção de aventura no sentido do autor alemão como parâmetro é estabelecer também um recorte temporal que pode contribuir para a negligência em relação aos processos de continuidade e descontinuidades a partir destas influências. Neste sentido, acredito que a proposição de Bandeira (2012) seja correta, porém

incompleta, porque atua sempre no eixo simmeliano, que, de certa forma, por sua vez, está sempre relacionada à imprevisibilidade, isto é, “uma forma de vida que pode se concretizar em uma multiplicidade de conteúdos de vida não decididos de antemão”.

Não se trata, então, de cambiar apenas os elementos em um jogo teórico entre a análise de Simmel e os elementos contextuais, mas de indicar novos elementos imponderáveis segundo a análise do autor e desnaturalizar o conceito de aventura. Usando novamente o exemplo de Marília Bandeira (2012), ela caminha entre a significação do autor e a constituição de seu campo:

No contexto de Simmel (1991), o aventureiro seria aquele que trata o que na vida é incalculável como, em geral, tratamos o que pode ser calculado com segurança. Nas palavras do autor, ele seria um tipo social de ousadia peculiar. O exemplo extremo do indivíduo anistórico, que vive no presente. Na *aventura* contemporânea, por sua vez, calcula-se de fato, mas através de instrumentos, unidades de medida e protocolos de segurança o que antes parecia incalculável (BANDEIRA, 2012, p.9)

É como se esta ideia da imprevisibilidade, como pano de fundo da aventura, adquirisse sempre o mesmo sentido, embora com elementos diferentes, como já afirmei. Quando podemos também, de acordo com a significação da aventura, no campo que investiguei, incluir não apenas novos elementos, mas novos símbolos (diversão, dor, sofrimento, respeito à natureza, cooperação, competição etc) e novos sentidos para estes símbolos. Não é apenas uma variação no conceito em que se baseia Bandeira (2012), e dos elementos dos esportes em questão (como a questão da segurança, do risco calculado, técnica, habilidade), mas também uma inserção da *experiência* como geradora da aventura. Para além dos “discursos oficiais e oficiosos sobre ela: leis, estatutos, editais, ementas, normas e manuais que a regulam enquanto empreendimento coletivo” (BANDEIRA, 2012, p.9).

Neste ponto me apoio na noção de experiência tal qual propõe Simmel (1971). Esta noção está articulada a ideia de modernidade, como um fluxo entre fragmentação, fugacidade e contradições, relacionada ao individualismo e a estetização do cotidiano. “Assim sendo, Simmel busca captar a maneira pela qual as experiências se exprimem nas formas sociais que as condicionam, quanto ao modo pelo qual as formas sociais e culturais assimilam a diversidade das experiências que encampam” (MAIA, p.53). A vinculação destes aspectos é posta a partir da diferença que Simmel estabeleceu entre individualismo quantitativo e qualitativo, ou “novo individualismo”, a que já me referi

aqui. O primeiro diz respeito ao conjunto de individualidades e o segundo a conjunção de singularidades. Esse novo individualismo está relacionado a uma exploração da interioridade como um processo de diferenciação. É aí que a concepção de experiência baseada na análise de Simmel, também se vincula ao sentido hedonista evidenciado por Collin Campbell a partir da “ética romântica”. O individualismo qualitativo surgido no século XIX, em contraposição ao “ego consciente do indivíduo utilitário” do individualismo quantitativo do século XVII, aponta para as novas sensibilidades voltadas às emoções hedonistas (o hedonismo aqui é a própria busca da experiência e não à satisfação de alguma necessidade), em uma clara relação ao romantismo do século XIX (DUARTE, 2012; CAMPBELL, 1995; WAIZBORT, 2006).

A experiência também está relacionada aqueles aspectos que mencionei sobre a percepção da paisagem. A paisagem, portanto, constitui-se também, além da experimentação da demarcação do percurso, de uma projeção desta experimentação como aspecto mnemônico da vivência. Por isso mesmo, um atleta me disse uma vez: “aventura é ter história pra contar”. Cada história é diferente, porque cada experiência foi diferente. Embora se reconheçam em um esporte de aventura, cada um pode ter vivenciado uma aventura diferente. E as histórias são o capital distintivo (BOURDIEU, 1983) de cada atleta. Por isso também Fabiana, a atleta de nosso relato, diz que “todo corredor tem uma história pra contar”. Certa vez acompanhei uma situação a respeito disso. Era um dia de organização de uma prova de corrida de montanha, alguns organizadores, depois de um dia todo balizando um percurso, reuniram-se com os demais para jantar. Durante o jantar inúmeras histórias sobre suas experiências na trilha foram compartilhadas. Outro atleta e também organizador, olhou na minha direção e disse “isso aí é bom você anotar, sempre surgem muitas histórias”. Em outros momentos pude presenciar várias vezes os atletas compartilhando suas histórias comigo.

Em relação à experiência que me referi, ela não seria um processo de subjetivação, como na concepção de Foucault, por exemplo, como um processo de individuação de um habitus, mas em dois sentidos, no sentido de cultivo de si (CARVALHO E STEIL, 2008), daí a influência do Romantismo que citei, e do modo como os atletas interagem com a natureza e a significam.

O modo como essa ideia de natureza influencia na construção da aventura, merece algumas considerações. A natureza é condição essencial para a realização dos esportes que estamos tratando aqui, mas é também constituição de uma paisagem. A natureza, como condição fundamental para a realização da prova, aponta para uma

significação espacial e estética, por isso mesmo também sensorial, do lugar onde as provas são concretizadas. São os elementos deste espaço que permitem que ele seja apropriado e experimentado (o solo, as árvores, lagos, rios, mares, rochas, montanhas etc). Por outro lado, é a apropriação e configuração deste espaço que dá sentido a aventura, porque segue o fluxo da experimentação. Desta forma, a natureza adquire a acepção de espaço e de lugar, com certa relação entre as abordagens de Michel De Certeau (1994) e Simmel (1996), como uma articulação alegórica entre natureza e paisagem.

De Certeau (1994) faz uma articulação entre caminhada e linguagem e, por meio desta articulação, explica as relações e posições diferenciadas entre lugar e espaço, “lugar é aquilo que está estabelecido, já espaço é o lugar praticado, uma espécie de efeito da criatividade que desloca e transgride o lugar prescrito” (CARVALHO E STEIL, 2008, p.19). Mas o que nos interessa nessa associação é justamente o efeito contrastante entre aquilo que seria elemento significante e aquilo que seria significado. Por isso a articulação com a linguagem que De Certeau (1994) faz é profícua, porque estabelece estas diferenças analogamente. E é nelas que estou interessada.

De outra maneira, a concepção de Simmel (1996) é importante pela inserção da noção de paisagem como a parte da natureza passível de demarcação. Se, para De Certeau (1994), o lugar é o que já está estabelecido e o espaço a prática deste lugar, então o conceito de paisagem, segundo Simmel (1996), é quem se articula diretamente com esta abordagem. Se De Certeau faz uma analogia com a linguagem, Simmel o faz com a arte pictórica. Neste caso, essa analogia é o que explica a passagem da paisagem de mera impressão das coisas, para “impressão das coisas naturais singulares”, ou seja, “quando realmente vemos uma paisagem, e já não uma soma de objetos naturais, temos uma obra de arte *in statu nascendi*.” (SIMMEL, 1996, p.11). É esta impressão das coisas naturais singulares, acredito, que seja a possibilidade de uma acepção fenomenológica da paisagem como o que dá sentido à aventura, e não apenas como uma imagem na nossa mente. Simmel mesmo alerta sobre a importância de tratar de forma não abstrata deste conceito, embora ele fale também de disposições anímicas.

Em um dia de treinamento na Lagoa, um professor e atleta de corridas de aventura e de montanha comentava sobre uma prova de triatlón que tinha sido realizada fora do país. Ele dizia que a prova passava por lugares incríveis, citando, inclusive um lago muito bonito em que foi realizado o percurso da natação. Eu perguntei, então, qual seria a diferença entre essa prova e as provas de aventura. Ele disse, entre outras coisas,

que as provas de triátlon eram no asfalto, enquanto que na aventura, existe o contato com a natureza. Fiquei imaginando a que tipo de natureza se referia, já que ele mesmo, minutos antes, relatava a passagem da prova por lugares como o lago. Em outro instante esse assunto reapareceu e um atleta de corrida de aventura me dizia: “Sabe por que não é natureza, por que não é considerado natureza?” Ele olhava para o chão e explicava: “asfalto! Tem asfalto não tem natureza!” (Imagem 1). Ele me dizia isso como que se referindo à concepção da maioria dos atletas, embora ele insistisse em dizer que a sua concepção era diferente desta. Uma concepção de “equilíbrio ecossistêmico”, como me dissera certa vez, se referindo à influência de sua profissão – biólogo - e dos trabalhos de campo que realizara nela. Isto demonstra que, embora a maioria dos atletas possua uma noção de natureza no sentido que ele me dissera e como pude perceber, é possível verificar alguma voz com algum outro tipo de concepção, indicando a não homogeneidade destas concepções. De todo modo, de maneira geral, comecei a perceber então a diferença entre natureza e paisagem implícita na significação destes atletas e a relação destas concepções com a constituição da aventura.

Existe uma concepção contemplativa da natureza muito vinculada a uma ideia de cuidado e preservação do meio ambiente. A primeira noção está presente tanto nos discursos de admiração diante de algum cenário, como nos modos de comportamento durante a prova, nas paradas para tirar fotos de algum ponto, como a vista sobre uma montanha, por exemplo. Estas concepções são perpassadas pela emergência das questões ambientais, um processo que José Sérgio Leite Lopes (2006) chama de “ambientalização”. Segundo o autor “dar-seia uma interiorização das diferentes facetas da questão pública do “meio ambiente”.” (p.36).



Imagem 1: Anúncio de uma das etapas do Campeonato Estadual de Corrida de Aventura. Destaque meu em vermelho, indicando “Zero Km de asfalto, 100% Off Road” (Foto: comissão organizadora da etapa – ACAERJ)

Essa questão pública do meio ambiente começou a se anunciar na metade do século XX e ocorreu devido a fatores como o progresso dos conhecimentos científicos, mais especificamente a respeito da ecologia, à maior decorrência de acidentes ambientais, ao ganho de espaço político por parte dos movimentos ambientalistas e à crise energética. Como consequência, a Organização das Nações Unidas iniciou discussões para determinar novas metas para o desenvolvimento social que visassem promover uma redução dos impactos negativos sobre a natureza, levando em conta a sustentabilidade e tomando a educação ambiental como um dos seus instrumentos (ALVES *et al.*, 2007). Nesse contexto ocorreu, em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo (por isso mais conhecida como Conferência de Estocolmo), essa conferência foi um marco na elaboração de propostas e ações para a proteção do meio ambiente (LOUREIRO *et al.*, 2006). Depois da Conferência de Estocolmo realizaram-se ainda outras conferências que mobilizaram governos de muitos países para discutir as questões ambientais, destacando-se também, agora a nível nacional, a 1ª Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, no Rio de Janeiro, mais conhecida como RIO 92.

A interiorização destas questões, como destacou Leite Lopes (2006), alcançou diferentes grupos e esferas sociais. No desenvolvimento dos esportes realizados na natureza não foi diferente. A incorporação de novas condutas referentes ao surgimento da educação ambiental e dos discursos protecionistas chegou a estes esportes e tomou o lugar da significação da natureza, de modo que se pode ver nos regulamentos uma ênfase à proteção ambiental como um elemento central da prova e condição para perpetuação da prática. O regulamento estadual de corridas de aventura, por exemplo, diz o seguinte em seu item 1.1: “A preservação da natureza e sua melhoria devem ser uma meta maior do que qualquer resultado nesta prova”. Certa vez, um atleta me disse que a questão ambiental era extremamente evidente entre os atletas e que estavam sempre preocupados com “a retirada do lixo e a conscientização de outros atletas” (Diário de campo de 15 de janeiro de 2015). Durante minha participação na organização das provas era comum que uma parte do *briefing* fosse destinada à sensibilização dos atletas para o cuidado com o ambiente da prova. Outra vez, estava na organização de uma corrida de aventura e ficamos em uma Área de Transição próxima a uma lagoa. Alguns atletas, assim que retornavam do trecho que passava por dentro dela por meio de caiaques, reclamaram de sua suposta poluição, demonstrando-se bastante insatisfeitos com isso. Observava em outras situações semelhantes a essa, uma articulação do discurso preservacionista incorporado desse processo de ambientalização, com uma concepção contemplativa, moral e estética da natureza. É comum, depois de provas, ouvir elogios aos ambientes visitados como uma valorização da experiência naquele ambiente, e como uma forma de marcar sua singularidade. Um atleta me disse: “a gente vê um pôr do sol que turista não vê” (Diário de campo de 18 de novembro de 2015). É neste sentido que a concepção da natureza se articula com a de paisagem.

Como já havia afirmado a natureza é condição existencial das provas, mas a significação da aventura só acontece através de uma construção de uma paisagem propícia para tal. É aqui que se estabelece o encontro com a abordagem de Simmel e De Certeau. A natureza é o lugar a que se refere o segundo autor, a paisagem é o espaço praticado, a demarcação de que refere o primeiro, a impressão das coisas naturais singulares, como afirmei. O próprio regulamento internacional das corridas de aventura diz o seguinte: “Teams must treat the environment and landscape of the course with respect and leave minimal evidence of their Racing” (ver nota 6, p. 1). Se atentarmos, a orientação é para o cuidado em dois sentidos, do meio ambiente (*environment*) e da paisagem (*landscape*) do percurso da prova.

A paisagem é a demarcação da prova, ou seja, se determinado trecho passará por um rio, ou um lago, se outro leva para uma elevada subida, ou uma súbita descida, por exemplo, e isso é manipulado desde o início de organização de uma prova, ou do planejamento de um treino, seja de corrida de montanha, seja de corrida de aventura. É por isso que, durante a divulgação de uma etapa do campeonato estadual de corrida de aventura, um organizador convocou a todos para participação na corrida aventura que a comissão havia “montado” (Imagem 2).

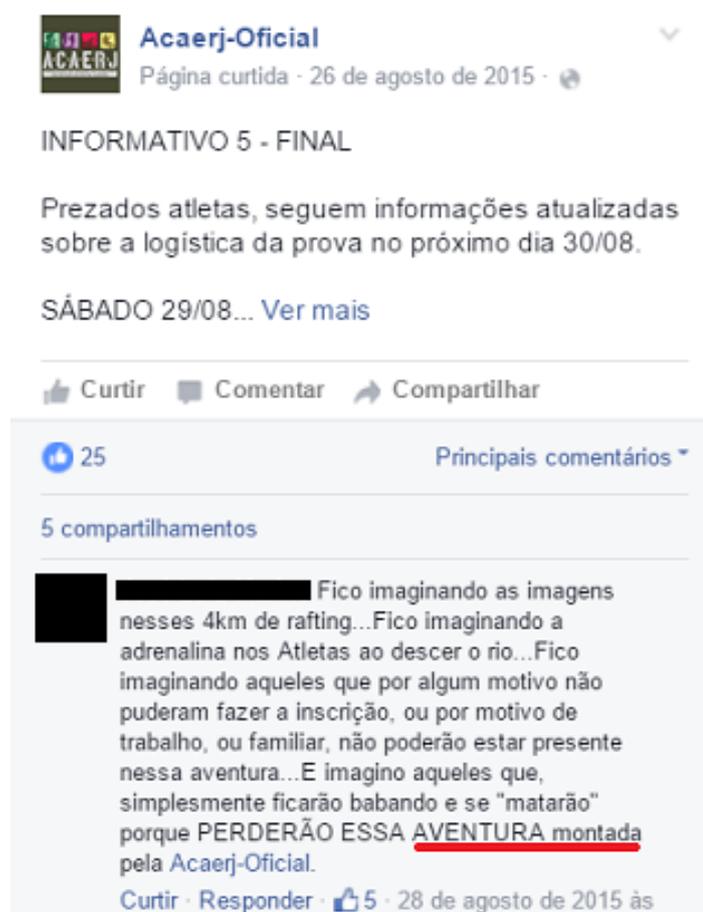


Imagem 2: Publicação dos organizadores sobre uma das etapas do Campeonato Estadual de Corridas de Aventura. Comentário com o destaque meu para “AVENTURA montada”. (Disponível na página no Facebook da ACAERJ).

A paisagem é o conjunto destes elementos, que agora não são mais apenas um conjunto de rochas, rios, terra etc., mas subidas, descidas, escaladas, passagens por descampados ou matas mais fechadas, travessia dos rios... É por isso também que os atletas podem participar da mesma prova, mas percorrer caminhos diferentes que darão significações diferentes à prova, como me apontou um atleta em entrevista:

Pedro: É, fazer outdoor é tá de frente pro inusitado, entendeu? Você sabe que tem que chegar. Você larga tua prova, por exemplo, de 80 km, mas você não sabe se você vai fazer 80, se você vai fazer 110 ou se você vai fazer 150, porque se você se perder, você pode fazer o dobro, você pode fazer... [...]. Ou você pode não chegar também, porque você não achou o caminho. As outras corridas, falando de corridas, você sabe que a chegada tá aqui, a largada tá aqui, a chegada tá lá. [...] Você vai achar. Na corrida de aventura não necessariamente você vai achar a chegada, entendeu, ou você pode chegar por um lado e eu chegar por outro. A gente pode passar 20 horas numa corrida de aventura sem se ver, entendeu, e eu não saber onde você tá, se eu sou o primeiro, se eu não sou, ninguém vai me avisar. Como eu costumo dizer, se passar mal, não passa táxi.

A natureza, como sinônimo de meio ambiente oferece os elementos e as paisagens construídas são o que transformam estes elementos em aventura, daí o destaque da constituição da aventura não apenas por sua ligação com o meio, mas pela junção entre: (A) a oscilação do terreno, (B) a superação dos obstáculos que são propositalmente manipulados na construção dos percursos da prova, (C) a superação das dificuldades e intempéries que surgem com o selo do inesperado e também da positividade do sofrimento.

A respeito do item (A), os leitores perceberão que a oscilação do terreno é um elemento fundamental na aventura, tanto para sua caracterização, quanto para um tipo de experimentação que se reflete no tipo de *performance* (no próximo capítulo desnaturalizarei este termo em função de uma performatividade atlética). Um atleta afirmou o seguinte, durante uma entrevista, quando perguntei por que tinha se interessado pelas provas de corrida de aventura e de montanha:

E nisso fui meio que abandonando [se referindo às corridas de rua]... abandonando, não, fui mais me dedicando a esse tipo de prova [se referindo às corridas de aventura e de montanha]. É, exige uma força, uma técnica que é interessante, principalmente por conta da oscilação de terreno e foi aí eu que acho que comecei a falar assim: opa, tem algo que eu gosto bastante, principalmente nas provas que tem muita subida. Eu acabei me adaptando muito bem à subida e é aonde eu vejo que eu consigo me desenvolver bem, consigo ter um desempenho muito bom nessas provas que tem muita oscilação.

Em relação ao item (B), a superação dos obstáculos além de estar relacionada às questões que mencionei anteriormente sobre competir contra a prova e contra si mesmo, e estar relacionada ao item (C) está também diretamente ligada à noção de diversão e satisfação que estes elementos alavancam. A caminho de uma prova de corrida de

montanha, conversávamos eu e mais duas atletas sobre a diferença entre as provas de aventura para as provas de triátlon, por exemplo. Uma delas dizia que os atletas do triátlon só visavam o resultado, enquanto a outra respondia “atletas de aventura só queriam se divertir” (Diário de campo de 17 de maio de 2015). Em outros momentos, ainda no início da pesquisa, quando explicava o intuito de minha pesquisa e buscava sondar algumas informações, a maioria sempre dizia “Ah! Corrida de aventura é muito mais divertido”.

O item (C) faz referência à relação contratual que os atletas estabelecem com a natureza por meio do sacrifício, no sentido Maussiano. Essa relação é responsável por transformar o estado moral, ético e identitário dos praticantes por meio da superação de dores e sofrimentos. Expliquei melhor este item no capítulo 3 desta dissertação.

Retomando agora as questões que apresentei no início deste capítulo, gostaria de acrescentar algumas articulações entre as explicações que elaborei sobre os sentidos e significados dos esportes de aventura analisados e as abordagens teóricas que citei. Em primeiro lugar, vale, resumidamente, recuperar algumas características dos esportes pesquisados. Em relação às corridas de aventura foi possível verificar os seguintes aspectos: é uma corrida não espetacularizada; em que o processo de regulamentação, ainda que em níveis diferentes, está sempre presente em todas as suas matrizes, adotando o termo utilizado por Damo (2007); a busca por resultados não pode ser enquadrada como a busca pela vitória, nos termos em que foram sendo construídos os esportes tradicionais, por exemplo. Outros fatores podem assumir o lugar dessa busca, muitas vezes, como a diversão, ou a experiência na natureza. Elementos como a cooperação, a superação dos desafios e obstáculos que a construção do percurso oferece, também são aspectos importantes.

Em relação às corridas de montanha, posso destacar o processo de comercialização que vem passando, o que modifica, em certa medida, o perfil de alguns participantes. Por outro lado, persistem ainda matrizes não comercializadas e que compartilham muitas características com as corridas de aventura, inclusive um perfil parecido de atletas, que acaba sempre se revezando entre umas e outras. Alguns aspectos como a cooperação, por exemplo, adquirem sentidos diferentes em relação à corrida de aventura, sendo adotados como valores e não condições existenciais da prova. Outra questão é quanto ao uso de tecnologias, enquanto que nas corridas de aventura a exigência de tecnologia é grande, pelo uso da *mountain bike*, das bússolas,

dos materiais para as escaladas, por exemplo, nas corridas de montanha esta exigência se resume ao uso do tênis.

Como eu havia indicado anteriormente, o conceito de configuração sugerido por Elias e Dunning (1992), pode nos trazer elementos importantes para pensar questões que se apresentam a partir do conceito de esportes. Como eu havia apontado também, a utilização deste conceito tem que ir além de uma contextualização das práticas, a fim de identificar seu lugar no campo esportivo e possibilitar a própria relativização do processo de esportivização e das características do esporte moderno que contribuíram para o estabelecimento dos ditos “esportes tradicionais”. Assinalando que a diversidade destas atividades se dá pela matização destas características e adição de outras. Bandeira (2012, p.142) ressalta: “A aventura dramatiza a possibilidade de subversão de certas convenções esportivas e regras sociais, suas relações de poder e hierarquias. No entanto, funda tantas outras”. Podemos dizer, então, que, em relação a estas convenções, os esportes de aventura muitas vezes se situam no limite das padronizações, quantificações, racionalizações e burocratizações. Em que nível se pode falar, por exemplo, de burocratização em um contexto onde os regulamentos estão constantemente sendo flexibilizados em função de algum fator imprevisto? Quanto às quantificações, como mensurar resultados que fluem entre a vitória e a cooperação, a diversão? Como mensurar um resultado que, às vezes, se expressa como a vitória sobre a prova, sobre os obstáculos percorridos? Como identificar a abstração e a padronização nestes esportes? Como situar a busca do *record* se, embora haja a competição e a tentativa de superação dos próprios limites e dos limites alcançados por outrem, a experimentação das oscilações que a paisagem propicia se torna o propulsor destas vivências? A possibilidade de dramatização a que se refere Bandeira, portanto, está inserida nestes contextos de relativização dos processos estabelecidos na constituição dos esportes modernos, e na significação singular que a aventura pode adquirir nestas práticas, tanto como na incorporação do inesperado, do imprevisto, quanto na materialização de novas experiências. Não se trata, portanto, de negar as convenções, mas situar suas aplicações em contextos específicos, relativizá-las.

CAPÍTULO 2

“Qual é o teu *pace*?”: técnicas corporais e performatividades esportivas.

Antes de qualquer coisa, quero lembrar aos leitores que trato aqui de um tipo de esporte diferente dos ditos “tradicionais”, como já havia mencionado no capítulo anterior deste trabalho. Isso requer, portanto, situar essas práticas em um lugar específico, com características específicas, mas que não deixam de ser consideradas como esporte pelos seus praticantes. Dessa forma são práticas que compartilham com vários aspectos daqueles que Guttmann (1978) evidenciou como pertencentes aos esportes modernos e que, em outros elementos, distancia-se consideravelmente. É neste sentido que busco problematizar a questão da versão atlética da sociedade, bem como o culto à *performance*, discutido por Ehrenberg (2011), desconstruindo em alguns aspectos estas concepções e relativizando em outros as, ditas, *performances* esportivas.

A proposição deste autor é que o esporte dramatiza e sintetiza uma cultura da *performance*, no sentido de desempenho, particular do mundo empresarial. Dessa forma, a competição presente neste modelo consolida-se no e por meio do esporte. É assim que a constante busca por melhores desempenhos, seja no meio esportivo ou fora dele, comporia a versão atlética da *performance*, que não se limita a busca pela melhoria dos desempenhos, mas aponta para uma convergência de diversas características, como, por exemplo, a superação de limites, a vitória sobre os obstáculos, a imputação da responsabilidade e do controle de si ao indivíduo. Silbermann (2014, p.56) destaca: “a *performance* esportiva tornou-se um “estado de espírito” contemporâneo, a apresentação do sujeito competitivo que todos nós precisamos nos tornar”.

Neste capítulo, portanto, tensiono termos frequentemente utilizados em trabalhos sobre esporte (sejam de quaisquer áreas: Educação Física, Nutrição, Medicina Esportiva, Sociologia do Esporte, Antropologia do Esporte etc.), são eles: *performance*, rendimento, desempenho, técnica corporal e eficácia. Farei uma análise de maneira que busque problematizar a forma como alguns conceitos foram incorporados ao longo do tempo, ajudando a enfatizar a proposição de Ehrenberg (2011), o que colocarei em suspeição.

Como eu já tinha dito, não pude acompanhar, no caso das corridas de aventura, todas as suas modalidades, acompanhando apenas os atletas durante treinos de natação no mar e de corridas. Dos dois, o treinamento de natação serviu mais como estratégia de aproximação com determinados atletas que treinavam pela manhã na praia de Copacabana, estratégia que, com o passar do tempo, foi sendo secundarizada, pois já havia estabelecido um convívio com os atletas em outros momentos, e os atletas que eram foco da pesquisa, apareciam de maneira mais eventual a estes treinos. Desta maneira me ocupo aqui muito mais com o que observei durante os treinos de corrida e durante as provas de corrida de aventura e de montanha.

2.1. *Performatividade* esportiva: corpo como fonte e local da experiência

Se estivéssemos diante de um grupo e perguntássemos: “o que é *performance*?”, e se, dentro deste grupo houvesse um antropólogo, um linguista ou estudioso do teatro, certamente isso os imporia a uma revisão em suas memórias de muitos aspectos do termo que foram sendo explorados por muitos autores desde as décadas de 1950/1970 (GOFFMAN, 1959; 1967; TURNER, 1957, 1967, 1968, 1974, 1975, 1985, 1987; CHOMSKY, 1957; SCHECHNER, 1977; AUSTIN, 1962). O que implicaria em não definir o termo, mas resgatar toda trajetória que se construiu nos Estudos da Performance, para estudá-lo. Por sua vez, se, neste grupo, estivessem presentes treinadores, atletas, entre outros atores da cena esportiva, eles provavelmente formulariam uma resposta que seria algo como: “o desempenho esportivo de um atleta”, o que não significa que não haja uma história por trás do termo, mas que a forma como ele foi construído aconteceu em concomitância com o aparecimento dos esportes modernos e, conseqüentemente, com aquelas características já citadas. Notem, portanto, que o termo passa a ser atribuído de maneiras diferentes, uma vez que, quando se fala, em *performance*, fala-se em *performance* esportiva, *performance* artística, *performance* executiva etc., justamente pela multivocalidade da palavra.

De qualquer forma, eu parto do termo *performance* esportiva tal qual tem sido utilizado no meio esportivo e entre os estudiosos desta temática para problematizá-lo. E aqui eu observo que não somente no meio esportivo, mas também entre estudiosos da própria Antropologia que se dedicam ao esporte, a utilização do termo, quando referido

as disposições de práticas ou métodos de treinamento, ocorre de maneira naturalizada, como se fosse autoexplicativo. Para isso, farei uma retomada do termo na Antropologia, para estabelecer as diferenças e apontar que, na Antropologia do Esporte, embora muito tenha avançado, principalmente na atribuição de significados referentes ao ritual, nos esportes, permanece o trato do termo *performance* esportiva de maneira superficial e, na maioria das vezes, descontextualizada. Veja que não falo da *performance* tal qual estuda a Antropologia da Performance, mas da incorporação do termo nas maneiras de determinar, definir, exemplificar ou apontar determinado desempenho atlético como uma *performance* de caráter mensurável, numérico, quase exclusivamente matemático. Estou apontando aqui especificamente para o termo *performance* nesse sentido, portanto, não descartando toda construção epistemológica da forma como os sujeitos são tratados e interpretados pela teoria no que diz respeito ao esporte. Estou apontando que existe uma separação quase etimológica quando nos referimos à *performance* esportiva e à *performance* no sentido dos Estudos da Performance.

É importante dizer que, se por um lado, a Antropologia do Esporte incorporou o termo para designar um desempenho esportivo quando se refere às maneiras como os atletas se comportam em sua prática, por outro alguns autores de outras áreas, como a Educação Física, por exemplo, incorporaram o termo *performance* de duas maneiras, não somente como desempenho esportivo, mas também como *performance* de gênero, principalmente nos estudos sobre homens e mulheres no esporte. Aqui, eu pretendo tratar dos termos de maneira a identificar seus usos e significados, esclarecendo como o termo, no sentido do desempenho esportivo, pode ser entendido melhor quando procuramos enxergá-lo através de outras óticas, ou seja, também usando os termos da *performance* elaborada pelos Estudos da Performance, um campo multidisciplinar.

2.1.a. Performance esportiva

Explorar a etimologia da palavra *performance* pode oferecer muito pouco fundamento no delineamento que este capítulo propõe. Isto porque, radicalmente originária do francês (radical: *performa*, em francês: *parfournir*), registrada desde os séculos XI e XII, a palavra sofreu algumas corrupções na língua inglesa, até que se tornasse o termo que conhecemos hoje (CAMARGO, 2015).

Em relação às práticas esportivas, a palavra parece ter sido incorporada entre os séculos XIX e XX juntamente com a palavra treinamento que, originalmente, referia-se

ao preparo dos cavalos de corrida. Em 1911 Georges Hébert, organizou uma tabela com uma classificação do treinamento esportivo: “*performances* inferiores”, “*performances* médias”, “*performances* superiores”, “*performances* atléticas”, “*performances* próximas dos limites da capacidade humana”, “*performances* máximas ou recordes” (VIGARELLO, 2008). A classificação é interessante porque hierarquiza o treinamento colocando em evidência aquilo que quero chamar atenção aqui: a *performance* esportiva, tal qual tem sido abordada (me refiro aqui a naturalização do termo em si mesmo), designa um aperfeiçoamento da biologia humana, uma conjugação do treinamento para o alcance da perfeição do atleta e do homem, afinando-se com as características que Guttmann (1978) estabeleceu.

Nesse caso, a *performance* vem sendo acompanhada de palavras como incremento, refinamento ou melhoria, denotando exatamente a fixidez com o que termo tem sido representado em relação a um tipo de fazer atlético que se vincula com a criação de um referencial, como destaca Ehrenberg (2011, p.21): “o valor referencial do esporte está a tal ponto dilatado que se transformou num lugar para falar de outra coisa. Colocando de outro modo (...) imagens de vida e modos de ação se difundem, se popularizam, adquire legitimidade por meio do esporte”. Ainda que as críticas em relação ao esporte de alto rendimento pululassem em algumas áreas, o que se criticava eram as consequências que o treinamento para este tipo de desempenho poderiam levar, isto é, um perfil de corpo produtivo que traduzia os valores de uma sociedade competitiva, por exemplo. Isto pode se verificar tanto nas críticas da Nova Esquerda quanto nas críticas da Escola de Frankfurt, entre as décadas de 1960 e 1970, como as teses sobre ou a coisificação e alienação da sociedade, e as teses sobre repressão e manipulação dos indivíduos (VAZ, 1999b, 2001, 2005; BRACHT, 2005). Além das críticas em torno da intensidade das práticas e sua relação com os excessos, que poderiam levar à lesão ou à fadiga.

A incorporação do treinamento vinculou-se, dessa maneira, à racionalização da prática de maneira concomitante com o desenvolvimento de ciências como a fisiologia, anatomia e mecânica. Por sua vez, essa característica, a racionalização, estava ligada à quantificação dos exercícios e, posteriormente, à busca de recordes, como ressalta Guttmann (1979). A profusão de práticas e métodos de treinamento, “instala mais do que nunca a *performance* como um índice de aperfeiçoamento” (VIGARELLO, 2008 p.203).

Por sua vez o termo “rendimento”, juntamente com o “desempenho” que acompanha também essas designações, torna-se, portanto, referente às práticas corporais deste escopo. Frequentemente estes termos são acompanhados do prefixo “alto”, o que permite estabelecer, mais uma vez, uma hierarquia entre os treinamentos que visassem um culto à *performance*. É preciso fazer o corpo render para alcançar e, quem sabe, ultrapassar os seus limites. São estes termos que conferirão determinada eficácia aos gestos e atividades.

Neste sentido, portanto, os termos *performance*, rendimento e desempenho, foram sendo articulados, por alguns autores, à eficácia do movimento e à perfectibilidade que o treinamento diário poderia imprimir às práticas dos indivíduos no esporte. A relação entre *performance* e rendimento, por exemplo, fica mais evidente quando retomamos a “preocupação com uma precisão cada vez maior na análise, traduzida, via de regra, em linguagem matemática, em números que possam comparar grandezas em sua possível equivalência” (VAZ, 1999a, p.101). Mauss (1974 [1936]) também insere o termo eficácia em seu conceito de técnicas corporais, entretanto, a versão que o autor constrói deste termo pode levar a inferências que não necessariamente aquelas que os demais termos acabam fazendo quando relacionam *performance* a “alto rendimento” (“ou alto desempenho”).

2.1.b. Performance nos Estudos da Performance

Se voltarmos novamente para o grupo ao qual foi lançada a pergunta “O que é *performance*?”, nos detendo agora aos linguistas, antropológicos e teatrólogos, poderemos verificar que, nos Estudos da Performance, por sua vez, o termo pode adquirir novos contornos que não aqueles determinados pela biomecânica, fisiologia, anatomia, presentes no conceito de *performance* no sentido esportivo. Isso não significa que o termo possua uma definição específica ou própria de cada área, mesmo porque a constituição do que se tornou esta linha de estudos deu-se em confluências com outras áreas, inclusive aquelas não citadas no nosso exemplo, como a filosofia, por exemplo.

Ainda que Malinowski e Boas renunciassessem já o termo (“herança em estado latente”, nas palavras de Lucas (2005)), a interdisciplinaridade com que veio sendo construído na disciplina é notável. Isto porque, de forma paralela, no teatro (e na Arte,

de forma geral), na Linguística, na Semiótica, na Psicologia, na História Cultural e na Sociologia, desde o final do século XIX e início do século XX, já se projetavam alguns estudos a respeito.

Na Antropologia, o nome que se destacou a respeito foi Victor Turner (1957, 1967, 1968, 1974, 1975, 1985, 1987) seu diálogo com Goffman (1959, 1967) e Richard Schechner (1977) enriqueceu o debate e acabou por constituir, juntamente com Schechner, a Antropologia da Performance, entre as décadas de 1970 e 1980. Antes disso, a etnografia que Turner realizara na década de 1950 entre os Ndembu, na África, havia começado a desenhar sua trajetória ao redor dos estudos sobre *performance*, começando pelo conceito de drama social e ritual. É justamente nestas duas últimas categorias que reside a especificidade de Victor Turner, em contraposição a Goffman, por exemplo (DAWSEY, 2007).

Os artigos e ensaios produzidos entre as décadas de 1950 e 1970 deram origem à “Floresta de Símbolos” (1967), “*Drums of affliction*” (1968), “*Revelation and divination in Ndembu Ritual*” (1975) e “O processo ritual” (1974). Em todas estas obras Turner aprofundava o estilo analítico próprio a respeito do ritual. Em “O processo ritual”, o autor elaborou o conceito de *communitas*, em transição com o conceito de liminaridade¹⁵. Entretanto foi no primeiro livro publicado (*Schism and continuity in an African society, 1957*), fruto de sua tese de doutorado, que Turner anunciou, com a pretensão de explorar depois, as categorias mais importantes de seu trabalho: ritual e drama social, como afirmei anteriormente (CAVALCANTI, 2013).

O conceito de drama social interessa-nos aqui porque é em articulação com este conceito que Turner elabora o de *performance*. A noção de drama social coloca no conflito um peso não apenas constitutivo da vida social, mas explicativo dela. O conceito só pôde ser formulado porque Turner observara não apenas um dinamismo, mas uma descontinuidade nas regras que deveriam reger as aldeias Ndembu. Estas regras, que se baseavam no “princípio da matrilinearidade (a definição da ascendência por linha materna, via irmão da mãe) e a regra de casamento virilocal (as mulheres, ao se casarem, deslocavam-se para a aldeia dos maridos)” (CAVALCANTI, 2013, p.417),

¹⁵ O conceito de liminaridade, em Turner, se refere a classificação ambígua dos indivíduos no momento do ritual. Os atributos das pessoas, nesse sentido, escapariam à classificação determinada dos rituais. Os indivíduos estariam no meio, ou seja, entre o estado de ordenamento do contexto e, ao mesmo tempo, fora dele. O conceito de *communitas*, por sua vez, termo que Turner prefere extrair do latim, significa as formas de relacionamento dos indivíduos em contraposição à estrutura dos ordenamentos sociais (TURNER, 1974).

eram, portanto, constantemente abaladas por conflitos. O que Turner havia notado é que estes conflitos faziam parte dos mecanismos que compunham a esfera político-residencial das aldeias Ndembu, instituindo o drama social como uma ação reparadora. O modelo de drama foi elaborado da seguinte maneira: (1) ruptura, (2) crise e intensificação da crise, (3) ação reparadora e (4) desfecho (que pode levar à harmonia ou cisão social) (TURNER, 1957), o que recebeu críticas posteriormente por ter extrapolado o aspecto de modelo, para o de fórmula, como assinalou Geertz (GEERTZ, 2011).

Turner (1957, 1987) comparou a situação conflituosa das aldeias ao drama grego, e a experiência das pessoas (agora personagens) dentro deste drama, a uma tragédia (ainda no sentido grego), porque entremeada no destino da aldeia. É essa experiência e a manifestação dos personagens neste drama, “cheios de traços peculiares e características, qualidades e defeitos, muito pessoais” (CAVALCANTI, 2013 p. 416) que aproxima o drama social ao conceito de *performance*.

A discussão sobre *performance* se aprofundou com o livro “*From ritual to theatre*”, publicado em 1982. Nessa época Turner aproximava-se de Richard Schechner (1977) e da área teatral e contribuía para a construção da Antropologia da Performance, como já mencionei. Além dessa aproximação com o teatro, Cavalcanti (2013) assinala que Turner fazia também incursões em outros campos como “a linguística (Austin, 1962; Peirce, 1969; Searle, 1969), a literatura oral (Zumthor, 2009), a etnomusicologia (Seeger, 1994), estudos de folclore (Bauman, 1977) e a própria antropologia (Malinowski, 1972; Tambiah, 1968; 1973)”, por isso mesmo é importante sublinhar a confluência da Antropologia da Performance com outras áreas fora desta disciplina, o que contribui para enriquecer os estudos e pesquisas.

Em “*The anthropology of performance*” (1987), Turner se ocupa de estabelecer as diferenças entre seus conceitos e os de Goffman (1959,1967). De acordo com Turner, enquanto que Goffman “tem uma abordagem mais diretamente cenográfica no uso do paradigma teatral” (p.4, tradução minha), e que toda interação social é uma encenação, ou seja “o mundo é um palco” (p.5, tradução minha), para ele mesmo as *performances* surgem no momento das crises. Ele afirma que, nesse sentido, a vida diária é uma espécie de teatro, quando nos prendemos às análises de Goffman e que, por sua vez, o drama social é uma espécie de metateatro. Turner faz questão de pontuar sua concepção de ritual: “Ritual para mim, [como Ronald Grimes coloca]; é uma "performance transformadora revelando grandes classificações, categorias e contradições dos

processos culturais" (p.5). *Performance*, para Turner, portanto, é algo que se realiza no ritual, sendo este último o momento de interrupção da vida cotidiana. Cavalcanti, afirma: "O referencial para a transposição ficcional efetuada pela narrativa do drama social é a situação do desenrolar das ações dentro de uma moldura temporal e espacial nítida" (2007, p.135).

É importante trazer estes conceitos porque é a partir deles, estabelecendo aproximações e distanciamentos, que apontarei para uma continuidade entre os sentidos que permeiam a noção de *performance* esportiva e *performance* no sentido dos Estudos da Performance. Mais adiante me deterei a melhores explicações a respeito. Por hora cabe sublinhar a importância de Turner na formulação destes conceitos, já que ele e Schechner podem ser considerados expoentes nos estudos da *performance*, sobretudo em relação à Antropologia da Performance, sendo considerados os fundadores desta última, e a partir de suas formulações uma nova ótica se fixou nos estudos não apenas sobre rituais, mas sobre as relações das pessoas de maneira geral. A instauração de um interesse "pelo não harmônico, pelo discrepante, por regras situacionalmente incompatíveis entre si, pela natureza aberta e processual da vida social, em suma" (CAVALCANTI, 2013, p.424) é sumariamente importante para análises que se seguiriam.

O resgate de maneira muito breve da construção da origem dos Estudos da Performance e do papel de Turner neste processo, não objetivava, portanto, um grande esclarecimento das obras e dos conceitos do autor, mas apontar para um campo que foi feito por meio de uma reflexão em relação aos conceitos já existentes e que partiram dos estudos sobre ritual, que já apresentava profunda reflexão desde Durkheim, Robertson Smith, Van Gennep, Bateson e Gluckman, orientador de Victor Turner (PEIRANO, 2006). Isso porque procurei apenas situar a origem dos estudos sobre *performance* e suas implicações mais especificamente para Antropologia, justamente pelo diálogo entre Turner e Schechner, não me estendendo as outras áreas que já citei aqui. Faltaria fôlego para tratar especificamente de cada referência deste assunto, tanto nas demais áreas, quanto na própria Antropologia, porque o campo é amplo e crivado de inúmeras outras influências. Além disso, não é o objeto deste capítulo fazer uma arqueologia destes estudos, mas assinalar que as novidades que alguns autores inseriram podem contribuir para a abordagem que proponho aqui.

Neste sentido, pretendo apenas sublinhar algumas outras referências que contribuam diretamente para a análise que busco realizar sobre a construção de

corporalidade nos atletas de aventura. Para isso não poderia deixar de citar a abordagem de Stanley Tambiah (1973, 1985) e Judith Butler (2002). Tambiah pela introdução da noção de cosmologia para explicar a abordagem performativa dos rituais budistas na Tailândia e pela não definição de ritual em termos absolutos. O autor toma de empréstimo o termo “performativo” de John Austin (do livro: “Quando dizer é fazer”, de 1962) para designar a eficácia dos ritos. Butler (2002, 2006) também retoma o termo utilizado pelo linguista para explicar a noção de gêneros como performativos. A diferença entre Tambiah e Butler é que, o primeiro, embora tenha conferido um valor relativo e certa plasticidade aos rituais, se insere justamente no âmbito das análises do ritual como um evento especial ou peculiar (tal como Turner), ainda que definido pelos próprios nativos, como aponta Peirano (2002). Butler, por sua vez, defende a ideia de um enunciado performativo que se materializa no corpo de maneira ritualizada. Para autora as convenções ritualizadas “mantém sua esfera de operação para além do momento de enunciação em si” (PINTO, 2007, p.9). Existe, portanto, uma noção de ritual que se atualiza temporalmente, porque não delimitado pelo momento da repetição. De certa maneira, notamos o distanciamento de uma abordagem da concepção de ritual como algo diferente do cotidiano com uma especificidade aparente ou uma moldura própria.

É nesse sentido que busco compreender as *performances* nos esportes de aventura que apresento aqui. Assim como Butler (2002, 2006) e Tambiah (1973), compreendo que as *performances* esportivas podem ser interpretadas também como performatividades, entretanto, me aproximo mais do conceito elaborado pela primeira porque no sentido que Stanley Tambiah apontou teria que me deter a eventos especiais, aos rituais como eventos com traços formais e padronizados (ainda que, segundo este autor, variáveis e considerado em termos cosmológicos) e o que proponho é justamente analisar o processo de construção das corporalidades, que envolve não apenas as provas (como eventos ou rituais), mas os treinamentos diários a respeito das técnicas corporais e o entrelaçamento deste aspecto com a constituição dos sujeitos, que se estende para o seu cotidiano. Dessa forma, embora reconheça a importância do trabalho realizado por Arlei Damo (2007), que também traz problematizações a respeito da *performance* esportiva, me distancio de sua abordagem por sua aproximação com a concepção de Zumthor. Para Damo, o conceito de *performance* é assegurado apenas por meio de um “lugar cênico” (em analogia ao teatro), isto é, um espaço ficcional e singular. Dessa

forma, o autor desloca a *performance* para o campo de futebol, como sendo este lugar cênico.

O conceito de *performance* de gênero de Butler (2002, 2006) é importante porque, ao realçar sua análise da diferenciação que Austin faz entre termos constataativos e performativos¹⁶ dos atos da fala, ela engendra uma abordagem que considera o gênero não em termos de falso ou verdadeiro, mas como efeitos dos atos da fala que se materializam, para adotar um termo já mencionado e constantemente trabalhado pela autora em “*Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*”(originalmente publicado em 1993). É importante também porque traz para a discussão as questões referentes às normas regulatórias, problematizando as supostas limitações entre sexo e gênero, conseqüentemente entre natureza e cultura. Nas palavras da autora:

Nesse sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será repensada como o efeito do poder, como o efeito mais produtivo do poder. Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um constructo cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria - quer se entenda essa como o "corpo", quer como um suposto sexo. Ao invés disso, uma vez que o próprio "sexo" seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O "sexo" é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2002, p.112).

Ela afirma ainda que “a matéria dos corpos será indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização” (BUTLER, 2001, p.111). Traçando um paralelo com a noção de *performance* esportiva, estou convencida de que esta, longe de ser um treinamento, ou aperfeiçoamento de uma biologia, está inserida em um contexto que as regula. Estas normas regulatórias podem ser a constituição pré-estabelecida das técnicas que precisam ser apreendidas (colocarei em suspeição este termo mais adiante) pelos praticantes, bem como um suposto ideal de *performance* (incutido na ideia do

¹⁶ Segundo Austin (1990), os termos constataativos da fala são aqueles que constataam, relatam e descrevem um estado de coisas e que se enquadram em um padrão falso ou verdadeiro, por exemplo: “o céu é azul” ou “a terra é quadrada”. Os termos performativos, por outro lado, produzem uma ação, por exemplo: “eu vos declaro marido e mulher” ou “Batizo este navio com o nome de Senhor Stalin”, como apontou Austin.

esporte como referência para a sociedade), como coloca Ehrenberg (2001), sobre o culto à *performance*.

Tudo isso parece seguir o que Mauss (1974 [1936]) elaborou em “As Técnicas Corporais”, até certo ponto. Ponho aqui mais questões para pensar a própria denominação de Mauss, ele mesmo viu-se no esquema explicativo do termo à medida que, anteriormente, confinava tais técnicas ao termo: “diversos”; quando ainda não tinha elaborado o seu conceito de técnica corporal. Não é, portanto, uma grande novidade nos estudos da antropologia dos esportes, mas um acréscimo para, na verdade, desconstruir o conceito de *performance* tal qual tem se construído em algumas áreas. Contudo, de outra maneira, parece também uma contribuição para a Antropologia no sentido de não reproduzir uma cisão entre *performance* esportiva e *performance* em sentido antropológico, mas uma conjunção dos dois termos. E é importante dizer que isso acontece, por mais que o termo no sentido dos Estudos da Performance, incluindo aqui especificamente a Antropologia da Performance, abarque também os esportes (na definição de Schechner (1977), por exemplo, *performance* “é modo de comportamento, uma abordagem à experiência; é *play*, esporte, estética, entretenimentos populares, teatro experimental, e mais”), porque alguns termos como “rendimento”, “alto-rendimento” ou o próprio termo acrescido de prefixo (“*alta-performance*”), conferem à dita *performance* esportiva uma conotação relativa à mensuração, racionalização e busca do resultado, majoritariamente no sentido quantitativo. Mesmo que a Antropologia se ocupe da interpretação dos significados, ela parece promover esta cisão quando se apropria dos termos anteriormente citados, para se referir à *performance* esportiva.

Essa cisão, do meu ponto de vista, acontece porque comumente as *performances* esportivas ficam alocadas ao domínio de uma técnica, com ênfase ao termo domínio, embora Mauss tenha elaborado que as técnicas corporais sejam socialmente construídas. A proposição de que a forma como estas técnicas são transmitidas constitui o “tríplice ponto de vista”, o do “homem total” (Mauss, 1974 [1936], p. 405), pode contribuir para a separação entre o domínio da natureza e o da cultura, ainda que ambos se construam mutuamente. Essa proposição é consonante com o conceito de *habitus*, já previamente posto por Mauss. Fazendo um breve paralelo com os estudos de gênero, para retomar minha posição em relação à proposição de Butler (2002, 2006), poderíamos dizer que o conceito de *habitus* parece se aproximar da maneira como Simone de Beauvoir elaborou seu conceito de gênero quando se referindo ao mesmo como construção cultural sobre o

sexo, este funcionando como uma categoria quase essencialista ou metafísica. O conceito de sexo/gênero de Beauvoir está para o conceito de técnicas corporais em Mauss, assim como a desconstrução do conceito de sexo e gênero em Butler, está para o conceito de performatividade esportiva, como proponho aqui.

A maneira como essas concepções são construídas expõe o corpo como “matéria-prima de inscrição simbólica e de materialização da cultura, lócus privilegiado de análise do sujeito social.” (PERUCHI, 2007, p.91). Para, Butler (2002), no entanto, os corpos não são superfícies de inscrições, mas a materialização das produções discursivas. Embora Butler se refira às produções discursivas como atos de fala em relação aos termos performativos da linguagem, aqui essa relação se estabelece no sentido da linguagem corporal.

Se as técnicas corporais são os usos do corpo (MAUSS, 1974), a *performance* é a interferência do indivíduo na formulação das práticas inseridas nestas técnicas, que são constantemente reformuladas. Dessa maneira, não há um domínio técnico, no sentido de *apreensão* das práticas, do qual o corpo é instrumento, mas um saber que se atualiza na estilização (para tomar de empréstimo um termo usado por Butler) dos atos. Em outras palavras, as técnicas não são apenas apreendidas, mas performadas, porque podem ser criadas e recriadas e porque criam o corpo do atleta de maneira a construí-lo como “fonte e local da experiência” (CSORDAS, 2008). É, portanto, uma *performance* que não se limita ao fazer atlético, se estende para o *self*, não como uma inculcação de um caráter ou de um espírito competitivo através de uma coleção de técnicas, mas como uma coadunação do saber do atleta com o ser sujeito desse saber.

Preciso pontuar que essa concepção é uma chave explicativa para o fazer dos atletas de corrida de aventura e de montanha, é uma forma de apontar que as práticas estão entrelaçadas em todos estes sentidos que busquei citar, o que significa dizer que é uma construção **analítica** destes corpos que se reflete em muitas situações, mas que pode apresentar rupturas em determinados outros aspectos. Não se trata de fazer a teoria caber na concepção dos interlocutores, mas entender que as ações, muitas vezes inconscientes destes atores, expressam discontinuidades. Por exemplo: eu posso dizer que percebo uma maneira performativa destes atletas construírem sua *performance* esportiva e que isso é explícito em determinadas situações. Ao mesmo tempo posso destacar uma visão completamente cartesiana destes atletas em determinados aspectos da corporalidade. Isso não significa que uma concepção é forjada em detrimento da outra, ou que uma parte de um ponto de vista externo e outra de um ponto de vista

interno, mas a forma como o homem constrói suas concepções, modos de vida e discursos não é um esquema que funciona em perfeita ordem e coerência.

2.2. “Qual é o teu *pace*?” técnicas e performatividades

Como eu tinha dito, me deterei neste capítulo às técnicas referentes à modalidade de corrida, majoritariamente (das corridas de montanha por ser a única modalidade presente e das corridas de aventura pelos motivos citados). De certa forma, acredito que, mesmo se eu conseguisse acompanhar o treinamento de *mountain bike* ou de outras modalidades presentes na corrida de aventura, a estratégia não seria bem sucedida, porque estas outras modalidades parecem ser negligenciadas pelos atletas. Isso ficou claro por dois motivos, primeiro porque raramente via os atletas treinando estas modalidades (*mountain bike* e caiaque, por exemplo. No caso da *mountain bike* uma eventual participação em alguma prova servia como treino. Era mais comum que os atletas treinassem “na estrada”, ou seja, treinassem nas bicicletas de *speed*, que são destinadas para o asfalto. No caso do caiaque vi dois atletas remando na Lagoa em pouquíssimas ocasiões, nas proximidades de alguma prova importante), segundo quando, a caminho de uma prova de corrida de aventura, um dos organizadores, também atleta, comentava que “isso não existia”, referindo-se ao treinamento das técnicas de *mountain bike*. Ele dizia que elaborava alguns cursos a respeito, para iniciação e/ou aperfeiçoamento das técnicas, porque achava necessário que as pessoas treinassem esta modalidade, já que eram negligenciadas, completava afirmando que existe “toda uma técnica, uma postura”. Em outra ocasião essa opinião, sobre a importância do aprendizado da técnica, foi confirmada por Edgard, professor da assessoria (ainda que, mesmo enfatizada essa importância, a modalidade continue sendo negligenciada pela maioria dos atletas que acompanhei):

Enquanto eu esperava outra aluna sair do rolo (bicicleta fixa para treino) e terminar seu treino, perguntava pra ele as diferenças entre *mountain bike* e *speed*. Ele dizia que no *mountain bike* existem muitas técnicas, muito mais que na *speed*. Explicava que precisava fazer primeiro uma avaliação, para aprender postura, a “mexer” na *bike*, etc. Depois ficou comentando sobre algumas técnicas: “tem sempre que passar pelas partes mais altas na trilha, pra evitar buracos. O pedal tem sempre que estar pareado, pra não bater em alguma pedra. Na descida a marcha tem sempre que estar pesada, pra oferecer resistência quando

“você voltar a pedalar, na subida a marcha tem que ser leve. Tem que aprender a saber qual caminho pegar, a hora de trocar de marcha, a hora de levantar do banco (nas descidas, por exemplo)”. Na *speed*, ele dizia que existem menos técnicas, e que elas estão mais ligadas à sinalização, mostrou então alguns movimentos com a mão: de passagem, de parada, olhada pra trás sem perder o equilíbrio, segurar bem a bicicleta na hora que passa um caminhão [...] (Diário de campo de 2 de setembro de 2015).

O bom desempenho nestas demais modalidades acontece porque, para determinados atletas, a *performance* realizada nelas é questão de talento. Um talento que pode ser aperfeiçoado se treinado. Aqui aponto a diferenciação exposta por Damo (2007) entre o dom enquanto talento e enquanto dádiva. No caso dos corredores de aventura e de montanha, a *performance* pode ser talento, porque uma predisposição inata e também dádiva, porque herdada da genética. Não acredito que a negligência destas modalidades aconteça por este motivo. Acredito que muitos não treinem por uma falta mesmo de tempo ou por substituir o treinamento que seria específico da modalidade por um similar (como no caso da *mountain bike*, por exemplo). Mas, em todo caso, pode-se garantir a *performance* nestas modalidades por esta questão do talento.

Ficará enfatizado aqui, portanto, o treinamento de corrida, porque mais frequentes e intensamente acompanhados por mim. Os treinos eram individualizados, embora os realizássemos juntos e, algumas vezes, coincidisse de fazermos o mesmo treino, como nos “*Race Day’s*” (dias que simulávamos uma corrida) ou nos treinos de tiros (treinos onde realizávamos corridas em curtas distâncias em velocidades acima da habitualmente empreendida nos demais treinos).

Os treinos eram enviados, em forma de planilha (Imagem 3), tanto pelo celular quanto eram disponibilizados pelo site da assessoria. Cada planilha possui a indicação de cada treino de cada modalidade escolhida pelo atleta no ato da matrícula na assessoria. Mensalmente a planilha é atualizada a partir do *feedback* que os alunos enviam aos professores. No meu caso, por exemplo, a planilha contava com os treinos de corrida e natação. Os treinos de natação eram realizados pela distância e intensidade, e divididos em três vezes por semana, na parte da manhã. Então, por exemplo: havia dias em que eu fazia um treino contínuo de 1000m, precedidos de 200m de aquecimento, ou seja, eu nadava em ritmo leve por 200 metros entre uma boia e outra no mar, e depois do descanso, nadava 1500m continuamente, sem intervalo. Outras

vezes os treinos eram de tiros, ou seja, as distâncias encurtavam e a intensidade do nado aumentada, poderia ser assim: 600m de aquecimento, descanso e depois quatro tiros de 25m, com descanso de 15 segundos entre um tiro e outro, mais um tiro de 400m com descanso de 2 minutos, e um relaxamento de 200m no final, em ritmo bem leve, “para soltar”, como diziam os professores e atletas. Havia ainda os treinos educativos, chamados assim porque visavam trabalhar os movimentos e técnicas do nado. Um exemplo: 600m de aquecimento, em ritmo leve, mais quatro vezes de 100m só de braçadas, com descanso a cada 100m, mais 50m de pernada, com relaxamento de 200m no final. Os treinos vão progredindo à medida que o aluno vai adquirindo condicionamento físico, o que ocorre com o cumprimento e repetição de treinos e com a realização dos tiros, que funciona como uma forma de “sair da zona de conforto”, promovendo um trabalho mais intenso da parte cardiorrespiratória.

S E G 30/03	Modalidade: Multisport Descrição: Natação: 1000m leve + 6x (100m braço + 50m perna) + 200m muito leve Corrida: 2km leve + 8.5km moderado (4'50s/km baixar 10s cada 2km) + 500m muito leve		
T E R 31/03	Modalidade: Multisport Descrição: Ciclismo: Subida Mesa do Imperador (15x 2' forte/1' leve) ou 20' leve + 8 x 2' (forte 90rpm)/2'(leve 70rpm) + 5' muito leve		
Q U A 01/04	Modalidade: Multisport Descrição: Natação: 3000m contínuo Corrida: 3km leve + Race Day (5km)		
Q U I 02/04	Modalidade: Multisport Descrição: Ciclismo: Subida Mesa do Imperador + Cristo (Via Sumaré)		
S E X 03/04	Modalidade: Multisport Descrição: Corrida: 2km leve + 6km moderado (4'50s/km) + 500m muito leve ou Areia 8km (7'/km)		
S A B	Modalidade: Multisport Descrição: Ciclismo: 4h Montanha (15' forte a cada 45')		

Imagem 3: Exemplo de planilha de atleta de aventura elaborada pela assessoria.

Realizei alguns treinos de ciclismo quando tive uma lesão e fui proibida de correr pelo professor, de forma a não perder o condicionamento físico e realizar um treino que levasse a uma piora na lesão. Estes treinos eram realizados nos rolos, estruturas que eram colocadas fixas na tenda da assessoria na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde se encaixava a bicicleta, suspendendo um dos pneus, podendo pedalar sem que ela se desloque. Os treinos no rolo também eram divididos entre tiros e contínuos. Um treino de tiro poderia ser: 10 minutos pedalando em ritmo leve, mais 15 tiros, onde pedalava forte durante 1 minuto, e fraco durante mais outro minuto, intercalando, dessa maneira; no final pedalava 5 minutos em ritmo muito leve. Os treinos contínuos poderiam ser de 45 minutos, por exemplo, de pedalada em determinado ritmo estipulado pela planilha, geralmente caracterizado pelo número de rotações no pedal por minutos. Normalmente os treinos contínuos exigiam 45 minutos em um ritmo de 90rpm (rotações por minuto). Os atletas que têm bicicletas, também realizavam treinos na estrada durante os finais de semana e treinos pela cidade, que geralmente eram realizados na subida que é caminho para o Cristo Redentor e no caminho para o mirante da Vista Chinesa, pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro. Dessa maneira percebi que os treinos de ciclismo e natação (para os atletas de aventura) eram realizados apenas como parte do condicionamento físico dos alunos e não, necessariamente, como treinos técnicos. A natação porque não é modalidade comum da corrida de aventura e não aparece na corrida de montanha. O ciclismo porque também não aparece nas corridas de montanha e porque realizado em terreno diferente e com equipamento (bicicleta de velocidade e não *mountain bike*) diferente, portanto não exigindo o treinamento que seria necessário para as provas de corrida de aventura.

Os treinos de corrida geralmente se concentravam na Lagoa, à noite, duas vezes na semana. Como a assessoria possui unidades em outros lugares da cidade, alguns atletas, ao invés de irem para Lagoa, as segundas e quartas, treinavam durante outros dias nas demais unidades, o que podia variar conforme a disponibilidade de tempo destas pessoas, já que os treinamentos nos outros espaços ocorriam em outros dias. Os treinos funcionavam de maneira parecida às demais modalidades e sempre de acordo com a planilha de cada atleta. Havia sempre um aquecimento em ritmo leve, uma distância em ritmo moderado, e uma distância curta em ritmo leve para finalizar. Geralmente, realizávamos o aquecimento juntos. Como cada atleta possui um ritmo diferente, estipulado pelo treinamento e que foi sendo alcançados com a repetição dos

treinos, alguns corriam mais à frente e terminavam primeiro, mesmo se fizessemos a mesma distância. Dessa maneira, um ritmo considerado leve para um aquecimento, variava também de atleta para atleta. O que seria leve para mim, poderia ser pesado para o outro, que corria, então, em outro ritmo para cumprir a função de aquecimento. As distâncias que deveriam ser percorridas depois do aquecimento também variavam, de modo que um treino longo para mim poderia ser de 7 km e, para outro atleta, treinando há mais tempo, poderia ser de 14 km, por exemplo.

O ritmo da corrida é traduzido como “*pace*”. O *pace* é a média de velocidade do atleta, ou seja, uma relação entre a distância e o tempo. Um *pace*, por exemplo, de 6min/km (ou 6'/km, sendo um apóstrofo correspondente aos minutos e dois aos segundos), significa percorrer um quilômetro em seis minutos. O *pace* vai progredindo conforme o atleta adquire condicionamento, por meio da repetição dos treinos. Um indivíduo que começou a treinar hoje, por exemplo, isto é, uma pessoa que nunca realizou um treino antes, terá um *pace* alto, percorrendo, aproximadamente, uma distância de um quilômetro em mais de seis minutos. A medida de um quilômetro é a medida de referência para essa velocidade, não a distância que o atleta vai percorrer durante o treino. A variação do *pace* que o atleta tem que manter durante o exercício pode dar-se também de acordo com a etapa do treino, se perto de uma corrida, se depois de uma corrida. Em treinos muito próximos a uma prova, por exemplo, o *pace* que o atleta tem que manter será de intensidade de moderada a leve.

Os *paces* devem ser mantidos de acordo com o que foi estipulado pelo professor, através da planilha. Os meus treinos começaram com um *pace* de 6'/km, isto porque, quando comecei a praticar junto aos atletas, havia dito ao professor que já estava acostumada a correr, realizando uma distância de 10 km em 1 hora, compatível então com este *pace*. Assim que me matriculei na assessoria, o professor me perguntou se eu estava acostumada a correr, a distância que eu percorria e o tempo que fazia. Isso, embora tenha feito sentido para mim, por conta de meu conhecimento da Educação Física, e por saber que a anamnese¹⁷ era fundamental para a prescrição de treinos, não me fez perceber imediatamente as estratégias de prescrição baseada nos *paces*, um termo até então desconhecido por mim, e a importância que isso adquire para os atletas. Eu sempre realizei meus treinos sem muita preocupação com a periodização, confesso.

¹⁷ Anamnese é um termo que se refere à avaliação e diagnóstico que o professor de Educação Física realiza nos alunos e atletas antes de prescrever as atividades físicas. Tem o intuito de identificar o nível de condicionamento e possíveis enfermidades que possam significar em uma modificação do treino.

Corria porque gostava, e porque este exercício melhorava minha capacidade cardiovascular, meu sono, meu humor. A única condição que respeitava era a intensidade do exercício, que, por orientação médica não deveria ser regularmente alta, por conta de uma síndrome cardíaca que possuo. Como nas planilhas a maneira como os treinos eram orientados aparecia de maneira diferente, ou seja, às vezes a orientação era de percorrer determinada distância em “ritmo moderado”, em outras vezes isso era codificado com o número do *pace* correspondente, que como eu disse, poderia variar de acordo com o período do condicionamento (isto é, o “ritmo moderado” poderia corresponder, por exemplo, a 6’/km em um condicionamento correspondente ao início dos meus treinos na assessoria e a 5’20’’/km, já para o final do trabalho de campo), demorou para que eu entendesse o que isso representa no circuito de treinamento dos atletas.

Para além de apontar rendimentos e condicionamentos mensuráveis dos atletas, o *pace* tem um papel fundamental na significação da *performance* destas pessoas. Ele não é o único indicativo de construção desta *performance*, mas uma parte importante na constituição dela. No decorrer deste capítulo apresentarei aos leitores quais são os demais aspectos que fazem parte de uma *performance* que se revela não apenas no exercício das técnicas corporais.

Eu só me dei conta deste papel muito tempo depois de ter começado o trabalho de campo, como eu disse. Isso aconteceu em um dia de treinamento quando estávamos reunidos na tenda da assessoria, após a realização de uma corrida, e os atletas mais antigos compartilhavam uns com os outros seus *paces*. O que eu não tinha notado antes começou a ficar cada vez mais evidente depois deste dia. Os atletas que conversavam sobre este assunto nesta ocasião, regularmente treinavam juntos na Lagoa, seus *paces* eram próximos, ou seja, neste sentido possuíam um rendimento parecido, entretanto, isso não significa que as *performances* eram representadas e interpretadas da mesma maneira pelos demais atletas. É desta forma que os demais aspectos se entrelaçam para constituir, performativamente, a corporalidade dos atletas.

Detendo-nos, por hora, à questão dos *paces*, uma situação é muito ilustrativa para esclarecer como essa dimensão, que parece apenas designar uma melhora do condicionamento dos atletas, de maneira a revelar quantificações, de fato aponta uma conjunção entre rendimento, eficácia e *performance*, no sentido performativo, como venho argumentando aqui. Estávamos em Copacabana, conversando após um treino de natação, o grupo não era grande, mas constituía-se dos atletas que habitualmente

encontrava. Arrumávamo-nos para ir embora, quando, na ciclovia, passou um menino pequeno, andando de bicicleta. A situação chamou atenção de todos porque, muito pequena, a criança demonstrava bastante convicção nas suas “pedaladas”, que eram, na verdade, passadas no chão, já que a bicicleta é um modelo sem pedal, para que crianças aprendam com mais facilidade. O pequeno menino calçava tênis, vestia bermuda, camiseta, e, na cabeça, um capacete igualmente minúsculo. Todos se admiravam com a cena, quando um dos alunos falou: “Aí, Ed: futuro namorado da Laurinha (filha deste professor)”. Ele, imediatamente, respondeu: “É! Pra namorar minha filha eu vou ter que perguntar: ‘qual é o teu *pace*?’”, fazendo com que todos rissem.

Embora a situação tenha se desenrolado como uma brincadeira, ela apresenta bem como a construção das corporalidades entre atletas de aventura se dá no sentido dialético entre a mensuração das capacidades (física e/ou mentais – aqui se insere já a noção cartesiana de corpo que apresentarei depois) e o *self*. Compartilhar estes *paces*, portanto, não fazia parte de um esquema competitivo entre atletas durante os treinos, mas uma maneira de apresentar a si mesmo diante dos outros, apresentar não apenas seu rendimento, digamos assim, mas sua experiência enquanto sujeito da própria prática e uma forma também de marcar estas *performances* como uma formação de seus *selves*.

Certa vez, em um dia de treinamento na Lagoa, o seguinte aconteceu:

Começamos a corrida por volta das 19h. Saímos para os 2 km de aquecimento, todos juntos. Já no começo o Caio sentiu uma bolha no pé que incomodava, ficou pra trás... O Gustavo voltou pra busca-lo, mas tempos depois nos alcançou e disse que o Caio não iria mais, por conta da bolha, e que ele não queria forçar agora. Continuamos correndo e o Gustavo elogiava o Caio, disse que se tivesse um filho homem (ele tem uma menina) queria que ele fosse como o Caio. Disse que o admirava, e completou: “você tinha que ver o Caio puxando o Edgard no tiro (falando com o Geovane, se referindo ao fato de ter realizado o tiro com um *pace* baixíssimo)” e eu completei “foi sensacional, mesmo”, mal completei a frase e o Caio apareceu do nosso lado. Todo mundo olhou espantado, porque já estávamos bem à frente e em ritmo bom. O Geovane comentou: “agora já fez o tiro, não precisa nem treinar mais...”, realmente ele havia nos alcançado muito rápido, em ritmo forte (Diário de campo 23 de julho de 2015).

O modo como estes atletas veem a si mesmos e aos outros está diretamente ligada aos seus *paces*, é uma forma de reconhecer o empreendimento diário dos treinamentos e extrapolar seus efeitos para a vida. Como a construção desses

significados e valores se estende para o *self*, e, como este o *self* se realiza para além das corridas, a materialização das *performances* está para além de um momento que poderia ser considerado como ritual, elas tomam posição na constituição de vida destes atletas, por meio das significações e modos de representação que foram sendo construídas ao longo dos treinos e participação em provas. Apontando, assim, para um distanciamento das abordagens sobre *performance* no contexto ritualístico, no sentido de uma interrupção da vida cotidiana, ou de uma moldura temporal e especial dos atos, como destacam Turner e Tambiah. Há também um distanciamento da abordagem de Goffman, no sentido de estabelecer para essas *performances* encenações dos atos, já que são materializações estilizadas das normas regulatórias, materializações ritualizadas que se estendem para além do momento de enunciação, como já mencionado. Isso envolve não apenas a manipulação destes *paces*, ou seja, em que momento mantê-los, em que momentos alocá-los em segundo plano em detrimento de outro aspecto da corrida, mas manipular toda forma de agir em relação aos outros e a si mesmo.

Notem que não me refiro, de maneira geral, a uma relação entre o uso dos corpos e a educação das técnicas como formas de adaptar este corpo a seu uso (embora não esteja negando que, em alguns aspectos isso se apresente), como Mauss chamou atenção. Ele diz:

Creio que a educação fundamental das técnicas que vimos consiste em fazer adaptar o corpo a seu uso. Por exemplo, as grandes provas de estoicismo etc., que constituem a iniciação na maior parte da humanidade, têm por finalidade ensinar o sangue-frio, a resistência, a seriedade, a presença de espírito, a dignidade etc. A principal utilidade que vejo em meu alpinismo de outrora foi essa educação de meu sangue-frio, que me permitia dormir em pé num degrau à beira do abismo (1974 [1936], p.421).

Neste caso não se trata apenas desta educação para um “espírito esportivo”, ou para a forja de um caráter através dos esportes, mas de uma combinação entre estes elementos e as técnicas, com a interferência do sujeito e a maneira como ele administra estes *paces*. E não somente montagens, usando um termo que Mauss utiliza, de séries de atos. Montagens que, segundo este autor, “são [casos] comandados pela educação, e no mínimo pelas circunstâncias da vida em comum, do convívio.” (MAUSS, 1974 [1936], p. 421). O que estou sugerindo é que, no caso dos atletas que acompanhei, essas montagens estão constantemente sendo reelaboradas pelos indivíduos, por meio de repetições estilizadas (BUTLER, 2002). É por isso que, embora algumas categorias se

expressem (como os monstros e os guerreiros, que veremos no próximo tópico) enfaticamente, alguns atletas destoam porque a forma como constroem suas *performances* é incongruente em relação a estas categorias. É por isso também que o desempenho do atleta se estende para além da quantificação ou mensuração de determinado exercício. Se este tipo de desempenho pode ser medido, porque enquadrado nas normas que os regulam, a *performance*, no sentido performativo, não, porque ela demonstra a articulação destas mensurações com as significações que constroem os atletas. Como foi o caso do Caio, na fala citada anteriormente. Ainda que seu rendimento na corrida fosse importante, o fato dele ter “puxado um tiro”, isto é, ter saído na frente em um treino de grande intensidade, se combinava com a maneira que ele agiu perante a dor. Todas estas situações, é claro, se realizam dentro do contexto normativo, o que Butler (2002) definiu, tomando o termo emprestado de Foucault, de “ideal regulatório”, se referindo ao conceito de “sexo”. Traçando uma analogia, podemos dizer que a *performance* esportiva, no sentido do desempenho, seria este ideal regulatório, cuja materialização se dá através das práticas reguladas, nos treinos e nas provas. No entanto, esta materialização nunca é completa, como enfatiza Butler, e “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”, daí a possibilidade de rematerialização deste ideal regulatório. É na rematerialização que a performatividade se constrói. No caso das corridas de aventura e de montanha, a rematerialização do ideal regulatório se dá por meio da reconstrução do sentido do “indivíduo conquistador”, apontado por Ehrenberg. Este “indivíduo conquistador”, segundo o autor, está comprometido apenas com ele mesmo e com a vitória, ele visa apenas a si mesmo. Nos esportes analisados os indivíduos deixam de lado esta ideia de competição acirrada presente no conceito do “culto à *performance*” e materializam novas formas de *performance*, retirando do atleta a busca a qualquer preço da vitória e articulando suas performances com o relacionamento com o outro, com a dor e com a natureza.

Neste sentido, aperfeiçoar o seu *pace* é importante, mas a forma como o atleta o manipula (manipular no sentido de articular sentidos outros que não aqueles expressos matematicamente) é fundamental na percepção e representação que ele tem de si mesmo e dos outros. Um atleta pode ter o *pace* alto (o que, dentro do ideal regulatório seria uma disposição de uma *performance* “ruim”, digamos), e ser considerado um corredor de aventura inato, por exemplo. Uma atleta, que constantemente é chamada assim, me disse, em entrevista:

Ana Paula: E eu acho que as pessoas percebem esse amor que eu tenho de interagir com a natureza, sabe, aí acha que é uma corredora de aventura inata, mas não. Sei lá, não sou, talvez eu penso que eu não sou porque eu não sou tão boa, assim, eu não faço rápido, eu não faço pra tempo, eu faço pra curtir, sabe? Eu curto cada momento quando eu tô no mato, quando eu tô fazendo essas provas loucas assim. Então eu acho que pensam isso porque vê na minha cara estampada a felicidade.

Estes *paces* são ainda uma forma de conhecimento do corpo por meio da experiência e não apenas do rendimento. O controle da técnica acontece quando há uma regulação do *pace*, mas há também uma forma de saber sobre seu próprio corpo quando esta técnica é controlada sem o uso de algum instrumento como o *Garmim* (um instrumento que funciona como relógio, monitor cardíaco, marcador de *pace*, GPS e alguns outros dados do treinamento). O uso deste instrumento muitas vezes condiciona o treino, o atleta se vê preso à manipulação do seu tempo e do seu *pace* constantemente quando o utiliza. Por outro lado, existem algumas outras técnicas de controle destes elementos quando ele não é usado, é esse controle que indica um determinado conhecimento de si. Uma conversa com um atleta me mostrou isso. Estávamos na Lagoa, eu tinha acabado de fazer uma volta completa na ciclovia, quando cheguei, uma das professoras me perguntou em quanto tempo tinha feito, ao que respondi: “40 min”, e ela retrucou: “tu fez pra 40? O melhor tempo que eu fiz foi pra 43 min”. Isso foi um pontapé para que continuássemos conversando sobre tempos e *paces*:

Mário dizia que já sabia exatamente quando estava em determinado *pace*. Para ele o *pace* 5’30’’ min já era fácil de identificar. Perguntei, então, como ele sabia que corria a esse *pace* e ele dizia que sentia pela respiração e pelo ritmo da corrida. Disse que tinha uma brincadeira que ele e sua equipe faziam para treinar essa questão: consiste em dar uma volta em determinado percurso e estipular, anteriormente, em que tempo se concluirá a volta. O atleta que se aproximar desse tempo, ganha a brincadeira. Mário havia dito que foi através dessa brincadeira que aprendeu a controlar seus *paces*. (Diário de campo de 9 de novembro de 2015).

Neste aspecto, mais uma vez, nota-se a maneira performativa como estes atletas manipulam seus *paces*. Mesmo que, na maioria das vezes, eles tornem-se dependentes de uma tecnologia, eles podem usar de outras estratégias para o desempenho da técnica

corporal, que não está prescrita pela norma (as constantes regulações de tempo, de intensidade e o enquadramento destes elementos em quantificações e racionalizações), mas se constrói na prática dela. E quando não usam a tecnologia, sentem-se mais livres, mais soltos, como gostam de dizer. Essa manipulação é mais comum nos treinos. Em entrevista, quando perguntei sobre o uso do *Garmin*, um atleta de corrida de montanha afirmou:

Mário: Quando eu corro sem, é pra eu relaxar mesmo, porque sempre quando eu corro, eu corro preocupado com o tempo que eu tô fazendo, sempre em diminuir o tempo, quero sempre correr mais rápido. E quando eu tiro o *Garmin*, aí eu corro tranquilo, corro despreocupado, entendeu? Aí corro pensando nos problemas que eu tenho que resolver, corro pensando na vida, corro olhando as coisas. É um outro tipo de corrida, que eu não tenho a preocupação com o tempo, aí eu curto muito mais a corrida quando eu corro assim [...] durante a prova não, durante a prova é olhando o *Garmin* direto, tentando manter o *pace*, diminuir o *pace*, olhando quantos kms já corri, calculando o tempo que falta pra eu terminar. Pô, tô correndo com um *pace* de 4'30'', então se eu diminuir, eu faço pra 1,30 e tal e só nessas coisas assim. É tenso, na prova é tenso.

Em relação aos casos de dependência da tecnologia, é possível dizer que ela revela uma rede sociotécnica (LATOUR, 2012), na construção destas corporalidades. Uma rede que não se limita ao uso do *Garmim*, mas se estende ao uso de mochilas de hidratação, tênis específicos para cada tipo de pisada¹⁸, a ingestão de comidas do tipo desidratadas, ou géis e pílulas de carboidratos, sódio e potássio e suplementos alimentares. Esses usos se comunicam com o fluxo tecnológico, do dito “artificial”.

Entretanto ao adotar o termo “rede sociotécnica”, não o coloco em sentido literal em relação ao autor francês. Compartilho com Latour a ideia de uma rede sociotécnica no sentido de termos sidos incorporados nos processos de concepção, elaboração e construção das tecnologias, ao contrário da interpretação anterior dos fenômenos tecnológicos, pautada em um “modelo de difusão”, onde os atores neste processo eram

¹⁸ As pisadas, no decurso dos estudos de anatomia e biomecânica, foram sendo cada vez mais exploradas e criou-se uma categorização delas, que ficaram sendo definidas como: pronadas, supinadas e neutras. Cada uma possui uma especificidade que se relaciona com o modo como o pé todo o chão. Na supinada o pé toca o chão com o lado mais externo do calcanhar. Na pronada, o pé toca o chão com a parte interna. Na pisada neutra, o pé toca o chão de forma mais reta. Apropriando-se dessas classificações, a indústria esportiva desenvolveu calçados para cada uma dessas pisadas, de modo que essas produções rapidamente seduziram muitos atletas. No entanto, mesmo fazendo uso dessas criações, no caso dos esportes de aventura, observei que cada atleta acaba confiando mais na sua percepção corporal que nas indicações do mercado.

divididos entre passivos, ou seja, os homens “comuns”, e ativos, aqueles responsáveis pelas inovações. Neste sentido, aponto para um conjunto de atores que participam dos processos tecnológicos, não apenas em seus usos, mas nos processos de criação e reificação. Por outro lado, não acredito que haja simetria entre humanos e não-humanos na construção desses processos, como indica Latour. A tecnologia, no sentido do autor, teria uma função imperativa, capaz de mudar ações e comportamentos (VALENTIM, 2012). E, como podemos ver, entre os atletas aqui estudados, esse imperativo pode transformar-se em relativo. Ainda que o uso das tecnologias possa influenciar nos comportamentos, sua presença na vida dos indivíduos pode ser agenciada conforme os momentos e as vontades destes agentes. Neste sentido recorreremos à fala de Butler (2002, p.122) sobre as agências nesse processo de construção de performatividades: “Embora esse constrangimento constitutivo não impeça a possibilidade da agência, ele localiza, sim, a agência como uma prática reiterativa ou rearticulatória imanente ao poder e não como uma relação de oposição externa ao poder”.

Voltando aos *paces*, é possível dizer que outra técnica, além da dita por Mário, de controle deles é por meio do treinamento com algum atleta com um *pace* abaixo do próprio sujeito. Quando, por exemplo, eu treinava com os meninos, que corriam em ritmo mais forte, o professor sempre enfatizava que esta estratégia era boa. Eu sempre dizia: “estou ferrada!”, ele respondia: “Assim que é bom, força mais!”. Em um dia de treinamento, eu registrei a seguinte situação:

Ficamos eu e Ana Paula correndo juntas até o fim do treino, que foi de 5 km. Em certo momento os cavalos da guarda (Guarda Municipal da cidade do Rio de Janeiro, que circula, escassamente, pela Lagoa à noite) estavam bem na parte da pista de terra, tivemos, então, que desviar, correndo um período no asfalto. Assim que voltamos pra terra, Ana Paula exclamou: “meu terreno favorito!”. Certa hora, ela perguntou: “você tá com o *Garmim* aí? Quanto a gente tá? (se referindo ao nosso *pace*).” E eu respondi: po, o meu relógio não tem *Garmim*, mas acho que devemos estar a uns 5:40 min/km. Um moço, que passava correndo ao lado e escutou a conversa gritou: “5’20’!”. Ficamos discutindo então se era isso mesmo. Eu mantive minha posição de que estávamos a 5’40’ min/km. E Ana Paula desconfiava: “será? Não é mais não?”. Depois do treino ficamos descansando debaixo da tenda. Ana Paula comentava com o Gustavo que nunca tinha feito abaixo de 6min/km (o *pace*), que comigo tinha sido puxado. Com a Renata, segundo ela, corria sempre acima de 6min/km. E que iam sempre conversando, e que comigo nem conversa teve. O Gustavo respondeu: “Assim que é bom, assim que é treino de verdade.

É bom você ir com uma pessoa assim, porque você treina de verdade”
(Diário de campo de 28 de setembro de 2015).

Aproveitando a situação anterior e realçando a preferência de Ana Paula por correr na terra, do que no asfalto, faço aqui algumas considerações a respeito das técnicas que se constroem também em relação ao tipo de terreno onde são realizadas as provas (aqui me refiro tanto as corridas de montanha, quanto às corridas de aventura). Os terrenos que, além de proporcionarem a oscilação que compõe parte do que significa aventura, também funcionam como um meio de controle e formulação de técnicas diferentes. Neste sentido, a manipulação destas técnicas permite, mais uma vez, a transformação das *performances* em performatividades. O arranjo destes terrenos como composição significativa da aventura, acrescenta às técnicas a possibilidade de experimentá-las de maneiras diferentes, conforme varia, também, a experiência da aventura. Mesmo porque, as técnicas para subidas e descidas não são rígidas, não existindo uma regra “universal” para isso. Nas descidas as técnicas variam mais entre um atleta e outro. Presenciei alguns atletas perguntando uns aos outros como faziam nas descidas. Nas subidas não parece haver uma variação muito grande de técnicas, a maioria adota a técnica que o Mário havia me mostrado:

Enquanto Mário explicava sobre a trilha, e sobre uma subida íngreme que fizeram, perguntei se ele tinha alguma dica de como fazer essas subidas. Ele respondeu: “ah, tem muita técnica” e insisti: mas como? E então ele demonstrou o movimento, saltitando na ponta dos pés, pra demonstrar como não escorregar. Falou também que nesses casos ele diminuía o tamanho da passada e aumentava a intensidade (frequência) (Diário de campo de 14 de setembro de 2015, Lagoa Rodrigo de Freitas).

Estas técnicas, que se relacionam com a experiência da aventura, se estendem para além do tipo de pisada e vão até a forma como os atletas navegam na prova, isto é, se orientam por meio dos mapas. As técnicas, portanto, podem ser a combinação dos atos treinados, como também uma combinação com a subjetividade do atleta. Certa vez perguntei a um atleta, que era considerado bom na navegação, se sua formação (ele é biólogo) ajudava na orientação durante a prova, ele dizia que “no mato”, ele se guiava “mais intuitivamente, diferente do Felipe, por exemplo (militar)”. Segundo Geovane, ele agia mais como mateiro, enquanto o Felipe agia mais com uma visão técnica. Dizia

também que muitas pessoas se perdiam porque não sabiam separar o “caleidoscópio que é uma trilha”. As pessoas não sabiam separar o que não era necessário do que era necessário enxergar. Que elas deviam esquecer as árvores e se guiarem pelo caminho. É como a “*matrix*”, dizia ele, as pessoas tinham que saber identificar o padrão. Ele me explicou depois a questão durante uma entrevista:

Cilene: Você falou da *matrix*, né? Você tava me explicando um dia, como seria mais ou menos isso?

Geovane: Pois é, se você olha pra uma árvore, aqui, essas que a gente tá vendo, é uma bagunça, entendeu, tem um monte de folha verde ali, que é uma zona. Aí se você tá dentro de uma floresta, imagina, isso é ruído o tempo todo, porque é tudo basicamente a mesma informação, folhas verdes, só que a posição delas, a organização é, na verdade, a não organização, né? Um negócio completamente louco, fractal, sei lá. Quando você se acostuma a isso, você consegue meio que tirar. Imagina aquele efeito de câmera que tem, né, que você pega e tipo assim, escolhe o verde pra tirar da imagem e só as outras cores aparecem, né. Então talvez a visão de alguém mais treinado pra isso, que nem eu acho que eu já esteja um pouco, é a do seguinte, tirar isso, de conseguir ver o que tá além disso daí, então às vezes você acha... por isso a gente tem mais facilidade talvez de ver bichos que as outras pessoas não veem, porque o ruído atrapalha. Tem muita informação no cérebro da pessoa por não estar acostumado, não separa, né, o que que é só cenário, verde, do que que é o bicho se movendo, até porque o cenário também se move, né? Basta ventar que o cenário também está em movimento. Então acho que isso tem a ver, então essa sorte, que eu digo que é sorte, é um pouco atrelada a essa coisa intuitiva já minha, da minha visão já mais treinada pra identificar trilha, passagem, não sei o quê...

Essa questão esbarra diretamente na que apresentarei no tópico sobre os limites corporais. A navegação e o planejamento são quesitos fundamentais nas provas, segundo os atletas. Estes aspectos da corrida (agora me referindo exclusivamente à corrida de aventura, já que na corrida de montanha não existe a navegação – o planejamento que me referi das corridas de aventura vem sempre acompanhado à navegação) são designados sempre à “cabeça”, é preciso “saber usar a cabeça”, ter uma “cabeça forte”. No entanto, este uso pode se referir tanto a um treinamento sistematizado (a exemplo da participação de militares na corrida de aventura, por exemplo) quanto a um saber intrínseco de determinado atleta. Novamente é a questão do talento.

Como afirmei, não apenas o *pace* é um indicativo da construção das *performances*, no sentido performativo, dos atletas. A *performance* se constitui também

de uma corrida para você mesmo (voltando à questão apresentada no Capítulo 1 sobre a superação). Veremos que, aqui, a audiência é relativizada e relativiza a *performance*. Damo (2007, p.40), ao diferenciar as matrizes futebolísticas, discorre sobre a diferença entre elas. Dentre outras matrizes, na matriz espetacularizada, diz o autor “a excelência performática, por seu turno, é uma exigência que se impõe de fora para dentro, mediada pelos interesses do público, dirigentes, críticos e patrocinadores.”. Nas corridas de aventura e de montanha, essa relativização da exigência da *performance* se exerce, na verdade, nos diferentes tipos de corredores. Os considerados legítimos, ou seja, com uma *performance* mais próxima da reconhecida como compatível com o “espírito da aventura”, são aqueles que correm contra a prova, ou contra a si mesmo, não contra o outro. Isto é: não, necessariamente, aqueles com os *paces* mais baixos.

Isso é mais evidente nas corridas de aventura que nas de montanha, já que, o processo de comercialização que estas vêm passando, acaba por transformar a forma como os corredores agem. Mas é possível verificar esta questão da relativização da *performance* através da corrida contra você mesmo e contra a prova, também nas corridas de montanha, sobretudo pela articulação desta com as corridas de aventura, ou seja, com a constante participação dos atletas de aventura nela e com as trocas de experiência que estabelecem entre si.

Por isso mesmo, por não competirem contra o outro, mas com o outro, a cooperação a que me referia no Capítulo 1 é fundamental na constituição deste tipo de *performance*. Isso é muito claro dentre os atletas. Em entrevista, quando perguntei o que significava ser corredor de aventura, um atleta me respondeu:

Pedro: Apesar de ser clichê, mas corrida de aventura é *life style* mesmo, é um estilo de vida. Corrida de aventura é uma tribo, assim, com hábitos próprios. É uma comunidade com... Hoje assim, eu sou realmente fissurado, apaixonado pelo negócio, porque é um esporte que você quer competir, mas o que me desperta assim, o que me apaixona na corrida de aventura, é que primeiro você cuida do outro e o outro não necessariamente precisa ser da sua equipe. E até hoje mesmo eu li a entrevista de uma menina... que a Fabiana deu esse fim de semana, sobre um evento esse fim de semana, sobre o brasileiro (Campeonato Brasileiro de Corrida de Aventura) e ela fala que ela chegou sozinha, a equipe não tinha chegado e ela tava com umas dúvidas no mapa, aí foi sentar com as outras equipes que ela sabe que são boas, pra bater se o mapa dela tava certo, se ela tinha plotado. E todo mundo recebeu e ela fala na entrevista dela, “porque nós somos uma família de corredores de aventura”. E é meio assim. Tem... Quem é da corrida de aventura mesmo, quem já tá há um tempo e aí também vai muito do caráter de cada um ou da forma de cada um de pensar,

mas na sua grande maioria, as pessoas se reconhecem como corredor de aventura e têm primeiro, como... primeiro objetivo cuidar do outro. Que a gente sabe das dificuldades, dos riscos que você está exposto. A outra é ter *performance*, mas a *performance*, ela não é *performance* por... é individual assim, eu vou me superar. A gente compete contra a prova, a gente não compete contra o outro, não é assim.

Cilene: Entendi.

Pedro: A corrida de aventura o conceito é esse, eu largo pra chegar, pra fazer o meu melhor e pra chegar. Que posição eu vou ficar, ele... Lógico, as pessoas disputam, ninguém vai lá pra passear, mas já vi “n” situações onde as pessoas abrem mão do resultado pra ajudar, pra trocar, esperam, cruzam linha de chegada junto, porque você me ajudou até determinado ponto, eu te ajudei até outro, então a gente merece empatar. É uma coisa assim, que ter chegado, cruzar a linha de chegada tem mais valor do que ser o primeiro, entendeu?

Cilene: Uhum.

Pedro: Então, pra mim a definição é essa, a gente compete contra a prova e não contra o outro, porque a gente sabe da dificuldade. A prova que é o difícil.

Cilene: Entendi.

Pedro: Então acho que isso que é o... Assim, isso é o que me encanta no esporte, entendeu? É disso que eu gosto, que eu não saio preocupado com o adversário, saio preocupado em fazer o meu melhor. Se o meu melhor for melhor que o dele, eu ganho, mas eu tô competindo comigo.

Por isso mesmo o *pace* funciona de maneiras distintas, ora como indicativo do rendimento mensurável e, portanto como referente, ora borrado ou estilizado em relação a outros aspectos. Aqui, ele é quase invisível em relação à cooperação, ao trabalho em equipe, à ajuda mútua entre as equipes. É neste sentido que, correr contra si mesmo, relativiza a *performance* no que diz respeito às exigências externas. Ela não está no grau zero, como a matriz bricolada do futebol e também não está no outro extremo, como na matriz espetacularizada, no sentido de a excelência da *performance* ser uma exigência que se dá de fora para dentro. É uma exigência em que o vetor está direcionado de dentro para fora, ainda que combinado com as exigências externas, que aqui podem ser as expectativas que uns atletas põem sobre os outros.

Por se caracterizar por este tipo de exigência, observei um tipo de situação bem interessante. Nas provas, tanto de corrida de montanha quanto de aventura (nestas de maneira mais discreta) alguns corredores faziam pose assim que eu apontava a lente da câmera, ou até mesmo, só de me verem com ela em punho, mudavam sua postura. Na

primeira corrida de montanha que acompanhei junto à organização, fiquei em um ponto bem alto, sobre uma montanha. A chegada até lá era difícil. Mesmo os primeiros colocados que passaram por nós extremamente desgastados, já no meio da subida deixavam de correr e andavam, tamanho era o cansaço. Estávamos eu e mais um organizador. Eu estava com a câmera na mão e registrava alguns momentos. Alguns atletas não paravam para a foto, sequer conseguiam levantar a fronte diante da exaustão em que se encontravam (Foto 8). Uma atleta exclamou: “Alguém consegue sorrir aqui ainda? Não fica puto, não?”. No entanto, muitos davam uma pequena corrida para sair na foto com “os pés fora do chão”. Às vezes eu tirava fotos sem que eles estivessem notando, mas, assim que notavam minha presença com a câmera, começavam a correr (Foto 9 e 10). Um atleta me disse, nesta mesma ocasião: “Nessa vou fingir que tô correndo. Nas outras eu fingi que estava morto!!”, contava ele rindo diante da câmera.



Foto 8: Atletas durante longa subida em prova de corrida de montanha (Foto: Cilene Lima de Oliveira).



Foto 9: Atleta chega ao cume da montanha caminhando em corrida de montanha (Foto: Cilene Lima de Oliveira).



Foto 10: O mesmo atleta da foto anterior, agora fazendo pose como que se estivesse correndo (Foto: Cilene Lima de Oliveira).

Existe um jargão que eles usam: “ninguém quer ser feio”. Este jargão pode ser usado nestas situações para dizer que ninguém quer sair na foto como um perdedor. Mas também pode ser usado como uma forma de incentivo, que os atletas usam para si mesmo, para motivarem-se a dar o seu melhor. A postura dos que não querem ser “feios” como justificava para aparecer “bem na foto” forjando uma postura, às vezes é criticada por alguns atletas. Certo dia, a caminho de uma prova junto com um dos organizadores (e atleta) que também fazia fotos durante a prova, ele me dizia: “A galera gosta muito de fazer pose”, e que para ele, isso não era bom, o interessante, dizia, era “pegar a galera sofrendo”, porque é isso que mostra que a prova vale a pena.

Outro atleta disse uma vez que não gostava, ou, pelo menos, não ficava preocupado em como sairia nas fotos, quando conversávamos sobre essa questão. Dizia ele: “Que foto, que nada! Eu quero é terminar a prova”. Isso não significa que, estes atletas que demonstram pouco interesse em relação à postura nas fotos, não queiram vê-las, ou obtê-las posteriormente. Existe toda uma comercialização da imagem do atleta nas provas, sobretudo nas provas de montanha. Equipes de fotografia são contratadas para registrar os atletas. Nas corridas de aventura a questão não é tão comercial, mas existem fotógrafos da própria organização que registram os eventos. Nesse sentido, os atletas estão constantemente lidando com a sua imagem na fotografia, seja comprando das empresas de fotografia ou compartilhando quando cedidas pela organização. Querem se ver, provar que estiveram lá, guardar uma recordação do momento, sem, necessariamente, ter que produzir uma pose para isso, como no caso dos outros atletas que citei. Estes atletas que não se preocupam com a pose, não se importam se estão sorrindo, correndo ou não se importam mais com a veracidade de uma imagem onde esteja sofrendo, por exemplo, porque isso lhes confere um status diferente. Mostra que a prova foi exatamente o que deveria ter sido: um “perrengue”.

É preciso considerar que procurei apresentar os *paces* e sua importância para os atletas que acompanhei, tanto em relação aos treinos, quanto em relação às provas. Cabe apenas um destaque maior em relação a alguns pontos: 1: nos treinamentos as performatividades construídas tanto por atletas de corrida de aventura como de montanha, acontecem de forma não igual, mas análoga, já que cada atleta pode manipular sua *performance* em relação ao *pace* de maneira diferente. 2: nas provas, no entanto, as duas performatividades acontecem de maneira marcadamente diferentes. Nas provas de corridas de aventura a relação com os *paces* pode estar, muitas vezes, apagada, ou diminuída em relação a outros aspectos, como o trabalho em equipe, a

cooperação, e o correr contra a prova e não contra o relógio, por exemplo. Nas provas de corridas de montanha é mais vívida a relação dos atletas com seus *paces* e sua corrida contra o relógio, sobretudo nas provas mais comercializadas.

E, para concluir este tópico, é possível dizer, então, que normas regulatórias, que são as mensurações e quantificações da *performance*, não são apenas exercitadas, mas construídas, e até reformuladas, por meio do exercício constante da manipulação do saber dos atletas. Isso não significa que os corredores não sigam as indicações dos *paces* a serem praticados durante o treino, ou que não queiram superar seus tempos ou os tempos estabelecidos por outros atletas, mas que as relações construídas entre eles mesmos e a forma como vão “usar” estes *paces* (até mesmo para atingir o tempo de prova), fundam novos significados que não apenas aquelas mensurações refletidas nos relógios ou cronômetros. O mesmo atleta que me disse que a corrida de aventura era um estilo de vida, na entrevista citada acima, também me disse, quando perguntei qual seria a opinião dele sobre provas como o triátlon (usei o triátlon pela proximidade que notei destes atletas com a prática, seja também praticando ou sempre comentando os resultados de alguma prova):

Pedro: O triátlon, por exemplo, você dá voltas, então você já passa no mesmo lugar, na mesma localidade. Você dá volta na bike, você dá volta na corrida, você dá volta na natação. Esse conceito já não me atrai muito. Eu acho muito legal ver os atletas, a *performance* esportiva deles como atletas, mas eu prefiro a modalidade outdoor por isso, por te dar... o cenário nunca é o mesmo, você tá exposto a condições que não são muito controladas.

Cilene: Entendi.

Pedro: E, além disso, é uma competição que o atleta precisa ser muito reloginho, como a gente costuma dizer, ele tem que ser muito preciso nas ações dele, porque a prova é muito, é muito matemática né. Ela tem muito esforço, mas ela tem muita matemática ali. A corrida de aventura já não, é uma coisa mais aberta. Primeiro você tem a opção de caminho aberto.

Se, para Butler (2002, 2006) os atos de gênero são performativos porque estão fora do padrão verdadeiro/falso e possibilitam não apenas o funcionamento da norma por sua repetição, mas também, a sua própria subversão, no caso dos atletas de aventura, a performatividade esportiva possibilita a realização das normas regulatórias também fora do regime verdadeiro/falso. Por exemplo: o aperfeiçoamento do *pace* (ou dos

tempos) não será o título que conferirá ao atleta legitimidade em relação à competição, mas um elemento a mais neste aspecto. A operação desta legitimidade acontece por vias que não apenas a vitória quantitativa sobre outro atleta, mas sobre a prova, sobre ele mesmo e em combinação com outros elementos que compõem a experiência da aventura: cooperação e diversão, por exemplo. Se, em termo constativo, descreve-se ou relata-se algo, como é o caso da representação numérica dos treinos e provas, através das quantificações, o termo performativo, por sua vez, “opera, transforma uma situação, tendo assim valor de força” (RODRIGUES, 2012, p.152). Este valor de força se expressa nas maneiras que os atletas estilizam suas ações durante a aventura para alcançar o fim que não apenas o resultado temporal ou a chegada nas primeiras posições, construindo e reforçando o valor da aventura como uma experiência competitiva, mas que não se realiza nos moldes dos ditos esportes tradicionais. Isso se observa em todas as situações que descrevi.

É claro que a questão da competição como não apenas uma vitória sobre o outro, mas também sobre si mesmo, é um elemento presente em muitos outros esportes, até mesmo por isso a constante busca pelo *record*, onde Guttman (2004) aponta a relação entre passado e presente, onde o mesmo atleta não apenas pode competir contra o outro, mas contra o outro ou contra si mesmo de outra época (isto é, ao resultado que o próprio sujeito alcançara noutros tempos). Entretanto, ainda que os esportes de aventura não neguem isto, reconstruam, à sua maneira, uma nova forma de estabelecer e ultrapassar estes limites, colocando o outro como componente, e não oponente, e a natureza/paisagem da prova como elemento decisivo nesta competição.

Portanto, por ter observado que as técnicas relativas ao controle dos *paces* se coadunam com a agência individual do sujeito, que estende a apropriação destas técnicas na construção dos seus *selves*, é que aponto para corpos que performam, no sentido de Butler. Corpos não como “instrumentos” de inscrição (montagem) simbólica e de materialização da cultura, mas responsáveis pela constante criação e recriação da materialização das linguagens corporais.

2.3. Entre monstros e guerreiros

A respeito dos demais aspectos que citei anteriormente, ou seja, aqueles que, não necessariamente, estão ligados a questão dos *paces* (trabalho em equipe correr contra a

prova, competir contra si mesmo, cooperação intra e extra equipe), sua combinação pode levar também a representações distintas destes atletas. Em outras palavras, quando os *paces* não estão em primeiro plano, ou quando não aparecem exclusivamente como indicativo das performatividades, eles estão combinados com o planejamento, o trabalho em equipe, a organização, a navegação/orientação (tratarei destes dois aspectos mais especificamente no tópico seguinte deste capítulo), o gerenciamento de conflitos (mais especificamente em relação à corrida de aventura), o talento, a disciplina, a determinação, que se combinam para designar outro tipo de *performance*. É aí que guerreiros e monstros emergem para constituir também a performatividade dos atletas.

Na literatura e na mitologia existe uma diferença grande entre ser monstro e ser guerreiro. O ser guerreiro é sempre o vencedor, o destemido, o herói. Seja na mitologia, com Ulisses, de “A Odisséia”, seja na cinematografia, com Rambo e Conan “O Bárbaro”, o guerreiro é aquele que se aproxima do feito heroico, seja ele deus ou semideus. O guerreiro é aquele que realiza feitos extraordinários, impensáveis, acima da capacidade humana. O guerreiro é o que vence o monstro. Como Ulisses venceu Cérbero, o cão de três cabeças. Como Davi venceu Golias. Como Hércules matou a Hidra de Lerna, serpente com corpo de dragão e sete cabeças. E inúmeros outros. Guerreiros e heróis se confundem.

Por outro lado, o monstro é o que causa espanto e deslumbramento. O monstro causa fascínio e terror, porque existe para nos lembrar da nossa própria normalidade. É o corpo abjeto, que, por vezes, era visto como o corpo inumano. O monstro é o Lobisomem, o vampiro, Frankstein, Leviatã. Já foi também o Quasímodo, o anão, a mulher barbada dos *freak shows*, no tempo em que as doenças eram exotizadas e espetacularizadas. Os criminosos também se tornaram monstros. Monstros morais, no sentido jurídico exposto por Foucault, desviantes da norma, transgressores das “leis naturais”.

Isso está relacionado ao poder de normalização, como diz Foucault, ou seja a extensão do domínio da norma se realizou através de um conjunto de dispositivos de exibição do seu contrário (COURTINE, 2008, p.261).

Na verdade, “o monstro sempre escapa porque ele não se presta à categorização fácil.” (COHEN, 2000, p.30). Embora os dispositivos da norma tenham se concretizado com a exposição do seu oposto, os monstros perturbam por sua incoerência e pelo não

encaixe em categorias à priori. Se, por exemplo, no século XVIII os *freak shows* contribuíram para uma classificação das pessoas com determinadas patologias como monstruosidades, a ciência dos monstros no final do mesmo século, contribuiu para que os monstros, nessa nova época, se insiram na ordem do natural. Se, anteriormente, essas pessoas estavam no nível do inumano, com o advento da teratologia, as pessoas deixaram de ser vistas assim e passaram a ser vistas como “partes inacabadas de outra ordem da natureza” (COURTINE, 2008). O cinema também teve papel nisto, produziu “monstros humanos”, monstros com alma de homens. Feios, mas de “bom coração”, como a Fera e o Corcunda de Notre Dame.

Os monstros estão, portanto, sempre nas linhas limítrofes de instituição da norma. Não, necessariamente, ele está abaixo da linha normativa ou à margem dela. Ele pode estar acima dela, por exemplo. Neste sentido ele não é apenas o que regulariza o domínio da norma, funcionando como seu oposto, como eu disse. Ele pode mesmo funcionar também como referência para a criação da norma. É o caso, por exemplo, do *bodybulding*. O atleta monstro é o referencial, torna-se, portanto, a norma e, ao mesmo tempo, sua reconfiguração para limites cada vez maiores, acima dela.

A questão não é simplesmente inverter a ordem da normalidade e do olhar de compaixão (no caso da humanização dos monstros, ou das sensibilidades em torno das patologias, advento da teratologia), mas criar uma nova forma de conceber o corpo monstruoso, que, parece, nada a ter a ver com o surgimento no século XVII dessa nova forma de compaixão, mas com a projeção de uma imagem que desloca o monstro das limiaridades, tornando-o resistente, eficaz, vencedor (lembrado que estes elementos recebem configuração singular nos esportes aqui apresentados). Os novos monstros são campeões, não apenas tolerados, aceitos pela proximidade que os humaniza, mas colocados acima da humanidade, do sobre-humano (ou inumano), que não é mais fantasmagórico, vampiresco ou teratológico, mas fenomênico. Depois da realização de todas as etapas do Campeonato Estadual de Corridas de Aventuras, um atleta postou em seu Facebook um relato de sua experiência na prova, alcançando o título de campeão carioca na categoria solo. Um dos organizadores da prova comentou na mesma publicação: “Parabéns Monstro! grande conquista marcada pela sua perseverança. Abração! [...]”. Esse tipo de situação era extremamente comum. Os atletas, depois de concluírem alguma prova, compartilhavam seus relatos, que eram ansiosamente esperados, nas redes sociais. Os que eram considerados monstros, recebiam suas congratulações com exaltações às *performances* apresentadas na prova. Outros dois

atletas, também considerados monstros, fizeram seus relatos e, dentre os comentários que se seguiram a representação do monstro estava sempre presente, como: “[...] monstros demais, arrasaram!!! Parabéns!!!”. Fora dos momentos de prova isso também poderia acontecer, quando um atleta apresentava uma *performance* relativa a um *pace*, considerado baixo. Em um dos *race day*'s, isto é, nos dias em que fazíamos um simulado de corrida, um atleta havia corrido em um *pace* baixíssimo, ao que outro atleta comentou depois, através de mensagem no grupo da assessoria: “Aí, galera... Gustavo tá um monstro! Segura o cara!!!”.

Se nos esporte supõe-se existir uma expectativa, um referencial, que seria a versão atlética apontada por Ehremerh (2011), que serve de metáfora não somente para o mundo empresarial, mas para toda humanidade, os monstros também colocam em suspeição este referencial de humano, deslocando-o para a margem do sobrenatural. Em um dia de treinamento na Lagoa, conversando sobre uma prova de triátlon que um dos professores (sempre referido como “monstro”, “monstrão”) e também atleta de aventura, participaria, registrei a seguinte situação em meu diário de campo:

Ainda sobre esse assunto (participação em provas) alguém perguntava se tinha que ter índice pra participar desses triatlons e o Caio começou a perguntar também se alguém da Tribus, além do Edgard, que segundo ele não era humano, tinha conseguido o índice (já que algumas provas exigiam um índice mínimo de tempo para classificação). Ele queria saber se alguém tinha feito abaixo de 12h, na verdade. Sendo o corte de 15h. E sempre querendo saber se alguém “humano”, “normal”, conseguia, já que o “Ed não é humano, não”, dizia. (Diário de campo de 23 de julho de 2015)

Alguns atletas, então, ficam sob essa categoria, estão acima da normalidade, e, por isso, são referenciais, ideais, ainda que quase inalcançáveis. Constantemente eu ouvia essa referência em relação a algum atleta considerado acima da média, seja pela *performance* relacionada ao *pace*, seja pela *performance* relacionada a uma boa navegação, seja pela maneira como manipula essa *performance*, como eu já vinha apontando desde o tópico anterior. Estar acima da média é um misto de talento, que pode se referir a qualquer modalidade, com a dedicação necessária, através dos treinamentos, para alcançar as metas. Estas metas podem ser ganhar uma prova, fazer

um bom tempo, ou até mesmo realizar um feito extraordinário durante o treino, como “puxar um tiro” (sair na frente na corrida de grande intensidade), por exemplo.

Algumas vezes eu fui chamada de “monstrinha” por estes atletas, o diminutivo é proposital. Se alguns são monstros ou “monstrões”, porque tido como referenciais, alguns podem ser pequenos discípulos, por assim dizer. Não porque referenciais em pequena escala, mas porque demonstram sua total dedicação aos treinos, o que acaba por gerar um condicionamento físico melhor, como também uma interação com as maneiras de manipular seus *paces*, seus tempos, suas *performances*. Ao final de um dia de treinamento onde eu tinha, de manhã, ido treinar natação e, à noite, correr na Lagoa, um atleta me disse “você tá monstrinha também!”, ao que respondi: “eu? Que nada!”, ele respondeu: “tá sim!”, Mário ouvindo a conversa perguntou: “quem?”, ao que ele retrucou: “Cilene tá monstrinha também” e Mário responde: “éé”.

Os monstros são aqueles que negligenciam a pose na foto, que preferem sair com a feição sofrida (não significa que não sorriem, até porque sofrimento para estes atletas toma uma conotação positiva. Significa que não se montam, não se preparam para uma pose) para demonstrar sua “brutalidade”. Brutalidade, aliás, é um termo corriqueiro, principalmente nas corridas de aventura. É preciso ser bruto! Ser bruto é ser monstruoso na realização do treino, da prova, é estar pronto, preparado para encarar o desafio e cumpri-lo com êxito, “sem fingimento”, como dizem. Um relato que um atleta fez depois de participar de uma prova fala um pouco sobre isso. Embora o atleta não se considere um bom navegador, sua brutalidade foi expressa nas demais modalidades. É, mais uma vez, a performatividade, ou seja, a manipulação que o atleta faz de sua *performance*, sendo colocada. Ele pode fluir entre uma bom rendimento ou desempenho em determinada modalidade, e um não tão bom assim em outra, que isso não, necessariamente, afetará sua imagem, sua representação, sua *performance*. Este atleta, por exemplo, mesmo não se considerando bom em navegação é visto como bom navegador pelos outros. Segue o relato:

Mais uma largada, agora na 3a etapa do campeonato estadual de corrida de aventura... larguei muito bem e passei a primeira transição em 1o. lugar no geral. Saí bem no pedal, perdi pouco tempo na navegação (meu ponto mais fraco disparado) até chegar a 2a. transição, 5min apenas atrás do líder (que veio a ganhar a prova).

Trecho de caiaque muito maneiro, cruzando a lagoa de maricá e corrida depois até o início do trecho do PC8 foram top... metendo bronca direto, na brutalidade (como diz o pessoal lá)... O problema foi esse maldito PC8... nossa, que merda. Todos perdidos cerca de

1h15min para encontrar a caceta do ponto. Isso porque todos pensaram o mesmo: vamos pela trilha que dá o caminho mais curto e chegamos nele. Só que não tem só uma trilha. Eram dezenas de caminhos de moto para todos os lados. Meu fraco poder de navegação não ajudou muito... apenas minha experiência de mato e meu senso de direção não deram conta também. Ao encontrar o restante de uma galera conseguimos encontrar o ponto.

Saímos da região em direção a uma nova transição, para pegar as Bikes novamente. Aparentemente eu estava no jogo de novo, mas não sabia até chegar ao PC9 e ser avisado que sairia em 2o. lugar de lá... Saíria, pois ao subir na bike e dar o primeiro giro a corrente arrebentou e daí, os 15 minutos seguintes de muito trabalho para encurtar a corrente em meio a muita terra, lama e areia me tiraram qualquer possibilidade de chegar bem posicionado na prova... Daí pra frente foi fazer muita força depois para tentar não errar muito na navegação e tirar o máximo que eu podia das pernas na bike para os 20 km restantes e contar com erros grandes dos caras que estavam na frente para ultrapassá-los. No final das contas não rolaram esses erros e a corrente me tirou da disputa mesmo. Cheguei com aproximadamente 5h50min de início da prova.

Fazer o quê? Agora é se preparar para a próxima etapa, porque nessa prova deu pra perceber que na preparação física já estou bruto (na linguagem da "aventura")... falta treinar mais orientação, para contar menos com a sorte da bússola da cabeça e não ter problemas técnicos como esse da corrente arrebentar.

De resto a prova foi curtidão pura: nível de dificuldade adequado ao ritmo da galera que faz os 60km e além disso, o clima ajudou muito, nublado e chovendo o dia todo. Foi muito maneiro. (Relato de atleta no Facebook após realização de uma corrida de aventura)

Por outro lado, os guerreiros não estão relacionados aos feitos dos deuses ou semideuses. Se os monstros são aqueles que realizam a tarefa com êxito, com brutalidade, os guerreiros são aqueles que, mesmo com muitas dificuldades, venceram o desafio. Os guerreiros lutaram, perderam algumas batalhas, mas, no final, venceram a guerra, ou a prova. Guerrear é superar. Não são guerreiros como na literatura e na mitologia, dos feitos extraordinários. Não são os heróis, os dos feitos acima da capacidade humana. Os guerreiros da aventura não se colocam acima da vida, mas sobreviveram às intempéries. Os guerreiros são aqueles que, a despeito das dores e de uma possível falta de treinamento ou condicionamento, conseguiram realizar a prova, ou o treino. Isso ficou claro para mim em um dia onde fizemos um treino longo, em uma trilha que dava para o morro do Sétimo Céu e do Irmão Menor, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. O treino começou pelas orlas de Copacabana, Ipanema, depois Arpoador, até entrarmos por um caminho que levava à trilha. No caminho, eu vinha acompanhando um atleta que corria em ritmo lento, às vezes parava, reclamava de dor,

dizia que estava há muito tempo sem treinar. Em determinado momento me distanciei deste atleta, acompanhando outro grupo, por medo de me perder no caminho. Seguimos então a corrida até o mirante do morro do Sétimo Céu. Já na trilha, depois de pausa que fazia pra descansar, aquele atleta nos acompanhou. Cogitou a possibilidade de desistir. Mas não desistiu. Estipulou que iria até determinado ponto da trilha e foi. Na volta, descemos a trilha muito rápido, de modo que ele ficou para trás novamente. Passamos por toda orla, até voltarmos para a tenda, em Copacabana. Ali, na sombra, nos hidratamos e descansamos. Tempo depois o atleta apareceu, chegando por último. E uma dos atletas exclamou: “ah, esse é guerreiro!”. Inúmeras vezes essa categoria aparecia em situações parecidas. Outra interessante também foi quando participamos de uma corrida de montanha em Petrópolis. O tempo estava chuvoso e o final da corrida dava para uma estrada de paralelepípedo, que estava extremamente escorregadia. Uma atleta havia caído, e machucado o quadril, mas não desistiu da prova, com a ajuda de outras atletas terminou todo o percurso. Ao chegar à linha de chegada, os atletas que estavam conosco elogiavam sua *performance*, dizendo que ela tinha sido guerreira em ter terminado a prova, mesmo com as dores que estava sentindo. “Guerreiro”, portanto, é um elogio e uma categoria que se refere a este tipo de *performance*, que não desiste, que mesmo na dor prossegue, que mesmo sem tanto treinamento ou condicionamento, completa a prova, ou até mesmo vence.

2.4. “Redefina seus limites!”

Desde que conversei com Carlos, meu primeiro informante, e ele me disse acreditar não em limites, mas em limiares, a questão dos limites do corpo começou a me rodear; ainda que Carlos não tivesse pontuado a diferença entre os dois. Depois disso, assistindo alguns vídeos sobre corridas de aventura e de montanha, onde atletas davam seus depoimentos e conversando com alguns atletas na assessoria, percebi que a questão se apresentava de maneira latente para essas pessoas, ainda que traduzida de formas diferentes. O que para Carlos era um limiar, por exemplo, para a uma atleta dos EUA (em entrevista para uma TV especializada em corridas de aventura e de montanha) é uma ilusão e para Selmo (atleta e professor da assessoria) quase que uma experiência extracorpórea: “chega um momento da prova que parece que você tá fora do seu corpo...”, dizia ele.

Pensar em termos de limites corporais, quando referimo-nos aos atletas de corridas de aventura e de montanha, requer entender o corpo em relação ao meio, e, sobretudo, requer compreender sobre que mecanismos se operam a dualidade corpo/mente. É importante dizer que me apoio, nesse sentido, na concepção de Lambek (2010), ao afirmar esse dualismo em termos metodológicos. Dito de outro modo: coloco as questões apresentadas aqui em termos de corpo/mente acreditando que estas oposições facilitam o entendimento do leitor, mas que empiricamente as tensões que as envolvem constituem-se de incomensurabilidades, tanto da própria existência humana, como afirma Lambek, quanto dos próprios termos. O que não significa reafirmar, portanto, esta divisão cartesiana, tampouco negar sua existência, mas apresenta-la como mecanismo real, por meio do qual se constroem os discursos e representações elaborados pelos atletas.

Estes atletas me apontaram, por meio do convívio com eles, outros mecanismos para compreender a produção de sentido para suas práticas. Muitos deles comentaram sobre “atletas de ponta”, ou seja, aqueles que costumam participar e ganhar as provas internacionais, outros acompanham canais ou páginas da internet sobre o tema, de modo que me pareceu importante acrescentar alguns destes episódios ocorridos fora da assessoria à análise em questão, porque têm influência direta sobre os atletas ou porque colaboram na constituição da significação que eles constroem. Em umas destas incursões de campo fora da assessoria, acessei um canal indicado por um atleta e pude assistir alguns vídeos onde atletas de diferentes países narravam suas experiências com a corrida de aventura. Em decorrência da proximidade de um campeonato mundial de corridas de aventuras, os atletas se reuniam em uma localidade para se prepararem, deste modo, as entrevistas foram feitas neste contexto, provavelmente dias antes da prova. Uma dessas atletas, ao ser questionada sobre o que lhe significava realizar uma corrida de aventura, respondeu com um discurso que parece propício para iniciar nossa análise a respeito do significado de limites corporais para os atletas que venho estudando:

[...] muitas vezes na vida quando alguma coisa se põe muito dura e tens que supera-la... em nossa mente cremos ... eu sempre digo: ‘vou chegar até ali’. E depois você está em uma situação e tem um time, e nos alentamos e não queres decepcionar ninguém, e sempre podes empurrar teu limite mais além do que crê que pode. Então os limites que me ponho, são sempre falsos, porque posso superá-los. E é um sentimento muito bom saber que não há limites. Só estão em minha

mente, e se me permito passa-los, eu posso! (corredora de aventura dos EUA, em entrevista concedida a um canal especializado em esportes de aventura. Link nas referências).

Para esta atleta, a noção de limites não está enclausurada na estrutura física do corpo, mas na mente. É ela, supostamente, a responsável por induzir o corpo a não fazer determinada atividade, ou superar determinado obstáculo, enquanto que o corpo é encarregado de colocar este limite além do que sua mente permitiria. A perspectiva cartesiana que emerge através desta fala é a que sustenta também muitos outros discursos dos atletas que acompanhei pessoalmente. Vamos usar a fala de Selmo para dar continuidade ao levantamento desta questão:

“Toda hora você tem cãibra, você tem até em lugares que nunca sentiu (conta ele rindo). Chega um momento da prova que você parece que tá fora do seu corpo, mas você pensa que tem que terminar e vai até o fim” (Diário de campo de 15 de dezembro de 2014)

Para este atleta, quando se referindo aos limites do corpo, parece que a noção do *que se é* constitui-se de algo que está *dentro* do próprio corpo, e que, durante uma situação de extremo desgaste, coloca-se *fora* dele. Parece-me possível dizer que, neste caso, a noção de pessoa está vinculada à transcendência do pensamento, enquanto que a de corpo à sua estrutura física. Essa configuração parece estar presente também na fala anterior, embora o pensamento naquele discurso se constitua como um obstáculo à superação dos limites corporais e, nesta, como propulsor da superação. Embora esta forma de conceber o corpo e seus limites, em ambas as falas, permita tornar evidente uma noção de divisão clara entre corpo e mente, na primeira o fato do pensamento ser relegado a impedimento frente às dificuldades que precisam ser ultrapassadas, torna a hierarquia, revelada pelo cartesianismo, inversa em relação ao domínio que a mente exerce sobre o corpo, segundo propõe Descartes. É necessário, desta maneira, não confiar na mente, mas propor ao corpo ir além de suas capacidades diante da intempérie. Refere-se a isto o que Le Breton (2013) enfatizou a respeito da dualidade da existência que salta a luz nos instantes de dificuldade, isto é, a impressão de que os indivíduos então sujeitos a um corpo diferente deles mesmos.

Ainda em relação à perspectiva cartesiana, mas agora destacada através da segunda fala, é possível identificar uma visão de natureza que “comporta a ideia de um ser natural como objeto em si” (NOBREGA, 2014: 1178), existe, portanto, a pretensão

de dominar esta natureza, este corpo que, ainda que máquina não é “suficientemente confiável e rigoroso na percepção dos dados do entorno” (LE BRETON, 2011, p.34). O mesmo autor destaca que, segundo Descartes, o corpo molesta o homem. É função, desta maneira, do pensamento vencer este obstáculo que é o próprio corpo, colocando agora de maneira direta a hierarquia presente na concepção cartesiana do corpo.

Destes destaques fica não apenas a compreensão de como a corporalidade destes atletas é construída por meio da concepção de limites corporais, mas também a assertiva a respeito da permanência da visão cartesiana que, embora superada pela maior parte dos autores que se debruçam sobre as questões do corpo, como Csordas (2008, 2013), Bourdieu (2001, 1983), Jackson (2010), citando apenas alguns que utilizo aqui, ainda perdura de forma clara nos discursos de muitos atletas. A fala de Selmo é apenas um exemplo de muitas outras que concordam com esta perspectiva. É o caso de uma das atletas que acompanhei que, em entrevista pós-prova diz: “na aventura não é o condicionamento da equipe que faz a equipe ganhar, e sim a estratégia, navegação...”. A atleta, ao referir as estratégias e navegações como propulsoras da vitória e minimizar o valor do condicionamento físico, privilegia àquelas práticas tidas como mentais, em detrimento das tidas como físicas, por estes atletas.

Nas corridas de aventura o uso da orientação topográfica por meio de mapas é acionado, pela maioria dos atletas, como o carro-chefe da prova, e as pessoas e /ou equipes são consideradas fortes quanto maior sua capacidade de navegar, ou seja, usar o mapa de forma eficiente. “Pra você ver como a cabeça manda” dizia Edgard, atleta e professor da assessoria, sobre um atleta que tinha ganhado uma corrida de aventura no final de semana anterior, “ele navega bem, sabe se orientar, aí ganha a prova”, completou. Durante um treino de fim de semana, fui conversando com um atleta que ia me explicando essa questão da seguinte maneira: “Ah, a prova é muito cabeça e preparo, mais essas coisas do que você pedalar bem, ou correr bem. A prova é 40% cabeça, 40% preparo e 20 % físico”, dizia ele categoricamente. A cabeça a que se refere este atleta são as formas mentais de controle e domínio do corpo, enquanto estrutura física, o preparo é relativo à dedicação nos treinamentos, bem como na organização estrutural anterior às provas, como que alimentação levar, que estratégias adotar nas Áreas de Transição, por exemplo. O físico é o condicionamento físico que o atleta aperfeiçoa, durante os treinos, juntamente com as formas de manipular sua *performance* durante a prova.

Para além dos usos de mapas, isto é, além deste recorte discursivo proporcionar a compreensão deste corpo segregado da mente, outras situações favorecem esta análise. Certa vez conversando com uma atleta que pratica não apenas corrida de aventura, mas outros esportes, ela me contava sobre uma prova de triatlón que participara:

Ela mesma disse que estava voltando também, e eu já tinha achado que ela estava correndo bem (solta, como ela mesma disse). Juliana comentava que treinar com o Paulo era sempre puxado, de qualquer forma, porque ela não queria ficar pra trás. Falou também que tinha corrido sem *Garmin* e que estava fazendo isso algumas vezes, e que gostava, gostava de sentir seu corpo. “Porque com o *Garmin*, às vezes você fica meio preso, olhando toda hora”, dizia. Falava também que no *Challenge* (competição de triatlón) estava “soltinha”, mas que tinha andado, dizia ela que era a “cabeça, né?! Quando a cabeça não tá bem...” (Diário de campo de 30 de setembro de 2015).

Neste sentido, não apenas nas corridas de aventura, onde se faz o uso de mapas e estratégias de navegação, percebe-se a reprodução de um discurso dicotômico em torno do corpo, mas também em outras modalidades esportivas. Isso quer dizer que, embora fique mais clara nestas corridas a presença desta concepção por estes atletas, justamente por conta do uso de elementos alocados às capacidades mentais, a administração do corpo fundamentada na visão cartesiana estende-se a outros esportes que estes atletas praticam.

Ao mesmo tempo me parece importante salientar que estas concepções esbarram em certo estoicismo, já que reside na vontade do indivíduo, e no controle e domínio dela, a força para superar estes limites. Depende dele a capacidade de transpor os obstáculos interpostos pelas dificuldades que se apresentam durante as provas. Ele é o agente desta superação. Isto parece claro quando lembro que uma das provas de montanha que acompanhei possuía como slogan a seguinte frase: “Redefina seus limites!”, o slogan, que aparecia não apenas no folder do evento, mas também nas bandeirolas espalhadas por todo percurso (Foto 11), parecia incentivar os atletas a convocarem sua capacidade de mudar sua corporalidade por meio da construção de uma nova, agora hábil o suficiente em transpor qualquer barreira. Em outra prova, um campeonato de corrida de aventura, uma das blusas de um atleta dizia: “explore seus limites” (Foto 12). Uma confirmação de que é o atleta responsável por sondar o próprio corpo e descobrir suas potencialidades. Apesar de, no primeiro caso, o intuito ser o de reconstruir a corporalidade, e de, no segundo caso, de experimentar e examinar o corpo,

as duas afirmações colocam sobre o indivíduo a responsabilidade de definir ou moldar suas capacidades.

A esta questão articula-se o individualismo romântico que eu já havia apontado em páginas anteriores. Este individualismo romântico relaciona-se ao conceito de *Bildung*, cunhado pelo Romantismo alemão entre os séculos XVIII e XIX. O conceito se refere à formação, ou ao cultivo, do indivíduo por ele mesmo, um elemento de autonomização do indivíduo, por meio da experiência que provoca diferenciação dos sujeitos. Duarte (DUARTE, 2012, p.422) acrescenta que o *Bildung* é “considerado característico da configuração romântica, é uma invenção de potência e deve operar por uma inversão/ reversão propiciada pelas forças antirracionais da arte, da religião ou da sensorialidade”. É, portanto, de responsabilidade de cada um “formar-se”.



Foto 11: Bandeirola em corrida de montanha “Redefine your limits” (Foto: Cilene Lima de Oliveira).



Foto 12: Destaque para camiseta do atleta em corrida de aventura com a inscrição: “Explore seus limites” (Foto: Cilene Lima de Oliveira).

Desse modo vale retomar que a capacidade de superação dos limites coloca em evidência uma noção de corpo que se funde à noção de indivíduo e de pessoa. Tenho observado que, nestes esportes, a ideia de colocar-se sempre além de seus limites não está atrelada somente aos aspectos corporais da existência, levando em conta as perspectivas aqui explicitadas, mas também a aspectos do *self*, como discorri nos tópicos anteriores. A superação, que ocorre não espontaneamente, mas depois de muito treinamento, sacrifício e sofrimento, modifica não apenas a capacidade de correr, pedalar ou remar do atleta, mas aprimora sua condição existencial. Levantarei esta questão no capítulo seguinte, tomando como ponto central a noção de sacrifício.

CAPÍTULO 3

“É ruim, mas é bom!”: a construção do atleta de aventura *apesar* da dor e *através* do sofrimento.

“Extremo cansaço, extremas dores, extrema cãimbra...”

(Lilian Araújo¹⁹)

Los Angeles, verão de 1984: um corpo desconcertado, tomado pelo desgaste e pela dor, entrou pelos portões do Los Angeles Memorial Coliseum, estádio principal dos Jogos Olímpicos daquele ano. O corpo cambaleou desde a entrada do estádio até os últimos metros que conduziam a linha de chegada. As pernas rígidas pelas cãibras, assim que tocavam o chão, produziam passos completamente desacertados, o torso inclinava-se significativamente para esquerda; as mãos, ora abertas, ora com punhos completamente cerrados, também demonstravam o sofrimento daquele corpo enquanto o suor escorria por toda sua superfície. Gabrielle Andersen completava, assim, sua última volta na maratona dos Jogos Olímpicos de 1984. Seu estado de miséria corporal era tão intenso que, assim que apareceu para a volta final, todos os 65 mil espectadores voltaram seus olhos atônitos para ela e os médicos do comitê se apressaram em tentar promover alguma ajuda, que foi veementemente negada pela atleta suíça de 39 anos. Restava-lhes, então, acompanhá-la de longe pela pista, espreitando seus passos até que cruzasse a linha da chegada. Assim que tocou o centímetro final da pista, seu corpo, exausto e dolorido, caiu nos braços daqueles que a acompanhavam. Esta cena emblemática marcou a história dos Jogos Olímpicos daquele ano. Vinte anos mais tarde, em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo²⁰, a maratonista declarou:

¹⁹ Trecho de relato de atleta de corrida de aventura, presente em: <http://www.adventuremag.com.br/noticias/14/3401/extremo-cansaco-extremas-dores-extremas-caimbras.html>

²⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/178927-estava-determinada-a-terminar-nao-teria-outra-chance.shtml>

“Eu estava determinada a terminar a maratona, sabendo que não teria outra chance, pois já estava com 39 anos. Por isso é que eu digo que, além de estar em boa forma física, o atleta precisa estar com a mente forte, preparada para aguentar a dor e o sofrimento e focar no seu objetivo maior, no que realmente deseja.”

Esta cena, embora representativa, não é a única dentre aquelas que expressam momentos de dor e sofrimento na prática esportiva, muitas outras, durante a história, podem ser acionadas para falar sobre esta relação. Recentemente, nos Jogos Pan-americanos de Toronto, no Canadá (2015), o mesatenista Gustavo Tsuboi, ganhou o ouro na categoria por equipes, mesmo jogando com 26 pontos no braço, afirmando: “doeu muito”. Mesmo com dor, o atleta disputou a final contra a equipe paraguaia, junto com o atleta Hugo Calderano. As feridas no braço, decorrentes de um acidente ocorrido 10 dias antes dos jogos, ainda abertas e avermelhadas, não o impediram de participar da partida que o sagrou campeão.

A frase que abre este capítulo, diferente dos casos que citei, de atletas de nível olímpico, é de uma atleta de corrida de aventura que participara de uma prova em um município de Minas Gerais. Neste caso, a epígrafe torna evidente a importância do tratamento deste tema neste trabalho, que versa especificamente sobre atletas de esportes de aventura. A mesma atleta relata a seguinte situação:

Saímos para o trekking de uns 10 km. Devagar, bem devagar, pois eu estava travada e cheia de câimbras (sic) por causa do remo sofrido. Quando esquentei, engatei a primeira na subida e trotei junto com o Carça, que estava de nosso fotógrafo oficial. Uns minutinhos depois, olho e noto que o Má estava ficando pra trás. "O que houve?" perguntei, enquanto éramos passados por muitas equipes. Ele me respondeu que estava morrendo de dor nas panturrilhas e que mal conseguia pisar. Olhei para as pernas dele e assustei, pois parecia um par de pedras que tentavam explodir suas panturrilhas (Revista eletrônica Adventuremag, link disponível na nota de rodapé 19).

A história de Gabrielle Andersen, famosa no meio esportivo e fora dele, retrata o desgaste proporcionado pelo cansaço, pelos esforços realizados pelo atleta para atingir a linha de chegada, a vitória. É uma história singular porque extrema, mas comum, porque se repete com muitos outros atletas, em diversos esportes, em distintos níveis. A história de Gustavo, não tão famosa, reflete os modos de superação que os esportistas constroem e as maneiras que lidam não apenas com a dor, que pode ou não ser causada pelos desafios do esporte, mas com as situações que se interpõem diante de seus limites

e que podem contribuir para coloca-los sempre um pouco mais além. Por sua vez, a história de Lilian Araújo é o frontispício de nossa trajetória diante das dores e sofrimentos nos esportes de aventura. Ela nos dá uma cena emoldurada pelo próprio atleta, contada por ele mesmo, para eles mesmos, já que o relato figura em uma revista dedicada ao tema.

Mais do que justificar o tratamento do tema da dor e do sofrimento nos esportes nos estudos desta linha de pesquisa, minha recorrência às situações vivenciadas por estes esportistas tem o intuito de chamar atenção para o fato de que o destaque desta temática, geralmente, acontece com narrativas que se desenrolam *durante as provas*, sobretudo através do apelo midiático, como é o caso das histórias de Gabrielle Andersen e Gustavo Tsuboi, a primeira ainda mais explorada que a segunda. Quando nos referimos ao futebol, por exemplo, as notícias que se anunciam propagandeiam um atleta que sofre lesões durante os treinos ou durante os jogos como um fato pontual, ainda que recorrente, e deliberadamente negativo. Como se aquele momento de dor e as relações e representações que o atleta constrói sobre ela não fossem, na verdade, um processo que vai se desenrolando em seu fazer diário. Além disso, esse apelo midiático explora qualquer ponto excruciante da vida dos atletas para construir narrativas sobre a forma como venceram as intempéries e superaram suas trajetórias marcadas por uma sequência de fatos negativos e espinhosos. Quer dizer, a mídia procura, constantemente, percorrer o caminho da vitória, como aponta Rojo (2008) e, nesse caminho, tudo o que for considerado trampolim para ela será usado para a exaltação do atleta. O que pretendo fazer aqui é justamente o oposto.

O que quero dizer é: a correlação do sofrimento/dor, como constituinte da prática esportiva, é uma consideração relativamente comum, seja quando falamos de esportes de alto rendimento seja quando nos referimos aos hábitos amadores. O consentimento da dor por aquele que se submete a ela é a negociação entre o atleta e os limites que ele quer superar, uma troca entre o esforço produzido e a marca que se quer alcançar ou o ponto que quer atingir. Entretanto, a maneira como diferentes atletas de diferentes esportes lidam com a dor revela que esta negociação acontece por vias distintas. Além disso, a perspectiva que a mídia constrói sobre a dor pode nos levar a uma percepção simplista ou limitada dela mesma, como um fato pontual que alardeia o momento incisivo dos acontecimentos dolorosos como patamar para a possível superação, estabelecendo, assim, uma noção que não necessariamente corresponde aquelas que os atletas a imputam.

Neste capítulo será possível notar que a construção dos sentidos em relação a este assunto é completamente processual e não necessariamente negativa. Se, por um lado, alguns positivam a dor, por outro, outros significam esta experiência como um mal necessário, ou como parte dos sacrifícios diários empreendidos durante o treinamento para atingir sua meta, ou seja, esta constituição de significados se dá de forma modulada, desde os treinos diários, passando pela prova e até nos dias seguintes a ela, recebendo valores que acompanham o desenvolvimento do fazer do atleta.

3.1. O indivíduo e a dor

Minha intenção neste tópico não é reconstruir uma história da relação dos indivíduos com a dor. Apesar disso, retomo alguns pontos importantes na constituição dessa relação para justificar a linha teórico-metodológica que construo na constituição deste capítulo. O que o próprio tema aqui exposto ratifica é a preocupação crescente da academia em descortinar os aspectos dessa temática e que muito se impõe a partir da própria importância que a cultura ocidental dá às dores e ao sofrimento (DUARTE, 1998). No entanto, essa preocupação ocidental com estes assuntos revela uma multiplicidade de influências e variações ao longo dos anos. É por este motivo que a retomada de algumas leituras sobre estes aspectos torna-se fundamental.

Se, em algumas sociedades, as dores são, muitas vezes, relacionadas a males provocados por espíritos, demônios ou deuses e, conseqüentemente, tratadas por xamãs e sacerdotes, em outras ela está relacionada a diferentes fatores culturais vinculados à construção de saberes por meio da Medicina enquanto campo científico. Fazendo uma analogia com a explicação que Lévi-Strauss (1976) elaborou sobre os pensamentos selvagem e científico, é possível dizer que o segundo não é a evolução do primeiro, mas “formas diferentes de ordenação do mundo”, da mesma maneira, os conhecimentos científicos produzidos para significar as dores e os sofrimentos não são uma evolução daqueles saberes atrelados aos espíritos, feitiços ou tipos de entidades, mas formas diferentes de significação destes aspectos da vida. Além do livro clássico de Malinowski, “Magia, Ciência e Religião” (1984), como um referencial neste tipo de análise não evolutiva destes processos, os estudos de Evans-Pritchard (1937) sobre a causa das doenças e infortúnios entre os Azande também podem ser citados aqui como referência para o entendimento de que as significações em torno das dores e sofrimentos são frutos de uma complexa realidade, que expõe muitos aspectos culturais.

Dentro desta complexa trama, percebermos que existe uma influência heterogênea na relação da cultura ocidental com a dor, que pode passar pela tradição cristã indo até a orientalização do ocidente, incluindo-se aí os aspectos imanentes do divino em uma “virada mística” (CAMPBELL, 1997), modificando a relação de alguns indivíduos com o mundo, com o corpo, e, conseqüentemente, com as formas de encarar o sofrimento. Essa paradoxal relação, que se estabeleceu a partir destas influências, que conta também com influência do vitalismo²¹, estoicismo²² e do empirismo²³, e que está ligada também aos

fenômenos da 'doença' constituem, na cultura ocidental moderna, um subproduto do cruzamento daqueles princípios: a 'medicalização' ou 'naturalização' decorre da racionalização e fragmentação dos domínios do saber, empreendida sistematicamente desde a fisiologia do século XVII contra os antigos saberes cosmológicos holistas - a doutrina dos humores e da melancolia, por exemplo (DUARTE, 1998, p.19)

É a partir dessa referência que podemos começar a levantar os elementos da história da relação do homem com a dor que nos servem para melhor compreender não apenas como essa relação se construiu, mas também como este capítulo se fez em termos teórico-metodológicos, como já havia mencionado.

Se nos referirmos a Antiguidade grega, a primeira alusão de conhecimento médico sobre a dor aparece na “Ilíada” e na “Odisséia”, de Homero. Neste sentido, os antigos saberes cosmológicos a que se refere Duarte, por exemplo, estão relacionados, na verdade, não ao que se convencionou chamar, posteriormente, de medicalização, mas aos saberes produzidos por filósofos da Antiguidade e que, embora não façam parte

²¹ Posição filosófica surgida em meados do século XVIII. Puttini e Junior declaram que “os chamados vitalistas, [eram aqueles] proponentes da existência de uma força vital adicional às forças físicas conhecidas” (2007, p.452). A oposição estava notadamente estabelecida mediante o sucesso das leis da física, propostas por Galileu e, posteriormente, Newton. O que Fritjof Capra destaca é que o vitalismo ainda estava muito limitado a um paradigma cartesiano, já que “apenas acrescentavam uma entidade não-física como o planejador ou diretor dos processos organizadores que desafiam explicações mecanicistas” (1996, p.29).

²² O estoicismo é uma vertente filosófica originada no século II a.C. e que possui como centralidade analítica e valorativa a ética. Está dividida em três fases: estoicismo primitivo (representado por Zenon, Cleantes e Crisipo), estoicismo médio (tendo sido representado por Panécio e Psidônio) e o estoicismo romano (representado por Sêneca e Marco Aurélio, por exemplo). Para os estoicos reside na vontade do homem a iminência de seu caráter ético, no controle de si. Embora possa haver um debate entre Spinoza e outros estudiosos do assunto, a tendência é conferir ao estoicismo a concepção de controle das paixões, seja por meio do afeto racional ou da liberdade da vontade e da razão, como afirmaria Spinoza (MOURA, 2008).

²³ “teoria segundo a qual o conhecimento não só começa com a experiência como dela deriva” (DELEUZE, 2001, p.357).

dessa atual classificação de medicalização, foram relacionadas aos saberes médicos produzidos naquela época (MOULIN, 2008; CORBIN, 2008; NETO *et. al.*, 2009).

Dentre estes filósofos, Platão, Hipócrates e Galeno (“no período entre os séculos V e VI a.C. até o período greco-romano [...], em II a.C.” (REBOLLO, 2006, p.45) podem situar melhor este tópico. Hipócrates foi quem concebeu primeiramente a ideia dos humores²⁴, mencionada por Dias Duarte. Galeno também seguia estes indícios de humores propostos por Hipócrates. Para Platão, por sua vez, prazer e dor, como sensações opostas ligadas às paixões de espírito, relacionavam-se diretamente ao coração (NETO *et. al.*, 2009), sua influência ainda perdura nitidamente na psicanálise freudiana.

As proposições de Hipócrates e Galeno, não somente em relação aos humores, como também a classificação proposta por Galeno (dor pulsativa, dor gravativa, dor tensiva e dor pungitiva²⁵), foram as que perduraram mais nitidamente, neste aspecto, até o Renascimento. Posteriormente, anatomia e fisiologia ascenderam. Após o Renascimento, a vertente mecanicista defendida pelo Iluminista René Descartes (entre o século XVI e o XVII), concebia a dor como uma percepção da alma, sendo, portanto, exclusiva ao homem. No século XVIII perdurou ainda o estudo sobre as sensações e propriedade das fibras vivas, por influência da descoberta do sistema nervoso (CORBIN, 2008; PORTER, VIGARELLO, 2008). “Os 'empiristas' levam essa exploração às mais radicais consequências, consolidando a versão mecanicista do Homem, resultado das 'experiências' sensoriais registradas pelo seu 'sistema nervoso'.” (DUARTE, 1998, p.19-20). O vitalismo, vertente em disputa com o mecanicismo, teve também seu papel na constituição das relações dos indivíduos com a dor. E, nesse sentido, empenhava uma função à dor nos processos terapêuticos, convocando as estimulações dolorosas para a reanimação das forças vitais.

²⁴ A teoria humoral, presente na obra de Hipócrates e Galeno, pressupõe a existência de 4 humores: sangue, o fluido da vitalidade; a bÍlis, relacionada ao suco gástrico; fleuma, representada por todos os líquidos incolores e a bÍlis escura, relacionada ao enegrecimento dos outros fluidos. Esse modelo foi formado a partir do conhecimento antigo grego a respeito das variações da natureza e da doença, por isso mesmo “Esses quatro elementos estavam relacionados com quatro elementos da natureza (terra, ar, água e fogo), referentes a quatro qualidades (frio, seco, quente e úmido) e também referentes às quatro estações”. O desequilíbrio destes humores era o que levava à doença (PORTER, VIGARELLO, 2008).

²⁵ “dor pulsativa, resultante da inflamação; dor gravativa, da sensação de peso dos órgãos internos; dor tensiva, que resulta da distensão dos tecidos; e a dor pungitiva, semelhante à produzida pela picada de agulha penetrando no corpo” (CORBIN, 2008, p.331)

Já no século seguinte, as novas formulações a respeito da significação da dor, decorrentes do recuo do vitalismo e do uso da anestesia, marcaram uma nova relação não apenas a respeito dos usos do corpo, mas da constituição social em torno do que seria o sofrimento, o que inclui, por exemplo, não apenas o sofrimento próprio, mas o sofrimento alheio. Se os massacres do século XVII e início do XVIII, no período da Revolução Francesa, demonstravam a construção de uma espetacularização da dor e do sofrimento, o “desaparecimento da imagem dos massacres, o uso da guilhotina, o banimento dos matadouros pra longe da visão do público, a supressão de todas as cenas de derramamento de sangue, a desaprovação da mortificação por parte de alguns teólogos” (CORBIN, 2008, p. 340) desconstruíram algumas concepções vinculadas a esta tradição e promoveram a necessidade do uso da anestesia, principalmente se remontada à história da cena operatória. Somente depois da elaboração de um artigo publicado por Ambroise Sassard, em 1780, essa sensibilidade passou a ser expressa de forma diferente, significando a dor como algo opressor e fundamentalmente oposto a força da vida. Acrescenta-se a isto o contexto evidenciado anteriormente, onde massacres e suplícios foram sendo suprimidos e desaprovados, arquitetando, assim, uma “transformação do status da dor e um abaixamento dos níveis de tolerância” (CORBIN, 2008, p.337) e que seguem ainda no horizonte moderno, segundo destaca Duarte (1998).

A breve retomada destes panoramas históricos a respeito da relação do indivíduo com a dor, embora nos situe diante do tema a que se dedica este capítulo, pode nos colocar diante de uma questão: o problema que se insere dessa abordagem a respeito das dores e sofrimentos, isto é, de recorrer a contextos de corpos massacrados, supliciados ou sujeitos a dores e mal-estares decorrentes das doenças ou da violência, é que se impõe um aspecto prototípico a respeito do sofrimento, elegendo esses enfoques como modelos de interpretação. Além de promoverem esta focalização, as abordagens explicitadas foram o que serviram de mote para os estudos que se seguiram a respeito da Antropologia da Saúde, muito porque estão permeadas pelos saberes biomédicos, relacionados aqueles aspectos do rebaixamento dos limiares de aceitação da dor, e desenvolvidos também a partir do reconhecimento do direito à doença no século XIX e do direito à saúde no século seguinte (MOULIN, 2008); ou a respeito do sofrimento como mal-estar social.

Ainda que estas abordagens assumam papel importante na compreensão de como têm sido produzidos significados diferentes em diversos contextos a respeito dos

sofrimentos e das dores, elas imputam uma noção de algo que se impõe do exterior sobre os indivíduos, algo contra o qual devam lutar ou que dele lhe faça uso para alcançar determinado fim, por exemplo. A propósito, vale a digressão, a própria etimologia da palavra “sofrimento”, por exemplo, remonta a palavra latina “sufferre”, referindo-se a alguém que estivesse “sob ferros”, submetido à força, oprimido por algo ou outrem.

Aqui é preciso fazer ainda considerações sobre outros contextos não citados, que, embora fujam, de certa maneira, ao eixo saúde-doença sobre o qual vem sendo construída a Antropologia da Saúde no Brasil (uma das designações para a linha responsável pelo estudo das dores e sofrimentos neste país), constituem-se de um tipo de sofrimento ligado a certa concepção de *justiça* e que ainda considera essa influência externa sobre o indivíduo. Assim, podemos nos referir tanto aos estudos sobre violência, a que se dedicou Foucault (2001), por exemplo; aos estudos sobre o Totalitarismo e o Holocausto, bem explorados pela filósofa Hanna Arendt (2010, 1981); aos estudos de Soren Kierkegaard, sobre os aspectos éticos, mais especificamente ligados à angústia como experiência condutora da experiência religiosa com Deus, segundo destaca Biondi (2013); aos estudos de Nietzsche (1992, 2005), voltados à compreensão de um sofrimento não necessariamente impregnado pelos valores cristãos, e que serve como princípio instrumentalizador para a vida, opondo-se, assim, à narrativa religiosa; ou aqueles relacionados ao termo “sofrimento social”, designado por Kleinman *et. al.* como sendo consequência de “danos devastadores que a força social inflige na experiência humana” (KLEINMAN *et al.*, 1977, p.9, *apud* VICTORIA, 2011).

Desse último, vale ainda dizer que está muito pautado na ideia de uma corporificação das condições econômicas e políticas, que podem ser sofridas individualmente, mas que é constituído como um processo social corporificado nos sujeitos. Justamente daí emerge o ponto fulcral desta relação que estou tentando estabelecer: se estas abordagens falam sobre um sofrimento que diz respeito mais a vida social dos indivíduos, isto é, às experiências negativas que se relacionam com todo tipo de violência ou mal social corporificados, a abordagem que pretendo aqui é uma sobre um sofrimento que não é apenas experimentado no corpo (seja ele causado pela doença ou por qualquer tipo de experiência negativa do indivíduo que foi submetido por algum tipo de entidade que parece pairar acima dos sujeitos, capaz de acometê-los de algum tipo de mal), mas fruto da experimentação do corpo, digamos assim de um sofrimento corporal a partir do qual os sujeitos se submeteram por agência e escolhas próprias. Não

querendo com esta última afirmação me filiar aqui a uma única concepção de corpo, ou justapor qualquer concepção teórica àquela construída pelos atletas, mas apenas tentando situar um sofrimento que aponta não somente a uma designação religiosa, histórica ou política²⁶, mas intencionalmente experimentado por uma pessoa ou um determinado grupo.

É neste sentido que o aparecimento e desenvolvimento de estudos sobre os aspectos das construções ritualísticas religiosas sobre o autoflagelo, ou auto sacrifício, o próprio tema do sacrifício e da *Imitação de Cristo*²⁷, ou a proposição platônica, de que o alívio da dor é similar ao prazer (BENSON, 2011), ainda entremeada na concepção de sofrimento dos indivíduos, muito porque presente na interpretação psicanalítica, proposta por Freud, como dito anteriormente (CORBIN, 2008), talvez seja o que confere um olhar diferente dos estudos sociais e antropológicos a respeito deste tema. Justamente porque aí o aspecto externo do sofrimento possa adquirir, ainda que não necessariamente, novos contornos, depositando sobre o sujeito também o desejo de se colocar voluntariamente diante das dores e dos sofrimentos.

Além disso, dentro desta perspectiva, é necessário enfatizar que “foi necessário distinguir entre 'dor patológica' e 'dor normal', do que é testemunho a polêmica em torno do parto natural, por exemplo, ou o contínuo desenvolvimento e dedicação a disciplinas corporais 'dolorosas' consideradas 'saudáveis'.” (DUARTE, 1998, p.20). E, embora a questão dos abaixamentos dos níveis de tolerância à dor ainda estejam muito presentes de modo geral, sobretudo por influência da evolução dos aspectos médicos, repetidamente citados aqui, essa questão se coloca de forma considerável não apenas nos termos da “saudabilidade” (BARBOSA, 2007, 2009), mas das dores que podem proporcionar certo tipo de prazer, que é o que evidenciam os estudos sobre BDSM²⁸, os

²⁶ Ver: BIONDI, Angie Gomes. Corpo sofredor: figuração e experiência no fotojornalismo. 2013. 220p. Tese. (Estudos de Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

²⁷ *Imitação de Cristo* : a ideia de imitação de Cristo refere-se a “mimeses do sofrimento do Salvador” (CORBIN, 2008, p.352).

²⁸ Sigla que significa Bondage e Disciplina (B/D), Dominação e submissão (D/s) e Sadismo e Masoquismo (S/M), comumente designada a praticas sadomasoquistas. Para saber mais, ver: MELO, Marília Loschi. A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010

sobre o parto²⁹, como afirma Dias Duarte (1998) e os sobre fisiculturistas, dos quais faço uso aqui.

É sob influência destes fatores que a visão representativa da dor passa a outras esferas, que não apenas àquelas representações particularmente ligadas ao “sofrimento social” ou aquelas diretamente mediadas pelo saber biomédico, isto é, aquelas situadas no eixo saúde-doença (me referindo mais especificamente do tratamento da dor sob o ponto de vista da relação médico-paciente). Portanto, a significação e valoração da dor pelos indivíduos começam a ser deslocadas a outros contextos, como no caso do esportivo, ao qual me dedico, por exemplo, deslocando também a abordagem acadêmica sobre esse tema.

Neste sentido, o trabalho de Le Breton (2013) é um referencial, dando lugar à explicação de diversos tipos de contextos e tratamentos da dor. Entretanto, mesmo este trabalho, onde a dor figura em múltiplos aspectos, passando da esfera religiosa até a educativa, reveste-se de um caráter pouco exploratório, justamente porque se propõe a pensar a dor em muitas esferas distintas. Essa lacuna, no entanto, é o que permite alimentar novas pesquisas sobre assunto. É a partir deste referencial, portanto, que construo as análises que aqui exponho. Aproximo-me também da perspectiva apresentada por Duarte (1998, p.13), onde,

De um ponto de vista antropológico, no entanto, a gama dos 'sofrimentos' nomeáveis pela experiência humana é muito mais ampla que a sucessão de idéias pelas quais algumas culturas - e, em particular, a ocidental - os entendem como 'doença', ou seja, a ocorrência efetiva de uma disrupção física (o *disease* da antropologia médica norte-americana) ou o reconhecimento culturalmente sancionado de uma forma de evento ou situação disruptiva definida (a *illness*).

Minha intenção, então, é acrescentar mais tópicos para pensar a temática da dor e do sofrimento através da própria concepção dos praticantes de corridas de aventura e de montanha, me distanciando, assim, das perspectivas elaboradas pela Antropologia da Saúde. Ainda que o eixo saúde-doença permeie algumas concepções sobre o assunto, mesmo porque a perspectiva das ciências médicas vem se construindo desde o século

²⁹ Sobre as questões dos estudos sobre o parto sugiro ler: MENDONÇA, Sara Sousa. Mudando a forma de nascer: agência e construções de verdades entre ativistas pela humanização do parto. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense.

XVIII, aqui me aproximo dos estudos propostos sobre o tema, por Le Breton (2013), e a proposição elaborada por Luiz Fernando Dias Duarte (1998), como citado acima.

Por fim: será que se pode falar de uma ciência social da dor? É a pergunta de Koury (1999). Neste capítulo me interesso mais em saber como atletas dos esportes citados significam a dor do que em descortinar discussões teórico-metodológicas em torno deste objeto. Entretanto, a exposição que realizo pode contribuir, de certa maneira, para ratificar, pelas três vias distintas apontadas pelo autor supracitado (quais sejam: relações sociais espaço-temporais, estratégia teórico-metodológica e estudos das expressões individuais da dor, explicitando “as configurações sociais da subjetividade do sujeito que sofre”, p.76), o lugar da dor como objeto de pesquisa antropológico. Aqui, estas três vias aparecem de forma analítica. Preocupo-me em falar da dor e suas relações sociais espaço-temporais (como é o caso da compreensão e diferenciação das dores pelos atletas em espaços e tempos diferentes), da dor como conteúdo partícipe do sofrimento (oferecendo uma ótica analítica diferente das propostas pelo mecanismo médico-paciente ou do sofrimento social) e das expressões individualizadas da dor e do sofrimento.

A análise de como os modos de vida se constituem simbolicamente, ou seja, através dos usos que as pessoas fazem das definições e conceitos sobre determinado tema, de como eles são construídas de forma diferente em cada grupo, evita cair na rigidez analítica que uma avaliação explicativa pode impor, o que pode levar a moldar os conteúdos categóricos dos fatos sociais, em razões e na configuração de uma verdade, o que não busco aqui.

3.2. Redefinindo limites *apesar* da dor

A consideração da dor como parte do processo que envolve as corridas de aventura, não apenas por Selmo, quando fala sobre câibras, na fala que citei no capítulo anterior, mas também por Carlos, quando me disse que voltara do mundial de corridas de aventura todo dolorido, mas que mal esperava pra voltar, pode nos colocar também diante de um questionamento: o que pode este corpo? Em estudo sobre atletas de fisiculturismo, Cesar Sabino (2005) menciona o processo de construção do habitus corporal dos praticantes deste esporte *através* da dor. Para este autor, neste sistema simbólico, a dor é positivada, é parte constitutiva da identidade dos atletas. Inicialmente, as questões levantadas por Sabino podem nos fornecer alguns elementos

importantes. De acordo com Selmo e Carlos, as dores são inerentes à corrida, minha hipótese é que, diferente dos atletas fisiculturistas, onde um *habitus* corporal é construído através dor, nos esportes aqui mencionados esse *habitus* é construído *apesar* delas.

Sabino (2005) diz que a significação da dor para os atletas de fisiculturismo faz parte da simbologia em torno da perfectibilidade humana, cunhada no século das Luzes, já que através dela há um processo de purificação, por meio do qual os atletas aperfeiçoam suas capacidades. Neste estudo, o autor identifica que os atletas classificam a dor em dois polos: boas e más. As primeiras dizem respeito às dores musculares, sem as quais não há hipertrofia muscular, daí a famosa frase: “*no pain, no gain*”, as segundas se referem às lesões musculares e mal-estares, que podem impedir, inclusive, o treinamento do atleta, o que, por sua vez, pode gerar uma perda de sua identidade. O estudo de Alan Camargo Silva (2014), por sua vez, elege a dor como partícipe da definição de limites corporais e, de certa forma, produz uma classificação semelhante da dor em relação ao estudo de Sabino, concordando, por exemplo, que a lesão pode levar à morte social do atleta. Entretanto, o estudo de Silva nos oferece um panorama mais ampliado, porque nos coloca diante de um corte econômico-social que influi diretamente na significação da dor em grupos distintos de fisiculturistas. Embora o estudo de Sabino nos aponte categorias importantes, e que, inclusive, aparecem no trabalho de Silva, o trabalho deste nos mostra que em determinados casos as representações de dor e sofrimento variam consideravelmente em relação a fisiculturistas de uma academia da Cidade de Deus a uma academia da Barra da Tijuca, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Para os atletas de corridas de aventura e de montanha a dor é entendida como parte do processo inerente à prática esportiva e, por isso, deve-se supera-la. Aqui ela não está posta sobre um espectro que vai do polo bom para o ruim, contudo, sua presença é expressa de maneira a aloca-la como um preço a ser pago, parte do sacrifício que faz valer a pena: a dor não é boa, ela está lá e é preciso continuar, apesar dela.

Um trecho do meu diário de campo é emblemático a respeito. Estávamos na Lagoa Rodrigo de Freitas, à noite, e eu tinha acabado de fazer um treino de tiros, que consistia em correr em velocidade mais alta do que o habitual uma distância de 400 m. Repeti isso seis vezes, com intervalo de um minuto entre um tiro e outro, em um percurso da ciclovia; o Mário me acompanhava de bicicleta, me incentivando. No final do treino, nos direcionamos a tenda:

Quando chegamos à tenda o Caio já estava lá, ao que o Mário perguntou: “já terminou, Caio?? (referindo-se ao seu treino)”. E ele: “não, não consegui, meu pé tá aquecendo”. Fui perguntando sobre isso e ele dizia que seu ortopedista tinha dito que isso acontecia por conta de sua pisada (Caio tem uma pisada diferente da maioria dos atletas que notei, pisa com a ponta do pé). Ele falava que tinha comprado um tênis específico, como tinha indicado seu médico, que já tinha trocado várias vezes o tênis, inclusive, mas que nada resolvida, então o Edgard comentou: “pronto, troca a meia, usa meia de algodão que você nunca mais vai ter isso!”. E ele respondeu: “pô, não lembra que eu usava meia de algodão ano passado? Não adiantou nada, só piorou”. Edgard falou alguma coisa sobre correr sem meia. Perguntei se isso não incomodava, se não dava bolha. Todos fizeram expressões de obviedade e comentaram “dói! Faz bolha, mas a gente corre assim mesmo!” (não apenas se referindo ao fato de correrem sem meia, mas de correrem apesar da dor). O Edgard acrescentou: “pergunta pra Aninha, que tá cheia de bolha!”. E eu perguntei como eles faziam pra correr com a dor. Mário se apressou em responder: “Ah, corre com dor mesmo! Conversa com ela, bate um papo com ela: ‘oh, beleza, tranquilo... tamo quase lá, dói menos aí... tranquilo!’ E vai assim mesmo” (falando como alguém que tenta amenizar a dor, pedindo que ela se tranquilize). Edgard, então, contou de uma maratona que participou, onde esqueceu a palmilha do tênis em casa: “quando cheguei pra correr, enfiei o pé no tênis e ele entrou direto... Eu: ‘ops’. Caraca! Tinha esquecido a palmilha no hotel. Fui assim mesmo. Corri 21 km sem palmilha. No caminho encontrei meu irmão: ‘oh, corre lá no hotel que eu esqueci a palmilha’. Ai ele pegou pra mim. E corri o restante com palmilha, mas foram 21 km sem. O pé solto no tênis... muito ruim...” O pessoal ao redor fazia caras de aprovação, como que entendesse bem do que ele estava falando. Eu fazia cara de espanto. (Diário de campo de 1 de julho, um dia de treinamento na unidade de assessoria localizada na Lagoa Rodrigo de Freitas)

Outra situação interessante foi quando cheguei à assessoria com as coxas machucadas depois de um treino de corrida. Eu tinha feito 5 km entre a praia de Copacabana e a praia do Leme, sob um sol escaldante que fazia o asfalto queimar, formando uma película de ar quente sobre ele, que, de longe, borrava qualquer silhueta. Meu corpo suava, minhas pernas suavam, de modo que o suor escorria pelas coxas, aumentando a dor do machucado que se formava pelo atrito de uma perna com a outra. Assim que desci o calçadão, me abrigando sob a tenda montada na areia, Solange, vendo uma expressão de sofrimento no meu rosto, advertiu: “tem que colocar um short de lycra senão acontece isso (se referindo ao fato de eu estar com um short de outro material), ou então, que nem eu faço, deixa machucar, deixa doer, que depois não dói mais”. Presenciei algumas cenas semelhantes a estas outras vezes, quando saíamos para correr durante os treinamentos, por exemplo, e alguns atletas mesmo com dor,

continuavam a corrida. É claro que esta questão está muito ligada ao período em que se dá o treino, e a intensidade dessa dor.

Essas dores, a que me refiro primeiramente, são aquelas relacionadas às dores musculares ou machucados (arranhões, ralados, assaduras, bolhas) decorrentes dos esforços empreendidos nos treinos ou nas provas. Elas comumente estão colocadas sobre o patamar da dor normal, ou seja, uma dor que não necessariamente está ligada à enfermidade e muitas vezes não fazem parte de um processo de consulta médica ou fisioterapêutica, e, ainda assim, são tratadas de maneira ritualizada, ainda que este tratamento não seja mediado pelo saber biomédico. Diferente dos casos citados por Sabino (2005) e Silva (2014), essas dores, embora normalizadas, são sempre consideradas negativas. Quando Sabino nos coloca diante desta positivação das dores musculares, a que Silva se preocupa em dizer que, em seu trabalho foi mais verificada na academia da Cidade de Deus que nas da Barra da Tijuca, vemos mais claramente uma aproximação do discurso entre fisiculturistas das camadas mais privilegiadas com a significação que é produzida aqui pelos atletas de aventura e um distanciamento daquela afeição pela dor muscular verificada nas camadas mais populares.

Desta maneira, quando conversávamos sobre o assunto e eu perguntava sobre a dor, ouvia muitas vezes falas como esta de Fernanda, quando questionei se estava sentindo dor depois de uma prova que participamos: “ah, uma dor aqui atrás (apontando a parte posterior da coxa), aqui (apontando o final da canela), mas dor normal. Infelizmente a gente tem dor, né?!” (Diário de campo de 19 de outubro de 2015).

Certa vez, depois de um treino longo que havíamos realizado no final de semana (que consistia em uma corrida pela orla de Copacabana, passando por Ipanema e Leblon, até subirmos ao mirante do Sétimo Céu e o Morro Dos Dois Irmãos e voltarmos todo percurso), cheguei à tenda da assessoria na Lagoa, no dia seguinte, e a primeira pergunta que o professor me fez foi em relação às dores, sabendo da possibilidade de tê-las após um treino intenso como aquele e preocupado com meu histórico recente de “canelite”³⁰ (a manifestação dessa canelite me rendeu o entendimento da diferença de significado em relação às dores musculares e de lesão, que explicarei mais adiante). Respondi que estava com uma dor na coxa, por conta justamente do treino do fim de semana, e ele disse: “ah! Não... Aí tudo bem!”, enfatizando a normalidade daquela dor,

³⁰ Canelite é o nome popular para Periostite ou Síndrome do Estresse Tibial medial, uma inflação no principal osso da canela, os músculos e tendões que revestem esse osso.

uma dor muscular que aparecera em decorrência do esforço do treino intenso que tinha feito.

A ritualização no processo de cura dessas dores, como não necessariamente passa por uma consulta médica, inclui algumas medidas preventivas e/ou tratamentos. Portanto, usar compressas de água quente ou fria, colocar esparadrapos nas bolhas ou nos pés para evita-las, não usar meia, ou usar de outro material que não sintético, como meias de algodão, por exemplo, constituem técnicas usadas por alguns atletas para minimizar ou expulsar o efeito negativo da dor.

Em outros casos, essas mesmas dores, quando demasiadamente intensas e agudas, podem afetar significativamente a rotina dos atletas, levando-os a interromper seus treinos. Este foi o caso de uma atleta que sentia dores no quadril e que, depois de ter consultado um médico e feito todos os exames necessários, não constatou nenhuma lesão, “aparentemente era uma dor muscular mesmo”, me relatou. Mas a dor tinha afetado seus treinos, deixando-a a aproximadamente três semanas sem correr. Além das consultas e exames, a atleta buscou um fisioterapeuta para o tratamento daquela dor, demasiada era sua intensidade. Nestes casos, fica explícita a preocupação e cuidados que os atletas dedicam a si mesmos. E é esse tipo de preocupação que fica mais evidente em relação às dores ocasionadas por lesões, de que tratarei a seguir.

Essa sensibilidade, isto é, as maneiras de percepção de intensidade da dor, são muito subjetivas e variam conforme o atleta. Em outras palavras, embora as dores musculares e as ocasionadas pelos arranhões, assaduras ou bolhas, sejam comumente consideradas dores normais (ainda que negativadas), o grau com que são sentidas e o tratamento que lhes são dispensados, podem variar conforme o indivíduo. De todo modo, a tendência geral é de não as considerar grandes problemas ou como parte de determinadas enfermidades que requereriam melhores cuidados. Por isso mesmo, presenciei, durante provas e treinos, atletas prosseguindo apesar delas.

A dor ocasionada por lesão também tem lugar na classificação dos atletas de esportes de aventura, mas, ao contrário do que acontece em certos grupos de fisiculturismo, por exemplo, ela não faz parte de um sistema dividido em opostos, já que não existe a classificação “dor positiva” ou “dor boa” e “negativa” ou “dor má”. A dor ocasionada por lesão é a que mais comumente pode impedir o indivíduo de prosseguir, como foi o caso de um atleta em uma prova de corrida de aventura que acompanhei. Estávamos à beira do caminho, sentados próximos a uns arbustos em uma estrada de terra, que separava uma fazenda de um rio que cortava toda cidade. Ali estava

estabelecida uma Área de Transição para as bicicletas. Na chegada os atletas deixavam a bicicleta e atravessavam o rio a nado, seguindo o percurso que os conduziria de volta ali, depois de percorrido o trecho a pé logo após o rio, para pegar novamente suas bicicletas. Naquela altura da prova os atletas já tinham realizado alguns quilômetros de *rafting* em um ponto mais abaixo do rio, e um trecho longo de *mountain bike*. Segue o que presenciei:

“Um atleta acaba de chegar à Área de Transição. Imediatamente sentou no chão, tentou organizar-se pra sair para a próxima etapa. Levantou, comeu um de nossos biscoitos, bebeu Coca-Cola, sentou novamente. Levou as mãos à cabeça e deitou, fazendo uma expressão máxima de dor: a testa franzida, a respiração funda, puxava o ar entre os dentes trincados, deixando escapar um som sofrido. Ficou ali deitado, até que desistiu da corrida, por causa de uma dor na coxa (que havia comentado ser fruto de uma lesão que vinha sofrendo antes mesmo da prova).” (Diário de campo de 30 de agosto de 2015).

Essa dor impulsiona maiores cuidados e, inclusive, pausas nos treinos para reabilitação. Certa vez manifestei uma dor profunda na musculatura da canela, e comentei com o professor, que me aconselhou duas semanas sem correr, fazendo apenas alguns exercícios que minimizassem o impacto da pisada. No mesmo dia um atleta comentou que tinha se lesionado depois de uma prova e que tinha parado completamente os treinos por conta disso, tinha procurado o médico e feito todos os tratamentos necessários. Paradoxalmente, algumas vezes presenciei alguns atletas treinando lesionados, eu mesma, antes de manifestar a canelite, treinava assim, com dor. A isso um professor se referiu uma vez como “limiar de atleta”: “tô com uma dorzinha aqui”, dizia ele imitando as falas caricatamente, e completava: “quando vai ver o pé tá quebrado!”. Entretanto, essas atitudes de negligência à dor não são aconselháveis, nem pelos professores de Educação Física, nem pelo próprio atleta que o faz.

Quando comentei de minha dor e que estava correndo com ela havia duas semanas, e o professor me sugeriu outras duas semanas de recuperação, outra atleta ouvindo a história repreendeu-me, dizendo: “eu mesma já fiz muito isso, mas não pode, porque depois a recuperação é muito pior, você pode ficar dois ou três meses sem poder treinar”. Outro corredor me disse o seguinte, em entrevista:

Mário: Pra te falar a verdade eu não faço nem o que tem que ser feito, tem certas lesões que a gente tem que parar de correr, verdade é essa. Só que eu não paro... Eu continuo correndo, eu continuo com dor, eu

corro com dor. Pra não perder um pouco do *pace*. Eu parei, acidente [...], parei 20 dias, aí tive que parar mesmo. Pô, eu tava fazendo a maratona, tava há um mês da maratona, fiquei 20 dias parado. Fui dar a volta aqui na lagoa, quase não consegui dar a volta. Isso mexeu muito comigo, um mês antes você tá fazendo longão de 32 km tranquilo, depois tu não consegue fazer 7,5 km... Eu cheguei aqui tava morrendo, morrendo mesmo, querendo sentar, isso mexeu muito com meu psicológico. E eu sabia que as coisas iam voltar e tal, mas eu não queria dar o tempo necessário pra que voltasse esse tempo meu de longo, aí eu não respeitei muito a recuperação do tempo e tal, mas isso não é o certo a se fazer.”

Nestes casos algumas questões estão evidentes. O uso dos corpos em relação à dor adquire modos de agir diferentes. Uma lesão considerada grave pode promover a desistência do atleta durante determinada prova, sob a justificativa do respeito aos próprios limites, ou da impossibilidade mesma de prosseguir relacionada à gravidade da situação. O atleta sabe, por meio de sua experiência, distinguir quais dores lesionares podem ser enfrentadas e quais delas são alarmes para a pausa. O conhecimento a que se recorre para estas distinções, no entanto, não reside apenas no mapa sensorial (me apropriando do termo usado por Cesar Sabino) do atleta, mas na sazonalidade dos contextos. Se as lesões acontecem pouco tempo antes de provas, a tendência é ignorá-las como possíveis causas de sofrimentos maiores no futuro, do mesmo modo se elas acontecem durante as provas, já que procurar um tratamento nesse caso, significaria parar os treinos, perder todo condicionamento físico até então e não conseguir desempenhar uma boa *performance* na prova, como podemos perceber na fala acima citada. Se acontecerem em tempo suficientemente anterior ou posterior, a busca por tratamento é recorrente. Existe uma combinação, portanto, do conhecimento do próprio corpo, do calendário das competições e da eficácia designada ao tratamento da dor. Em entrevista com um atleta, essa situação pode ficar mais clara:

Cilene: Falando em contusão, essa seria até minha próxima pergunta. Como é que foi, você tava com aquela lesão no...

Geovane: É, ainda tô

Cilene: Era no calcanhar?

Geovane: Era no calcanhar.

Cilene: Isso foi antes da prova, né, da final (última etapa do campeonato estadual e brasileiro de corrida de aventura que aconteceu em 12 de dezembro de 2015), ou foi até antes da outra etapa?

Geovane: Isso foi antes de Búzios (prova de corrida de montanha que muitos atletas estavam participando como preparo para a final do campeonato de corrida de aventura).

Cilene: Foi antes de Búzios, isso. Tava lembrando que foi antes de alguma prova.

Geovane: Foi depois da etapa de Levy Gasparian.

Cilene: Como é que foi esse processo do surgimento da lesão e você fazer a prova depois?

Geovane: Na verdade, na verdade surgiu como um leve incômodo ao movimento, que depois que aquecia, parava. Depois de um tempo eu vi que o negócio ficava e tal e eu não tava parando de correr. Comecei a conversar com o [fisioterapeuta] pra saber o que se tratava, até uma semana que eu fiz um treino aqui, justamente um intervalado, que foi bem forte nesse dia e no dia seguinte eu acordei com os pés duros, bem duros mesmo. Foi bem difícil de andar porque tava bem ruim de andar nesse dia. E daí em diante eu tive que diminuir muito o ritmo de corrida pra conseguir melhorar disso e comecei a fazer o tratamento com o [fisioterapeuta] específico pra isso daí. Deu uma tendinite braba, quer dizer, braba, não foi braba porque eu não precisei parar de andar e consegui manter o nível, os outros exercícios eu consegui continuar fazendo. Então pedalar, foi supertranquilo de pedalar, mas também não usa muito. Mas mesmo assim, se fosse uma tendinite muito braba, me impedia de tudo, né? Mas a lesão gerou uma leve calcificação na base do calcâneo, que é aonde insere o Tendão de Aquiles, né. Eu fiz radiografia e tal e aí aparece. Tá até um calombinho aqui, tem um calombinho aqui assim, porque é justamente isso aqui, uma leve calcificação que tem aqui, mas que agora parou de doer totalmente.

Cilene: Mas na prova você ainda tava sentindo dor?

Geovane: Tava

Cilene: Na XC Búzios?

Geovane: Tava, fiz a prova inteira sentindo.

Cilene: Como é que foi fazer a prova com essa dor?

Geovane: É porque... depois... O maior problema de Búzios não foi nem isso, na verdade. Foi porque eu fiquei tanto tempo sem correr antes da prova e a preparação pra ela tinha que ter sido forte, que eu queria imprimir um ritmo forte na prova e acabei não conseguindo, né, por causa disso eu cheguei na prova sem ritmo de prova, completamente. Tava sem ritmo de corrida assim, só fui colocar... o corpo só foi entender que eu tava correndo lá pelo km 18, 16, sei lá. E aí eu cansei no 29 (km) . Quando eu passei por você no 30, eu já tava cansado ali. E aí foram mais 12km de cansaço, assim, sem conseguir imprimir ritmo nenhum. Foi ruim, na verdade. Mesmo assim eu melhorei meu tempo, quase meia hora, mas eu queria melhorar 50

minutos ou mais, então, fiquei aquém do que eu queria, por causa da falta de ritmo total. Eu não fiz os treinos longos antes da prova. Nenhum. Não tive nenhum treino longo antes da prova. O único treino...

Cilene: Por causa da lesão?

Geovane: Por causa da lesão, porque eu tava parado pra ver se ela melhorava pra eu conseguir correr lá. Se eu tivesse continuado a correr direto aqui, eu não teria corrido Búzios. E aí depois de Búzios eu continuei com... continuou o problema. É engraçado, porque logo em seguida da prova a dor parou, praticamente foi a zero. E eu achei que tinha resolvido, que tinha alguma coisa. O [Ed] fala até que existe caso em que a pessoa momentaneamente resolve um problema por causa... sei lá... Faz uma prova, tava com uma dor, aí faz a prova e some a dor e nunca mais aparece. Não foi o caso. Só durante a semana... dias depois eu não sentia nada, mas eu voltei a correr, aí voltei a sentir. Bom, aí continuei fazendo o tratamento, gelo, quente, gelo, quente. Gelo na dor, né, e depois o quente, enquanto não estivesse mais doendo. Agora eu ainda to fazendo o quente, porque eu sinto uma leve... de manhã quando tá tudo frio, né, o corpo tá frio, sem se movimentar, eu ainda sinto um pouquinho de dificuldade de movimentar, então ainda tenho feito o quente. Mas não tá 100% ainda, até hoje não tá. Corri a última prova ainda com... sem estar 100%, né

Cilene: A final (final do campeonato brasileiro de corrida de aventura)?

Geovane: É, a final. Mas não senti, na verdade. Corri muito bem na prova, aliás.

A respeito do tratamento da dor, é possível identificar como a medicalização exerce sua influência sobre as práticas dos atletas que aqui menciono. O pertencimento destes atletas a uma camada social que compartilha características como largo acesso à informação e a recursos (financeiros ou não) e alto nível de escolarização, é também um fator importante para esta compreensão e se relaciona diretamente às “representações ativas dos agentes de saberes biomédicos e aquelas que sustentam a experiência cotidiana das pessoas - mesmo a desses próprios agentes, sempre que não estiverem agindo no estrito campo de suas especialidades” (DUARTE, 1998, p. 14). Nesse sentido, o uso de medicamentos para alívio da dor, por ser feito de maneira autônoma, em alguns casos, designa uma combinação entre os dois saberes mencionados por Duarte, tanto por alunos da assessoria, quanto por professores. Estávamos na tenda certo dia e a seguinte situação se desenrolou:

Nesta noite quente de primavera nenhum dos meus informantes-alunos foi à assessoria, fiz meu treino solitária. Ainda quando trocava de roupa um atleta de outra equipe do Mário, professor, chegou e começaram a conversar sobre as provas que aquele atleta estava por fazer. Fiquei por ali por perto até que intervi. Mário falava de dores, logo após o amigo comentar que estava se preparando para uma prova, mas que vinha sentindo algumas dores, e eu então perguntei como ele agia a respeito delas. Ele dizia que se tivesse com dor tomava um Mioflex (medicamento de uso anti-inflamatório, relaxante muscular e analgésico) e corria: ‘Claro que depois a dor volta e a lesão continua’, mas pelo menos dá pra correr.’ (trecho de diário de campo de 18 de novembro de 2015)

Essa situação acompanha outras, como quando, participando de uma corrida de aventura, percebi que fora distribuído, como brinde, este mesmo medicamento aos atletas no dia anterior à prova. No entanto, não somente no momento da dor, essa administração medicamentosa acontece, posteriormente às provas o medicamento também é administrado, nesse caso para o alívio da dor muscular.

Aqui, o fato destas pessoas pertencerem a uma camada social com as características que citei antes, bem como o dimensionamento que os esportes estudados adquirem em suas vidas, o peso que dão à construção de seus *selves* por meio deles, assim como a importância que conferem aos profissionais da saúde, torna a valorização dos processos de tratamento da dor ocasionada por lesão por médicos e fisioterapeutas, uma realidade constante, de forma que a administração pessoal do remédio só acontece como via alternativa em momentos decisivos, como expliquei, para que a dor não impeça a realização de determinada prova. Estes saberes médicos possuem status significativo para estes atletas que lhes conferem grande eficácia. Os saberes produzidos pelos professores de Educação Física também são valorizados e respeitados, uma vez que a identificação da dor por lesão passa pela orientação deste profissional, que modifica não apenas seu treino, mas indica que especialidade médica pode ser acionada. A valorização destes saberes acaba por refletir, inclusive, na incorporação dos termos médicos pelos atletas, como observado na entrevista anterior. Outra atleta, também durante uma entrevista, relatou sua lesão usando uma gama de termos médicos:

Maria: Então, eu vi que assim... eu tive uma lesão no piriforme. Eu tive fascite plantar e daí eu procurei ortopedista, fisioterapeuta e osteopata. O osteopata ele foi assim, revelador na minha vida, porque ele que me mostrou isso. Então a minha atividade de alongamento, ela

é distinta de todas as outras. Normalmente eu faço antes de dormir. Dura uma média de meia hora o meu alongamento, alongamentos específicos. Hoje eu não consigo incluir a Yoga, a ashtanga e a hatha na minha rotina, mas é uma intenção, porque você tem um alongamento global e junto com a musculação e a parte aeróbica, você fica tranquilo, porque em muitos trechos de montanha que você ta subindo às vezes mesmo aquecido você sobrecarrega. E a corrida por si só, eu não sou profissional da área, mas conversando e pelo que eu vejo no meu corpo, encurta principalmente toda a parte posterior. Então, se eu não me alongar, eu começo a ficar encurtada e começo a sentir, meus músculos ficam travados. Eu fiquei um mês e meio parada pra fechar o doutorado e to voltando agora. Então eu tô sentindo isso, as minhas fâscias doem, meus glúteos posteriores doem...

Em relação aos medicamentos é importante dizer que eles também são administrados em casos de mal-estar durante a prova, sendo, inclusive, itens de pertencimento obrigatório nos kits de primeiros socorros. Neste caso, são indicados: antitérmicos, analgésicos, anti-inflamatórios, antialérgicos, dentre outros. A orientação de uso destes medicamentos não é apenas para minimizar as dores dos atletas, mas também garantir a sua segurança, já que, em alguns casos, o acesso do resgate pode se tornar difícil. Pensando até mesmo nestas questões, criou-se, em 2007, no Brasil, uma associação de Medicina de Aventura, com o intuito de prover o treinamento de equipes para o socorro em ambientais de acesso limitado (MEDICINA DA AVENTURA, site disponível em: <http://www.medicinadaaventura.com.br/>).

Por outro lado, embora haja uma combinação do saber médico e da experiência do atleta, por parte destes, o saber médico nem sempre está afinado às percepções que os atletas produzem da dor. Em uma determinada prova de corrida de montanha, que acompanhei como parte da organização, vivi uma situação interessante a respeito. Eu estava em um ponto de transição quando fui avisada por outros atletas de que uma corredora estava caída no chão, gemendo de dor. Corri em sua direção e quando cheguei a vi deitada, com as mãos à cabeça, reclamando de muitas dores. Rapidamente acionei outro integrante da organização e fomos leva-la ao posto médico montado para atender os atletas. Assim que chegamos, a médica, relaxadamente sentada em sua cadeira, perguntou a atleta com certo ar de desdém: “o que aconteceu?”. A atleta explicou-lhe a situação, dizendo que sentia câibras muito fortes, a ponto de não conseguir andar. A médica retrucou-lhe: “ah, come uma banana aí que já passa”, sem sequer examinar a atleta. Meu espanto foi tamanho diante desta situação e me pus a pensar se não eram apenas as formas de concepção de dor que destoavam entre saber médico e o saber do

atleta, ou se minhas concepções já não estavam impregnadas das percepções de meus interlocutores. Mesmo porque tinha vivenciado situações de negligência a própria dor antes de ser repreendida pelos professores e alguns corredores. De todo modo, a forma como a médica conduziu a situação nos dá indícios para apontar uma construção dos significados de forma diferente entre médico e atleta, já que a própria atleta havia reclamado bastante comigo do tratamento que a médica tinha lhe oferecido, designando-o como indiferente e arrogante.

Uma consideração é importante aqui, estamos falando de um campo esportivo, e, como tal, ele é dotado de uma autonomia relativa, com suas normas e regras específicas (BOURDIEU, 1983). Neste sentido, o pertencimento dos atletas a uma camada privilegiada é um fator importante para entender alguns aspectos dos significados em relação à dor, mas não o único, tão pouco uma generalização que exclui algumas dissonâncias. Falo isso porque parece haver um dissenso em relação ao que os atletas de corridas de aventura e de montanha produzem de significados a respeito das dores e do que a literatura vem produzindo sobre a percepção das camadas privilegiadas, neste sentido. Se, como afirma Le Breton (2013), a dor é tida por estas camadas como uma degradação “lenta e insidiosa da saúde”, partindo do princípio *preventivo* para seu tratamento, nos esportes de aventura os atletas têm concepções e ações diferentes para ela, que, por mais que negativada, nem sempre é tida como indicativo de degradação da saúde. Neste campo esportivo a busca pelos profissionais já mencionados para tratamento da dor, é sintomática e não preventiva, isto é, a procura por terapias e tratamentos ocorre após a manifestação de algum sintoma, muitas vezes até bastante tempo depois da primeira ocorrência da dor. É na constituição deste campo esportivo que os significados são construídos, e que podem ser perpassados de maneiras diferentes em relação aos valores e sentidos que alguns autores têm imputado às camadas privilegiadas, já que existe uma confluência com outras formas de produção de saberes, incluindo aí a experiência dos próprios corredores e suas maneiras de lidar com a dor e trata-la, vinculando-se, portanto, ao conhecimento do corpo, a eficácia do tratamento e a convergência do calendário esportivo.

De maneira geral, a concepção da dor pelos atletas de aventura parece um pouco mais próxima da significação imputada pelos boxeadores, ainda que estes se submetam à dor rotineiramente em seus treinamentos. Wacquant (2002), diz que existe um mito a respeito da afeição dos boxeadores pela dor. Ao contrário do que se pensa, segundo o autor, os atletas não gostam da dor, mas estão constantemente se sujeitando a ela para

aumentar a resistência necessária para que se construa uma indiferença à dor durante as provas. No caso dos atletas aqui estudados essa afeição pela dor passa ao largo de suas significações, da mesma maneira. A dor precisa ser suportada para que um novo limite seja construído. Ela não acompanha os atletas como um sinal de que seu treinamento está fazendo os efeitos necessários, como no fisiculturismo, mas como um sacrifício que precisa ser feito em nome do cumprimento de suas metas.

3.3. Redefinindo limites através do sofrimento

A categoria do sofrimento, por sua vez, parece ser uma categoria distinta das dores ocasionadas por machucados, esforços ou lesões. Aqui o sofrimento não necessariamente entranha-se naqueles significados contidos nas línguas latinas em alternativa à dor, que por sua vez relacionam-se aos sentidos ocidentais de doença. Tenho pleno acordo, portanto, de que esta categoria constitui aqui um “significante flutuante”, como coloca Rodrigues e Caroso (1998) em estudos sobre “A ideia de ‘sofrimento’ e representação cultural da doença na construção da pessoa”, deslocando sentidos e significados em um plano abstrato e em um concreto. Embora eu já tenha pontuado que dores e sofrimentos são categorias distintas para os atletas de esporte de aventura, vale retomar brevemente esta afirmação para dizer que, diferente do estudo de Rodrigues e Caroso (1998), no plano concreto o sofrimento, para os atletas em questão, não significa dor física, mas pode ser consequência destas dores. Desta maneira este conceito engloba muitos outros significados que não aqueles ligados a estrutura física do indivíduo.

No plano abstrato os sofrimentos correspondem à palavra “perrengue” e/ou a palavra “dificuldade”. Desta maneira o sofrimento tem ligação direta com a significação da aventura. Uma prova de corrida de montanha ou de aventura só se caracteriza como tal se os atletas passarem por situações de desgaste ou dificuldade, não necessariamente ligadas à dor, mas podendo estar relacionadas a situações como privações do sono, ficar perdido na floresta, ter um equipamento quebrado, como uma bicicleta, por exemplo, e ter que a carregar nos ombros até o fim da prova, ter um pneu furado, ter algum tipo de queda durante o percurso, ou ter que atravessar um rio de águas geladas com a água acima dos joelhos (Fotos 13, 14 e 15). Uma atleta relatou a seguinte situação durante uma entrevista, onde perguntei o que a corrida de aventura significava para ela:

Ana Paula: Significa vida, significa luz, significa viver, significa plenitude, significa você estar bem com você mesmo, interagir consigo mesmo, com a natureza, porque a natureza que nos possibilita ter a vida, né? Acho que estar em contato com a natureza, a aventura, o esporte de aventura pra mim é isso, você estar no contato direto com a natureza, vivendo os perrengues que tem ali, sem tantos auxílios, né, então eu acho que isso [...] amo, amo! Quanto maior o perrengue, mais feliz eu fico.

Cilene: O que seriam esses perrengues? O que você pode me dar de exemplo?

Ana Paula: Sei lá, por exemplo, você tem uma... ta numa *mountain bike* e você ta numa piramba que você não vai conseguir subir pedalando, você vai ter que botar a bike no ombro e subir. Isso pra mim é um perrengue danado, mas é muito bom, sabe? Depois eu superei. Era um obstáculo difícil, mas eu consegui superar. Você atravessar um rio, por exemplo, como aconteceu numa prova onde a gente teve que passar num rio com a bicicleta, e era uma coisa que a altura da água vinha no meu peito, quase no meu pescoço. Eu falei, cara, que maravilha, né? Que loucura, que coisa boa, né? Eu adoro, eu adoro! Me sujar de barro, sabe, vivenciar essa questão da natureza pra mim é uma coisa significa vida mesmo, é uma energia vital, sabe? Então isso pra mim é uma renovação, quando tô fazendo esse movimento.



Foto 13: Atleta conserta corrente de sua bicicleta que arrebentou em prova de corrida de aventura (Foto: Cilene Lima de Oliveira).



Foto 14: Atleta carrega bicicleta sobre os ombros durante subida em prova de corrida de aventura (Foto: Cilene Lima de Oliveira).



XC RUN
Itaipava 2015

REDEFINE
YOU RLIMITS

Foto 15: Atletas atravessam rio em um trecho de corrida de montanha (Foto: Wladimir Togumi).

Não que a dor não esteja presente em alguns destes casos, não que ela não possa fazer parte do sofrimento, mas dores e sofrimentos são conceitos distintos que se

coadunam, formando um complexo dor-sofrimento-aventura, como pode ser visto neste trecho de uma entrevista que realizei com dois atletas, marido e mulher. Neste caso, a dor aparece como constituinte nesse complexo:

Felipe: Eu posso até dizer que a gente tem um quê de masoquista, porque se procura com prazer se submeter ao desconforto, é um desconforto grande a corrida de aventura, que a gente faz. A nossa equipe é mais voltada pra corridas de média a longa distância. As pequenas de 60, 50, elas não são a nossa praia. A gente ganha por sorte, a gente vai lá e tal, mas as que a gente tem prazer em fazer e tem um perfil mais adequado, são as de maior distância, as de mais tempo.

Cilene: Mas você diz masoquista mais por gostar dessa coisa de desconforto da corrida, porque é tudo um perrengue só, como o pessoal diz, eu por causa da dor em si, de sentir?

Felipe: É tudo. O desconforto pra mim está relacionado com tudo, com dor, com a dor pessoal, com a dificuldade de você superar, com a falta de água, com o frio, com o cansaço, com a pouca comida. Toda essa vontade de voltar, de terminar uma corrida, recuperar, treinar pra fazer outra, pra mim a gente tem um quê, um gostinho pelo sofrimento, que é um meio termo assim, um sofrimento, mas o prazer da superação, ele supera esse talvez... gostinho de sofrimento.

Cilene: Entendi.

Felipe: Mas ele tá... Eu tenho, né, tô falando de mim, né...

Maria (esposa): Ele usa um termo indevido, pra mim não se trata de masoquismo

Cilene: pra você seria o que?

Maria: se trata de algo além do que se chama prazer. O que está além do princípio de prazer, é você poder renomear, ao invés de masoquismo, como gozo. O gozo é um termo técnico pra abordar isso que é além do princípio do prazer, que é da ordem da dor, do sofrimento, não é gozo orgasmo [...] É o êxtase, o gozo do... Tudo que está além do que se entende por prazer, é como você pode sentir prazer num sofrimento, insistir naquilo? Se tá doendo, o normal seria parar. Por que que você vai mais? É porque é alguma coisa da ordem disso, da ordem do além...

Certa vez, conversando com duas atletas na assessoria, surgiu a seguinte conversa:

Ana Paula disse que “adorava passar perrengue”. Vanessa olhou com uma cara de reprovação, revirando os olhos pra cima e balançando a cabeça negativamente, e disse: “de perrengue já basta a vida!”. Paula retrucou imediatamente: “Que nada! Os perrengues da prova são

muito mais fáceis que os perrengues da vida!” (Diário de campo de 13 de março de 2015).

Essa conversa pode nos dar alguns indicativos importantes a respeito da concepção de sofrimento. Vanessa é vista como aquela pessoa que se recusa a passar por determinados desafios que correr na natureza interpõem, como fazer da floresta seu banheiro, ou passar por determinados locais. Por isso mesmo a atleta, muitas vezes, não é vista como uma corredora legítima. Ana Paula, por outro lado, é vista como uma corredora de aventura inata. É aquela que se dispõe a ultrapassar todos os obstáculos e desafios, sem reclamar, pelo contrário, demonstrando todo seu contentamento de realiza-los. O atleta de aventura considerado legítimo pela maioria das pessoas deste grupo, portanto, é aquele que vê nas dificuldades das provas o trampolim não somente de sua vitória (que, como apontei no Capítulo 1, pode se constituir de maneiras diferentes, como competir contra a prova e contra si mesmo), mas de seu bem-estar e da reafirmação do seu estilo de vida e da experiência da aventura.

Em outubro a seguinte situação se desenrolou enquanto nos preparávamos na casa de um atleta para uma corrida de montanha que aconteceria em Petrópolis:

Acordamos cedo pra pegar a estrada até Petrópolis. Ana Paula foi a primeira a acordar e preparou todo café da manhã: melão, manga, café, bolo, requeijão, pães e frios. Chovia muito no Rio de Janeiro e o Geovane comentava: “É... se a galera queria perrengue, vai ter”, dizia isso rindo, com um certo ar de contentamento, já que em Petrópolis também chovia, como informado por outra atleta na noite anterior. [...]. Assim que chegamos ao local da prova e nos dirigimos aos organizadores para recolher nosso material, um dos responsáveis nos informou que o último quilômetro que seria de trilha tinha sido cancelado e outro trecho tinha sido demarcado no lugar, porque com a chuva as trilhas estavam muito escorregadias. Ana Paula, assim que soube, reclamou, dizendo que assim não tinha graça.[...] Já no carro, enquanto voltávamos ao Rio, Gustavo reclamava do trecho de trilha que tinha sido cancelado, dizendo que queria tê-lo feito e terminado a prova todo sujo de lama (Diário de campo de 18 de outubro de 2015).

A história corrobora o discurso de Ana Paula, muitos atletas compartilham de sua concepção e contam com orgulho dos momentos de dificuldade e esforço que passaram durante as provas. Um trecho do diário de campo deixa isso claro:

Conversando com um atleta ele contou que sua bicicleta havia quebrado “no início do trecho da bike” e que teve que terminar carregando-a. Disse que no começo tinha conseguido consertar mais ou menos a corrente que havia quebrado, mas logo depois ela quebrou de novo, e ele resolveu empurrar a bicicleta. Disse que chegou chorando porque tinha treinado muito pra essa prova, junto com o Francisco. Mas disse que tinha sido muito divertido. (Diário de campo de 7 de setembro de 2015).

O choro deste atleta reflete o instante de atravessamento daquele sofrimento, (imputado pela dificuldade de carregar a bicicleta durante quase todo caminho) que o impedia de realizar a prova tal como planejado e esperado durante os treinamentos. Mas o reconhecimento da diversão, findado todo o desafio, é a prova de sua legitimação enquanto um atleta de aventura. Outro atleta uma vez me falou: “Ah, eu gosto muito, é ruim, mas é bom (se referindo às corridas de montanha)! Eu gosto de sofrer.” Outra atleta, em entrevista após uma prova comentava: “É tão grande o sofrimento que você pensa: ‘gente, porque que eu faço isso?’ Mas, na verdade, é bom porque é ruim!”.

Recorrendo ainda aos vídeos que mencionei anteriormente, notei uma fala que auxilia na compreensão destas questões e da que desenvolverei a respeito ainda da concepção de sofrimento pelos atletas. Um atleta da Nova Zelândia, questionado a respeito dos riscos pertinentes às atividades, afirma que são justamente esses riscos que ele gosta. “Não gosto de viver no conforto”, afirma Nathan. Mais próximo de nós, posso recorrer a uma situação que vivenciei com José quando cheguei à sua casa para uma entrevista e perguntei: “E aí, já deu pra descansar da prova (o mundial que ele havia participado havia um mês desde a entrevista)?”. Ao que retrucou: “Ah, deu pra descansar, mas eu já tô louco aqui. Tu chega todo ferrado, mas esse negócio de conforto, de comodidade não é comigo...Já tô doido pra ir pro mato.”

Pode-se dizer que esse sentimento de desprezo ao conforto e de desejo pelo sofrimento e pelos riscos possibilita refletir sobre o tipo de “integração” que estes atletas possuem com o mundo onde vivem, seja nas corridas ou fora delas. Pode permitir também entender onde está o “lôcus operativo” (CSORDAS, 2013) da agência destes indivíduos.

Se nos basearmos nos conceitos de habitus e campos (BOURDIEU, 1983, 2001), exclusivamente, estaremos falando em termos de interiorização de condições objetivas delimitadoras de práticas. Mas, incluindo aqui a discussão que já havia feito no Capítulo

2 quando estabeleci um paralelo entre os conceitos de habitus em Mauss e os conceitos de sexo e gênero em Simone de Beauvoir, e a desconstrução do conceito de gênero por Butler, notamos que as concepções de habitus, tanto em Bourdieu quanto em Mauss, expõem o corpo como matéria de inscrição simbólica da cultura. Neste sentido, se aprofundarmos um pouco mais a questão, poderemos incorporar a esta discussão parte da análise de Michael Jackson (2010), em relação ao rompimento no habitus. Essa perspectiva é interessante porque permite compreender justamente os “conflitos” no interior da constituição do campo em questão, não apenas entre os agentes, mas entre os elementos constituintes e entre estes elementos e os de outros campos relacionados à prática de corridas de aventura e de montanha. Como exemplificação pode-se recorrer à constituição do significado em torno da dor e das noções de conforto que a medicalização proporciona à sociedade e que são englobadas, de certa maneira, por elementos constituintes do campo esportivo aqui mencionado.

Jackson faz uma análise de rituais de iniciação, observados durante seu trabalho de campo no norte de Serra Leoa, na aldeia kuranko de Firawa, na década de 1970. Conta ele que, nestes rituais, as mulheres se vestem de homens e imitam movimentos da dança dos homens, seu rosto, sua expressão. Para este autor, a inversão de papéis nos rituais kuranko são rompimentos nos hábitos que “deja abierta a la gente posibilidades de comportamiento que incorporan pero que ordinariamente no están inclinados a expresar” (2010. p.72). Mas, para além disso, Jackson acredita que “ a partir de la fuerza de estas posibilidades extraordinárias la gente controla y recrea su mundo, su habitus” (p.72).

Minha sugestão é que esta forma de encarar o conforto do cotidiano e ir em busca do seu oposto, sugere essa recriação de um habitus, mais especificamente aquele ligados as representações em torno da dor e do conforto, como já dito. Representações que compõem “o modelo societário moderno (LUZ, 1988; ORTEGA, 2008), no qual o conforto passou a ter papel fundamental na organização da vida cotidiana e na economia (VINCENT, 1992).” (SABINO E LUZ, 2014, p. 468).

Embora Jackson se refira a ações de atuação e mimesis, e nas corridas pareça haver mais uma nova configuração do que uma atuação ou imitação de outras práticas, esse conceito de rompimento de um habitus e criação de outro e do próprio “mundo” dos atores parece contribuir para a compreensão das questões anteriormente mencionadas.

É interessante notar a análise aqui proposta em relação àquela proposta por Elias e Dunning (1992). Cogito uma recriação de um habitus por considerar uma perspectiva conflitiva na constituição desse campo esportivo em relação a outros campos e aos elementos dentro dele mesmo, como já mencionado. Por outro lado, não considero que a busca por situações com riscos, tensões e desgastes físicos, em oposição ao conforto do cotidiano, se enquadrem na perspectiva dos autores supra citados, isto é, não acredito na justificativa desse significado como apenas uma busca por excitações, como propõem Elias e Dunning. A perspectiva destes autores é de que, nas sociedades avançadas, a demonstração de sentimentos, a liberação intensa dos impulsos tem um campo de ação extremamente limitado, as agitações acentuadas a grande impulsividade são tão reprimidas que as pessoas que não podem controlá-las são casos de hospitais e prisões. Contudo, essa repressão dos sentimentos mais fortes, dos impulsos afetivos e emocionais, acaba fomentando novas tensões. Como reação a essas novas tensões, a maioria das sociedades desenvolve medidas em contraposição aos stress que elas mesmas produziram. Portanto, para esses autores, a função geral das atividades do lazer é proporcionar excitações agradáveis, é no lazer que as fortes emoções se expressam publicamente e com aprovação social. Há ainda, na análise destes autores, uma categoria específica, que nomearam “miméticas”. Essas atividades, longe do que o nome pode sugerir, não são representações dos fatos da vida real, mas manifestações de emoções que se relacionam com as que se vivenciam em situações da vida real e que “são transpostas e combinadas com uma espécie de prazer” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.125). Na questão aqui colocada, a busca pela excitação destes atletas (ocasionada pelos riscos e esforços que estão expostos) não parece ser essa transposição de tensões da vida cotidiana, ainda que combinadas com certo prazer. Se, na obra destes autores, a vida cotidiana é repleta de tensões desagradáveis que não podem ser manifestadas ou expressadas, no caso dos atletas a minha hipótese é que o cotidiano é composto de confortos e comodidades que não proporcionam a excitação que gostariam, ou por tensões negativas que não valem a pena, sendo os esportes de aventura as formas de criar tensões que não existem nos outros aspectos da vida e que são agradáveis de serem vividas. É fundamental ressaltar que essas emoções agradáveis estão ligadas ao que expus anteriormente a respeito da concepção de sofrimento. Como mencionado, o sofrimento, como significante flutuante, pode englobar muitos sentidos, entre os quais aqui as noções de “dificuldades” e “perrengues” estejam constantemente combinadas com divertimento e com o orgulho da superação de determinados obstáculos.

Essa recriação do habitus por meio da busca pelo sofrimento, dificuldades e riscos que as corridas oferecem, parece também estar vinculada à noção de *self*, como já mencionado em páginas anteriores. Se, no fisiculturismo, as dores são purificadoras, responsáveis por uma noção de perfectibilidade humana, como sublinhou Sabino (2005), nos esportes de aventura o aperfeiçoamento por meio da superação dos limites corporais acontece por meio da vitória do indivíduo sobre estes aspectos das corridas: os obstáculos, as dificuldades, os sofrimentos, os esforços e desgastes físicos. Aqui se relaciona a questão dos sofrimentos como experiências da aventura que singularizam os indivíduos e que são expressas pelas histórias que se contam, como eu tinha dito no Capítulo 1. A coleção destas histórias, sempre particularizadas pela experiência individual, embora compartilhada por outros integrantes de equipe, é o que singulariza o atleta. É a marca da atomicidade do indivíduo e a legitimação dele enquanto atleta de aventura. Podem, então, ser consideradas marcas corporais como símbolos de distinção.

Se a construção da corporalidade para estes atletas acontece *apesar* da dor, no caso do sofrimento ele é uma via, ocorrendo, portanto, a significação e redefinição dos limites *através* do sofrimento. Em entrevista a um atleta, buscando entender melhor a frase “é bom, porque é ruim!”, dita por sua dupla em um vídeo onde eles falam sobre suas percepções da corrida de aventura, ele me deu a seguinte explicação que resume bem o que venho tentando dizer:

Edgard: É bom porque é ruim e se piorar melhora! A corrida de aventura te priva de algumas coisas que você tem, teoricamente, fácil, ou que você tá acostumado e aí você valoriza ainda mais a vida, valoriza a união, você tem uma pessoa do lado, se você tivesse sozinho ali seria totalmente diferente. Então o simples fato de você ter uma pessoa do lado pra compartilhar seu sofrimento, pra compartilhar a vitória, o simples fato de você não ter uma água pra beber na hora que você quer beber, não ter a comida que você quer, ter que se esforçar pra alcançar teu objetivo, isso aí tudo te dá força e te dá experiência pra que você no teu dia-a-dia, no teu trabalho, na sua vida. Você tenha mais paciência, tenha mais perseverança, mais resiliência, então acho que é uma maneira da gente se fortalecer. Eu vejo isso... tem muitos amigos meus que vão pro exército e vão ser educados no exército, algumas conversas que eu tenho com eles a gente vê justamente que é um pouco isso, você fica longe da família, você começa a valorizar tua família, você se priva de água, você começa a valorizar o simples fato de ter água pra beber, de ter a comida, você tem um horário certo, então você fica mais organizado, planejamento é mesma coisa na corrida de aventura, se você não tiver um bom planejamento antes da prova, por mais que você tenha um bom preparo físico, por mais que você tenha o melhor material, você não vai ganhar a prova. Então todas essas coisas a gente leva pra vida e é

uma maneira da gente se desafiar se reentender e tá conseguindo cada vez mais se fortalecer, ganhar experiência...

Aqui, essa negociação do indivíduo com estes elementos parece contribuir para elevá-los, torná-los não apenas atletas melhores, mas indivíduos melhores, porque o atravessamento dos obstáculos interpostos transforma o estado inicial destas pessoas. Um atleta resumiu isto da seguinte maneira: “Sem sofrência não tem evoluência”, um jargão caricato e comum do significado do sofrimento para estas pessoas. Cabe aqui, portanto, uma correlação desses sacrifícios, isto é, da renúncia do seu bem-estar para alcançar a meta estabelecida, da consagração do seu esforço para atingir a vitória, com o conceito elaborado por Hubert e Mauss (1999) sobre o sacrifício. Para os autores, muitas crenças e prática sociais, não necessariamente religiosas, relacionam-se ao sacrifício, neste caso, veremos que as atividades de aventura não fogem a essa afirmação. Em “*Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício*”, Mauss e Hubert pretendem explicar que o termo sacrifício está diretamente ligado à ideia de consagração, onde um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso, sendo, portanto, consagrado, tendo sido religiosamente transformado. Os autores definem sacrifício como “um ato religioso que, pela consagração de uma vítima, modifica o estado moral da pessoa que o realiza ou de certos objetos pelos quais ela se interessa” (1999, p. 151) e diferenciam sacrifícios pessoais de sacrifícios objetivos. O primeiro diz respeito àqueles onde a personalidade do sacrificante é diretamente afetada, e o segundo refere-se à ação sacrificial sobre objetos reais ou ideias.

Embora, nos esportes de aventura, a noção de religião não apareça necessariamente no sentido deístico (e digo necessariamente, porque presenciei muitos destes atletas dando “glórias a Deus”, ou exaltando sua divindade diante do alcance de determinado feito nas provas), esta concepção está presente no sentido durkheiminiano, onde a crença se expressa em uma representação da relação entre o sagrado e o profano. No caso das corridas de aventura e de montanha o elemento principal desta crença é o de uma religação do homem com a natureza. Aí, portanto, aplica-se a ideia de uma “*transcendência na imanência*, em que a relação com o sagrado não se dá a partir da mediação da Igreja, mas sim num plano individual, imanente” (STEIL; TONIOL, 2011, p.46), em uma referência ao que Campbell (1997) chamou de “orientalização do ocidente”. O sacrifício toma lugar neste aspecto, promovendo uma modificação não apenas do estado moral, mas ético e identitário, de seus praticantes. Mauss e Hubert

propõem que não há sacrifício onde não tenha alguma coisa de contratual, neste caso, o atleta estabelece um licenciamento com as dores e sofrimentos, consigo mesmo até, e com a natureza, que pode lhes oferecer o risco, a beleza, e a aventura, em troca da superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pórtico da chegada

A conhecida afirmação de Geertz (2011) sobre a incompletude da análise cultural, usada por muitos pesquisadores, mais do que sublinhar o caráter inacabado das análises culturais e das próprias ações culturais, indica a possibilidade de estender e aprofundar estas análises sempre que possível. Essa incompletude, portanto, é ambigualmente boa e ruim. Ruim porque pode deixar a sensação, no pesquisador, de que nunca poderá “aparar todas as arestas” de sua investigação e boa porque é justamente essa característica que fomentará não apenas novos trabalhos, mas novas interpretações dos fatos sociais. Interpretações que permitem a proliferação de, cada vez mais, novos olhares sobre o mesmo tema, o que é extremamente enriquecedor. Se, como eu disse na introdução desta dissertação, o campo dos estudos sociais do esporte ainda possui uma lacuna muito grande nas pesquisas sobre outras práticas esportivas que não apenas o futebol, aqui busquei preencher parte dessa lacuna; mas, por outro lado, novas lacunas vão se abrindo justamente pela incompletude desta obra. Notem que o processo se torna cada vez mais abrangente: desfaz-se um vazio aqui e tantos outros surgem ali.

Embora estes vazios tenham me incomodado, busquei amparar esta angústia na “sinceridade metodológica”, em que busquei expor de onde vim e até onde pude ir. Foram nestes aspectos que baseei todo meu esforço em apresenta-los os processos de construção de corporalidades nas corridas de aventura e de montanha. Mesmo que eu tivesse expectativas que me conduziram, inicialmente, a observar um tipo de relação entre natureza e cultura que se expressou de maneiras completamente diferentes do que havia imaginado. Foi no processo de construção da pesquisa, sobretudo na observação participante, que estas expectativas frustradas se tornaram em uma nova forma de enxergar os dados construídos em campo. Somente no processo de diálogo com o outro é que eu aprendi a ver o que eles queriam me mostrar, não o que eu queria encontrar.

A observação participante teve não apenas um papel importante, mas fundamental na compreensão de muitas questões que elaborei aqui, principalmente pelas questões que expus na introdução, onde aponto para a concepção de Bourdieu e Wacquant (2002) de um conhecimento que se dá com o corpo e por meio dele. Muitos elementos eu

jamais entenderia se meu corpo não estivesse disponível para experimentá-los. Recordo dos primeiros meses de trabalho, antes de me matricular na assessoria, que observava os treinos e não entendia absolutamente nada da linguagem que utilizavam entre si, embora eu tenha me formado em Educação Física e tivesse tido acesso a muitas formas de treinamento (aqui mais uma vez aquele aspecto sublinhado por Velho (1981) se destaca: o familiar nem sempre é conhecido). Eu não entendia a forma como utilizavam certos termos, não entendia a importância que davam. Depois que me matriculei, comecei a compreender como os elementos se articulavam e como os atletas significavam suas práticas por meio deles. Isso não significa, por outro lado, que o fato de eu ter compreendido estes elementos, que eles façam sentido de forma totalmente coerente, como a lógica que Foote Whyte (2005) diz ter encontrado no “caos” da “Sociedade de Esquina”. Por exemplo: destaquei uma característica performativa no fazer destes atletas, que se constitui de um valor de força que se afirma na estilização de suas ações, isto é, na maneira como articulam as mensurações e quantificações presentes nos treinamentos, com outros componentes constitutivos de suas corporalidades e práticas esportivas. No entanto, por outro lado, o que pareceria um apagamento entre as fronteiras da natureza e da cultura, como assim funcionam os conceitos diante da argumentação de Butler (2002, 2006), que usamos como fundamento epistemológico para construir a ideia de performatividades esportivas, na verdade é apenas parte da maneira como as corporalidades são construídas, de maneira paradoxal, até, já que em outra medida, estes atletas significam a relação corpo/mente, a partir do paradigma cartesiano.

Retomando então algumas questões, o que eu gostaria de enfatizar é a possibilidade de construir alguns conceitos de maneiras menos rígida e de desconstruir outros que vêm sendo incorporados do senso comum. O conceito de aventura, por exemplo, que está sempre articulado a uma noção de imprevistos e aos apelos do “risco calculado”, digamos assim, no contexto estudado, contudo, tomou uma forma diferente. Foi incluída à sua significação, as noções de competitividade e cooperação e a experiência no meio ambiente, inserindo aí as histórias que se contam. A própria noção de competitividade adquire novo formato com o tipo de conceito de competição que vem sendo atrelado ao esporte. Daí problematiza-se o conceito de “indivíduo conquistador” que Ehrenberg (2001) relacionou ao “culto da *performance*”, por sua vez também relacionada ao esporte como referencial para a humanidade. A cooperação, por seu turno, somou-se a competitividade para acrescentar novos significantes ao conceito

de esporte. Sublinha-se, com isso, também a possibilidade de pensar as características que Elias e Dunning (1992) e Guttman (1978, 2004) imputaram ao esporte moderno, de maneira mais matizada.

Os significados que são construídos em relação às dores e sofrimentos nos esportes, também mereceram minha atenção. Embora alguns autores já destacassem a possibilidade de pensar a dor, dentro do campo esportivo, de maneira mais relativizada, como Sabino e Silva, era preciso levar essa questão ainda mais ao seu limite, justamente porque dela emergiu uma possibilidade de pensar o sofrimento para além de modelos que, ao meu ver, foram sendo eleitos como prototípicos para pensar como determinados grupos dão significado a ele. Neste sentido, apontei para a possibilidade de pensá-lo como significante flutuante, adotando esta concepção de Rodrigues e Caroso (1998), que, vai tomando suas formas, à medida que os indivíduos em seus contextos vão elaborando seus sentidos. No caso, dos esportes de aventura, por exemplo, este conceito é positivado, porque combinado com a possibilidade dos atletas se divertirem com a experiência da aventura, que é, segundo eles mesmo dizem “um perrengue só”.

Por fim, todos estes aspectos se coadunam para complementar o significado da experiência destes atletas nestes esportes. Vale ressaltar que, em alguns critérios, as corridas de aventura diferem das corridas de montanha, sendo incutidos outros significados para as mesmas práticas, no entanto, existe ainda um compartilhamento de sentido em ambos os esportes porque os atletas, constantemente interagem entre si, e se revezam, por assim dizer, na prática dos dois esportes estudados. De qualquer forma, os significados em torno dos três eixos que apresentei (*aventura-performance-sofrimento*), se combinam de maneira que revelam a construção de corporalidades em um esporte que se estende para além dele, contribuindo para construção do *self* destas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo. Vinte anos de Ciências Sociais e esportes, 10 anos depois. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p. 17-30, 2. sem. 2011

ALVES, Lânia Isis Ferreira; SILVA, Mônica Maria Pereira; VASCONCELOS, Kelton Jean C. Educação Ambiental Em Comunidades Rurais De Juazeirinho-Pb: Estratégias e Desafios. In: *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v.19, p. 110-121, Julho a dezembro de 2007.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *A condição humana*. São Paulo: Forense, 1981.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. - Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Editora: Artes Médica, 1990 [1962].

BANDEIRA, Marília Martins. *No galejo da remada* : Estudo etnográfico sobre a noção de aventura em Brotas, SP. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, 2012.

BARBOSA, Livia. Feijão com Arroz e Arroz com Feijão: o Brasil no prato dos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez. 2007.

_____. Tendências da alimentação contemporânea. In: PINTO, Michele de Lavra; PACHECO, Jane K. (org.). *Juventude, consumo e educação* (2), Porto Alegre: ESPM, 2009.

BENSON, Hugh. H. *Platão*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BIONDI, Angie Gomes. *Corpo sofredor*: figuração e experiência no fotojornalismo. Tese. (Estudos de Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BORGES, Raphael Loureiro. *Corrida de aventura e risco*: Um estudo etnográfico. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, p. 136 – 163, 1983.

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte* – Uma Introdução, 3^aed.. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BROHM, Jean-Marie. Sociologie politique du sport. In : BERTHAUDE, G. e col. *Sport, culture et répression*. Paris: p. 16-31, 1976.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan* – Sobre os limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós, 2002.

- _____. *Deshacer el género*, Barcelona, Paidós, 2006.
- CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Portugal, 1990.
- CAMARGO, Robson Corrêa. Performance e performance art: superar as velhas traições. In.: CAMARGO, R. (org) et Alli. *Performances da Cultura: Ensaios e Diálogos*. Goiânia, Kelps, p. 19-30. 2015 Disponível em: <http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/robson-performance_superar_velhas_traies_14pgs_28nov15.pdf> Acesso em: 06 mar. 2016.
- CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, ISER, v. 18, n. 1, pp. 5-22, 1997.
- _____. *The romantic ethic and the spirit of modern consumism*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 11 ed. SP: Editora Cultrix, 1996.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*. Campinas, v. 11, n.2, p. 289-305, 2008.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro Drama, ritual e performance em Victor Turner. *Sociologia & Antropologia*, v. 03.06, p.411-440, Novembro, 2013.
- _____. Drama social, notas sobre um tema de Victor Turner. *Cadernos de Campo*, ano 16, n. 16, p. 127-138, dez. 2007.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CORBIN, Alain. Dores, Sofrimentos e misérias do corpo. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. 3 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre, Ed.UFRGS, 2008.
- _____. Fenomenologia cultural corporeidade: agência, diferença sexual, e doença. *Educação*. Porto Alegre, vol.36, no.03, p.292-305, Dez 2013,
- DA MATTA, R. (Org.). *O universo do futebol: Futebol e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982

_____. O ofício do etnólogo ou como ter Anthropological Blues. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DAMO, Arlei Sander, OLIVEN, Ruben. George., GUEDES, Simoni Lahud. Apresentação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 7-17, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a01v1430.pdf>> Acesso em: 06 mar. 2016.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007.

DAWSEY, John C. Sismologia da performance: ritual, drama e play na teoria antropológica. *Rev. Antropol.* v.50, n.2, São Paulo dez. 2007. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41616690>> Acesso em: 06 mar. 2016

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade*. São Paulo: 34, 2001.

DIAS, Cleber; MELO, Victor. e ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Rev. Port. Cien. Desp.* [online], vol.7, n.3, p. 358-367, 2006.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Investigação antropológica sobre doença, sofrimento e perturbação: uma introdução. In: DUARTE, L.F.D. & LEAL O.F. (Orgs.) *Doença, Sofrimento, Perturbações: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1998. p. 9-27.

_____. O paradoxo de Bergson. Diferença e Holismo na antropologia do Ocidente. In: *Mana*, vol 18, número 3, dezembro, 2012

EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris, France: Fayard, 323 p, 2011.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., v. II, 1993.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*, Lisboa, Difel, 1992.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans. *Witchcraft, oracles and magic among the Azande*. Oxford, Clarendon Press, 1937.

FONSECA, Ingrid Ferreira. *Sociabilidades em um Clube de Malha: Perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2015.

GASTALDO, Edson. *Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação*. Logos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, jul. 2010

GEERTZ, Clifford. Do Ponto de Vista dos Nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

- _____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GOFFMAN, Erving. (1959), *The presentation of self in everyday life*. Garden City, NY, Doubleday.
- _____. *Interaction ritual*. Garden City, NY, Doubleday. 1967
- GUEDES, Simoni. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p. 31-43, 2. sem. 2011.
- _____. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record*. New York: Columbia University Press, 1978.
- GUTTMAN, Allen. Visando a Modernidade: arco e flecha e a modernização do Japão. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 5-17, set./dez. 2004.
- HELAL, Ronaldo. *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Natureza e a Função do Sacrifício. In: *Ensaio de Sociologia*, 2º ed., São Paulo, Perspectiva, p. 141- 227, 1999.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- JACKSON, Michael. Conocimiento del cuerpo. In: CITRO, S. (coord.) *Cuerpos plurales*. Buenos Aires: Biblos, 2010.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A dor como objeto de pesquisa social. *Ilha*. Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 1, n. 0, p. 71-83, out. 1999
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social*. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012.
- LE BRETON. David. *Antropologia do Corpo e da Modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes; 2011.
- _____. *Antropologia da dor*. São Paulo: Far-Unifesp, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.
- _____. *Tristes Trópicos*. Lisboa/São Paulo: Ed.70/Martins Fontes. 1981
- LOPES, José Sérgio Leite. Sobre os processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas de participação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n.25, p.31-64, jan/ jun. 2006.
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; AZAZIEL, Marcus; FRANCA, Nahyda. *Educação Ambiental em Unidades de Conservação*, Rio de Janeiro: Ibase/Ibama, 2006.
- LUCAS, Maria Elizabeth. Apresentação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 7-11, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a01v1124.pdf>> Acesso em: 06 mar. 2016.

- MAIA, Rousiley. C. M. . Forma e Experiência: a visão ambivalente de Simmel. *Logos*, Rio de Janeiro: UERJ, p. 1-14, 1999.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: _____. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril, 1976.
- _____. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MARINHO, Alcyane. *Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva*. (Dissertação de Mestrado). Campinas: Unicamp, 2001.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e Anthropologia*. PUF, (1936) 1974, p. 368-369
- MELO, Marília Loschi. *A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010
- MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: *História do Corpo. As mutações do olhar. O século XX*. CORBIM, Alain. COUTRINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (org). Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- MOURA, Drayfine Teixeira. A ética dos estoicos antigos e o estereótipo estoico na modernidade. *Cadernos Espinosanos*, v. 26. São Paulo, p. 112-115, 2008.
- NETO, Onofre Alves; COSTA, Carlos Maurício Castro; SIQUEIRA, José Tadeu. T.; TEIXEIRA, Manoel Jacobsen (org.). *Dor, Princípios e Prática*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Visão Dionisíaca do Mundo*. Trad. M. S. Pereira Fernandes e M. C. dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *O Nascimento da Tragédia*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NOBREGA, Terezinha Petrúcia. Corpo e Natureza em Merleau-Ponty. *Porto Alegre*, v. 20, n. 3, p. 1175-1196, jul./set. de 2014.
- OLIVEIRA, Cilene Lima. *Observatório dos esportes na natureza: o curso básico de montanhismo (CBM) do Clube dos Excursionistas do Rio de Janeiro (CERJ)*. Relatório de Iniciação Científica, UFF, 2013
- PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens. In.: *Série Antropologia*, nº 102. Brasília, 1990.
- _____. Temas ou Teoria? O estado das noções de ritual e de performance. *Campos*, 7(2): 9-16, 2006
- PERUCCHI, Juliana. Para uma análise sobre a incorporação de disposições normativas de prescrição dos corpos na contemporaneidade. In: SOUSA FILHO, A. *Bágoas: revista de estudos gays* . Nº 7 – vol. 6. Natal: EDUFERN, p. 81-97, 2007.
- PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *D.E.L.T.A.*, vol. 23, nº 1, São Paulo, pp.1-26, 2007.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, Saúde e Doenças. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo: Da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, vol. I. 2008

PUTTINI, Rodolfo Franco; JÚNIOR, Alfredo Pereira. Além do mecanicismo e do vitalismo: a "normatividade da vida" em Georges Canguilhem. *Physis*, vol.17, nº.3, p.451-464, 2007

REBOLLO, Regina Andrés. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiae Studia*, 4.1, 2006

RIGAUER, Bero. *Sport und Arbeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*. nº. 10 – abril de 2012. pp.140-164. Disponível em: <<http://www.sexualidadsaludysociedad.org/>> Acesso em: 06 mar. 2016

RODRIGUES, Núbia; CAROSO, Carlos Alberto. Idéia de 'sofrimento' e representação cultural da doença na construção da pessoa. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel (Orgs.). *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 137-149, 1998.

ROJO, Luiz Fernando. “Vitória”: o gênero da mídia esportiva brasileira especializada na cobertura olímpica. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 2008.

_____. *"Vivendo 'nu' paraíso": comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Rio de Janeiro: Dígrafo Produção de Mídias Ltda, 2012.

SABINO, Cesar; LUZ, Madel T.. Forma da dor e dor da forma: significado e função da dor física entre praticantes de bodybuilding em academias de musculação do Rio de Janeiro. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 467-490, 2014.

_____. O uso ritual de esteróides anabolizantes em academias de musculação: uma abordagem antropológica. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2005.

SEABRA, Fabiano. *Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

SCHECHNER, Richard. *Performance Theory*, New York/London, Routledge, 1977

SILBERMANN, Marcos *No limiar do humano - Doping e performance esportiva em perspectiva antropológica*. 2014. 180 p. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Alan Camargo. *“Limites” corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, 2014.

SILVA, Rubens Alves. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais. *Horizontes antropológicos* (PPGAS-UFRS), Porto Alegre,

ano II, n. 24, p. 35-65, jul-dez 2005. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a03v1124.pdf>> Acesso em: 06 mar. 2016

SIMMEL, Georg. A filosofia da paisagem. *Revista política & trabalho*, João Pessoa, nº12, 1996.

_____. Subjective culture. In: D. Levine (org.), *On individuality and social forms*, Chicago, The University of Chicago Press, 1991.

_____. The adventurer. In: _____. *On Individuality and Social Forms. Selected Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991[1971].

SOARES, Antonio J. e LOVISOLO, Hugo. O futebol é fogo de palha: a 'profecia' de Graciliano Ramos. In: HELAL, R., SOARES, A. e LOVISOLO, H. (orgs.) *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas. *Cad. CRH*, vol.24, no.61, p.29-49, 2011

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. Form and Meaning of Magical Acts. In.: Robin Horton & Ruth Finnegan (orgs.) *Modes of Thought*. London: Faber and Faber, 1973 [1985]

_____. *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, p. 123-166. 1985.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996.

TURNER, Victor. *Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005 [1967].

TURNER, Victor. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. Nova York: PAJ Publications, 1982.

TURNER, Victor. *On the edge of the bush: Anthropology as experience*. Tucson: Arizona University Press, 1985.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974 [1969].

TURNER, Victor. *Revelation and divination in Ndembu ritual*. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester University Press, 1996 [1957].

TURNER, Victor. The anthropology of performance. In: *The Anthropology of performance*. Nova York: PAJ Publications, p. 72-98, 1987.

TURNER, Victor. *The drums of affliction: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia*. Oxford: OxfordUniversity Press, 1968

VALENTIM, Daniel Costa. *Unidos pelo controle: uma etnografia das práticas de sociabilidades dos cyberatletas do futebol digital*. Dissertação de mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. 2012.

VAZ, Alexandre Fernandez. Do culto a performance: esporte, corpo e rendimento. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, vol. 21, n. 1, setembro 1999a, p.100-107.

_____. Dos fenômenos sociais e suas ambiguidades: comentários de Theodor W. Adorno sobre o esporte. In: *CONBRACE*, 11, 1999b, Florianópolis. Anais.UFSC, 1999b.

_____. Técnica, esporte, rendimento. *Revista Movimento: Porto Alegre*. V.7, p.87-99, 2001.

_____. Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidades. *Esporte e sociedade: Rio de Janeiro*. V.1, n.1, p.1-23, 2005.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *Individualismo e Cultura* :Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p.121-132, 1981.

VÍCTORA, Ceres. G. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. RECIIS. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 5, n.4, p. 3-13, 2011.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify. 2010.

WAIZBORT, Leopold. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2006.

WHYTE, William Foote. Sobre a Evolução de Sociedade de Esquina. In: _____. *Sociedade de Esquina: Estrutura Social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

Outras referências:

“Primavera Silenciosa”, de Rachel Carson, Edição Melhoramentos, 1962.

Site:

<http://pccamp.tv/>

ANEXO I

RACE BOOK - 3ª ETAPA - ITAIPUAÇU / MARICÁ

Tipo	Modalidade	Observação	Local	Tipo	Modalidade	Observação
	Trekking	Largada às 8h. Respeite a Natureza. Atenção com veículos! Não jogue lixo!	PC 07 / AT 03 – Margem da lagoa	Picote	Canoaagem / Trekking	Os coletores e remos deverão Corte após 13h • Seguir para
Senha	Trekking	Memorizar ou Anotar a SENHA para retirar as bikes.	PC 08 – Arbustos	Picote	Trekking	Solo arenoso e vegetação b
Assinar	Trekking / MTB	Campo de Futebol.	PC 09 – Árvore isolada	Senha	Trekking	Memorizar ou Anotar SENHA
Picote	MTB	Picolar PC e seguir sentido Recanto/Canto da Praia.	PC 10 / AT 04 – Beira do Rio	Picote	Trekking / MTB	Informar a SENHA do PC 0 no próprio PC. Carregar tod
Picote	MTB	Atenção com veículos no trecho de asfalto (1,5km) Bares com estrutura para comprar comida e bebida.	PC 11 – Monte de Saibro	Assinar	MTB	CUIDADO com veículos na do PPO 2.
Assinar	MTB / Canoagem	Rio Taquaral. Estacionar as bikes no PC.	PC 12 – Arbusto	Picote	MTB	Arbustos no topo da trilha. Picolar e seguir rumo à CHI
Senha	Canoagem	Memorizar ou anotar SENHA para retirada das bicicletas no AT4.	Chegada – Fazenda Itaocaia	Assinar	MTB	Informar a FRASE compost PC de Chegada. PARABÊN

